



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

CELITO RIBEIRO

**Teatro em Sala de Aula: Uma
Possibilidade Metodológica para o
Ensino de História**

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Junho /2025



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA

CELITO RIBEIRO

**TEATRO EM SALA DE AULA: UMA POSSIBILIDADE
METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

CAMPO MOURÃO, PR

2025

CELITO RIBEIRO

**TEATRO EM SALA DE AULA: UMA POSSIBILIDADE
METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História

Linha de Pesquisa: Saberes históricos no Espaço Escolar

Orientador: Prof. Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes

CAMPO MOURÃO – PR

2025

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Ribeiro, Celito
Teatro em Sala de Aula: Uma Possibilidade Metodológica para o Ensino de História/Celito Ribeiro. -- Campo Mourão-PR, 2025. 125 f. : il.

Orientador: Bruno Flávio Lontra Fagundes.
Dissertação (Mestrado-Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Estadual do Paraná, 2025.

1. Educação E Escola. 2. O Teatro como Possibilidade no ensino de história. 3. Práticas preparatórias para Apresentação Teatral. 4. Avaliando o Teatro e o Ensino De História. I - Flávio Lontra Fagundes, Bruno (Orient). II - Título.

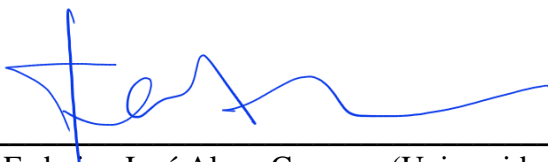
CELITO RIBEIRO

**TEATRO EM SALA DE AULA:
UMA POSSIBILIDADE METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

BANCA EXAMINADORA



Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes (orientador) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória (Universidade Estadual do Paraná – Unespar)



Dr. Federico José Alvez Cavanna (Universidade Estadual do Paraná – Unespar)

Documento assinado digitalmente
gov.br SONIA MARIA DE ALMEIDA IGNATIUK WANDERLEY
Data: 05/06/2025 16:55:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Sonia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ)

Data de Aprovação

05 / 06 / 2025

Campo Mourão – PR

DEDICATÓRIA

A todos os professores e professoras que dedicam a sua vida para a transformação, para uma sociedade mais justa e igualitária e principalmente a minha mãe Josélia de Matos Machado Ribeiro, mulher forte e corajosa que dedicou a me ensinar que a educação pode mudar o mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, a Deus pelo dom da vida e por me capacitar nas etapas da minha vida, pela minha profissão. Entendo que cada momento na vida tem um movimento de Deus.

Um agradecimento em especial a minha mãe Josélia de Matos Machado Ribeiro que sempre acreditou, confiou e dedicou sua vida para que eu pudesse ter uma educação para transformação e que sempre me dizia “se puder aprender a voar – voe”. Não teve a oportunidade de estudar e tinha um sonho de ser professora, mas almejou isso em mim e a outros irmãos que tivéssemos, participou das etapas de meu estudo a todo o momento, participando das reuniões de pais, associada à APMF – Associação de Pais, Mestre e Funcionários da escola – mesmo não sendo totalmente alfabetizada, aceitou o cargo de segunda secretária. Foi à única que esteve nas minhas formaturas do 8º ano e 2º Grau do curso Técnico em Contabilidade. Chorou quando estava numa situação difícil em pagar as mensalidades do curso de História. E certamente esteve em minha formatura de graduação em História. A minha mãe, todo meu amor, carinho e gratidão.

Agradeço ao meu pai, Italo Ribeiro (*in memoriam*) por todos os ensinamentos e pela luta em criar eu e meus 7 irmãos, sempre nos ensinando a ter valores, humildade, honestidade e se compadecer com sofrimento do próximo. Ao meu pai só tenho a agradecer por tudo que me fez.

A minha filha Letícia Ricardo Ribeiro, que é meu orgulho e o amor da minha vida.

Aos familiares e amigos que nos fazem rir, aprender a conviver, aprender a ser melhor.

Aos meus amados alunos meu carinho, amor e respeito por confiarem no meu trabalho e participarem efetivamente nesta pesquisa.

Aos professores do Profhistória: Divania, Fábio, Ricardo, Cynthia, Jorge e Eulália, todo meu carinho e amor, momentos únicos e que estarão sempre em minha memória pela dedicação, cuidado, comprometimento, amor pelo trabalho realizado e o amor com que fui tratado. Olhares atentos e cuidadosos, respeitosos ao meu trajeto de vida e zelosos no ensinar.

E, por fim, o meu carinho e agradecimento ao meu coordenador, professor e orientador Bruno Flávio Lontra Fagundes que, desde o primeiro momento, aceitou o desafio deste trabalho, a todo o momento me inspirando, ensinando, explicando, cobrando, orientando cada detalhe do tema. Sempre mostrou seu comprometimento, atenção e cuidado como coordenador do Mestrado Profhistória, cuidadoso, zeloso e dedicado em seu trabalho como

orientador. Não mediu horas e nem momento para dar o suporte necessário a esta pesquisa.
Meu carinho e eterno agradecimento.

RIBEIRO, Celito. **Teatro em Sala de Aula: uma possibilidade metodológica para o Ensino de História**. 125f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2025.

RESUMO

Esta pesquisa, vinculada ao Programa de Mestrado Profissional (Profhistória) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), investiga o uso do teatro como metodologia no ensino de História, no Colégio Estadual São Judas Tadeu (Quinta do Sol, PR). O objetivo principal é analisar a aplicação do teatro como ferramenta pedagógica como recurso principalmente para o ensino de história, buscando identificar seu potencial para estimular a observação e a análise comparativa de diferentes culturas ao longo do tempo. A pesquisa explora como o teatro pode tornar os alunos protagonistas no processo de ensino-aprendizagem, promovendo uma articulação dinâmica com o conteúdo histórico e o ensino-aprendizagem da História. Adicionalmente, são examinados os desafios e as possibilidades associados à utilização do teatro como metodologia de ensino e aprendizagem. A pesquisa foi desenvolvida com duas turmas de 2ª série, uma do Ensino Médio e outra de Formação de Docentes. O produto final da dissertação é a produção e encenação de uma peça teatral que apresenta a história da humanidade em ordem cronológica. O Tempo é o personagem central, representando as mudanças, transformações, rupturas e permanências da experiência humana. A encenação abrange desde os primórdios da humanidade, passando pela Pré-história, História Antiga (Egito, Grécia, Roma), Idade Média, Renascimento, e culmina no encontro entre portugueses e povos originários. A elaboração do roteiro, figurinos e adereços visa aprimorar a colaboração e a receptividade dos alunos em relação ao ensino de História. A proposta busca incentivar a reflexão sobre o passado, enfatizar o respeito pelas estruturas temporais e estimular a construção de uma sociedade mais consciente no presente e no futuro.

Palavras-Chave: Ensino de História, Saberes e Práticas no Espaço Escolar, Teatro, Metodologia.

ABSTRACT

This research, linked to the Professional Master's Program (Profhistória) at the State University of Paraná (UNESPAR), investigates the use of theater as a methodology in the teaching of History at the Colégio Estadual São Judas Tadeu (Quinta do Sol, PR). The main objective is to analyze the application of theater as a pedagogical tool, mainly for the teaching of history, seeking to identify its potential to stimulate observation and comparative analysis of different cultures over time. The research explores how theater can make students protagonists in the teaching-learning process, promoting a dynamic articulation with the historical content and the teaching-learning of History. Additionally, the challenges and possibilities associated with the use of theater as a teaching and learning methodology are examined. The research was developed with two classes of high school: the 2nd year and the 2nd year of Teacher Training in Early Childhood Education and the Initial Years of Elementary School. The final product of the dissertation is the production and staging of a theatrical play that presents the history of humanity in chronological order. Time is the central character, representing the changes, transformations, ruptures and permanence of human experience. The staging ranges from the earliest times of humanity, through Prehistory, Ancient History (Egypt, Greece, Rome), the Middle Ages, the Renaissance, and culminates in the encounter between the Portuguese and the native peoples. The elaboration of the script, costumes and props aims to improve the collaboration and receptivity of students in relation to the teaching of History. The proposal seeks to encourage reflection on the past, emphasize respect for the temporal structures and stimulate the construction of a more conscious society in the present and in the future.

Keywords: History Teaching; Knowledge and Practices in the School Environment; Theater; Methodology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Título do formulário de pesquisa realizada pelo Google formulário.....	46
Figura 2: Gráfico de agrupamento das respostas dos alunos (as) à pergunta: “Você gosta de peças teatrais?”.....	46
Figura 3: Gráfico de agrupamento das respostas dos alunos (as) à pergunta: “Você já foi alguma vez a um teatro?”.....	47
Figura 4: Gráfico de agrupamento das respostas dos alunos (as) à pergunta: “Você já participou de uma peça teatral com representação de algum tema relacionado ao um tema de História?”.....	47
Figura 5: Gráfico de agrupamento das respostas dos alunos (as) à pergunta: “Você acha que se podem aprender temas históricos com o teatro?”.....	47
Figura 6: Gráfico de agrupamento das respostas dos alunos (as) à pergunta: “Você acha que a metodologia de ensino de Teatro e História pode ser mais atrativa do que as aulas expositivas?”.....	48
Figura 7: Printscreen da imagem do RCO na opção Planejamento: Temas do 1º Ano do Novo Ensino Médio do 1º Trimestre – Componente Curricular de História.....	51
Figura 8: Printscreen da imagem do RCO na opção Planejamento: Temas do 1º Ano do Novo Ensino Médio do 1º Trimestre – Componente Curricular de História.....	51
Figura 9: Atividades de desalienação oral e corporal (2023).....	55
Figura 10: Atividades em equipes - junção das palavras - colaboração da Professora de Educação Física. (2023).....	55
Figura 11: Printscreen da enquete realizada pelos alunos (as) para escolha do tema.....	57
Figura 12: Alunas desfiando sacos de ráfia para elaboração dos figurinos indígenas (2023).....	58
Figura 13: Imagem do salão para apresentação com o Padre José (2023).....	59
Figura 14: Primeiro ensaio das coreografias referentes aos atos apresentados - dança tribal, egípcia, grega e indígena. (2023).....	61
Figura 15: Produção dos objetos para as cenas. (2023).....	62
Figura 16: Lanças produzidas pelos alunos representando as armas da Grécia Antiga (2023).....	62
Figura 17: Alunas do grupo coreográfico da Dança Grega. (2023).....	64
Figura 18: Folder convite produzido pelos alunos. (2024).....	72

Figura 19: Encontro com os alunos para “avaliar” a produção teatral (2024).....	74
Figura 20: Professora de Artes representando o personagem e a protagonista o Tempo (2024).....	75
Figura 21: Representação da cena sobre a Pré-história (2024).....	81
Figura 22: Representação da cena sobre o Egito Antigo (2024).....	83
Figura 23: Representação da cena a cidade-estado de Atenas (2024).....	85
Figura 24: Representação da cena sobre cidade-estado de Esparta (2024).....	85
Figura 25: Representação da cena sobre Roma Antiga – imagem selecionada na internet para apresentação no telão (2024).....	88
Figura 26: Representação da cena sobre a Idade Média (2024).....	89
Figura 27: Representação da cena sobre o Renascimento – – imagem selecionada na internet para apresentação no telão (2024).....	90
Figura 28: Representação da cena sobre o Encontro com o desconhecido (2024).....	91
Figura 29: Representação da cena sobre o Índio tem alma? – frases de reflexão (2024).....	92
Figura 30: Apresentação do grupo Por do Sol com a dança do Carimbó (2024).....	93
Figura 31: Comemoração e celebração com os alunos (2024).....	93
Figura 32: Foto de registro dos alunos participantes do teatro (2024).....	94

GLOSSÁRIO

BNCC – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

CREP- CURRÍCULO DA REDE ESTADUAL PARANAENSE

CENSE - CENTRO DE SOCIOEDUCAÇÃO

ERER – EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

NAP- NOVAS ARQUITETURAS PEDAGÓGICAS

OBMEP - OLIMPÍADAS BRASILEIRA DE MATEMÁTICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS

PCNS – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

RCO - REGISTRO DE CLASSE ONLINE

SEED- SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

SAEB- SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

SESI – SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1: EDUCAÇÃO E ESCOLA.....	22
1.1. O Teatro nas aulas de História e as normativas da BNCC.....	27
1.2. As Mídias Sociais: As vantagens e desvantagens e seu uso como recurso para o teatro.....	30
CAPÍTULO 2: O TEATRO COMO POSSIBILIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	35
2.1 A Interdisciplinaridade, Teatro e o Ensino de História.....	42
CAPÍTULO 3: PRÁTICAS PREPARATÓRIAS PARA APRESENTAÇÃO TEATRAL.....	45
CAPÍTULO 4: AVALIANDO O TEATRO E O ENSINO DE HISTÓRIA.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
APÊNDICES.....	103

INTRODUÇÃO

Sou filho de escola pública, e tenho orgulho de rememorar cada caminhada percorrida. Nascido de família de classe média no interior do Estado do Paraná, na pequena cidade de Sengés - no Norte Pioneiro do estado, caminho dos tropeiros, aproximadamente a 370 km da capital paranaense, onde vivi até os 23 anos. Tive o privilégio de ser de uma família de contadores de histórias, em especial meu avô Aparício Ribeiro, como também meu pai Italo Ribeiro. Meu pai foi um homem de grande sabedoria. Teve pouca instrução formal, pois estudou até a 4ª série do antigo colegial, porém foi autodidata, de caligrafia invejável. Foi leitor de grandes clássicos e conhecedor de escritores que fizeram a diferença na sociedade: sabia dizer a biografia dos autores e era um bom matemático. Contava “estórias” - como se dizia antigamente - a mim e aos meus sete irmãos, depois contaria para os netos e bisnetos. Assim, desta forma, o meio me influenciou para que eu também pudesse no futuro ser um contador de histórias.

Minha primeira experiência escolar ocorreu em 1983, um pouco traumática, pois a escola era tradicional e vivíamos ainda sob a ditadura militar. A escola era um lugar de rígido autoritarismo pedagógico, onde ocorreu um fato de violência advinda da professora que me fez perder o ano letivo. Numa atividade de coordenação motora no quadro de giz, eu deveria desenhar a letra “e” ininterruptamente da esquerda para a direita, e, inocentemente, eu produzia a atividade ao contrário, a professora, aos berros, interpelava, porém não explicava. Sendo eu uma criança de 6 anos, fiquei bastante assustado e com medo. A professora, dando prosseguimento às suas ações, puxou meu cabelo e bateu com a régua - como se eu a estivesse provocando. Porém, a Escola Estadual Professor Erasmo Braga, com Ensino de 1º Grau, me traz muitas lembranças boas - amigos, professoras, aulas etc. -, além de ter sido um local de muitas histórias, pois sua instalação havia sido o cemitério dos soldados que lutaram na Revolução de 1930. Muitas histórias já se contaram sobre este local. O pequeno vilarejo até então era a Vila de Jaguaricatú, distrito do município de Jaguariaíva, onde houve intensos combates entre as tropas getulistas e de Washington Luís.

Foi através das aulas de História, no quarto ano - antes chamadas de “Integração Social”, que tive a experiência de ouvir a história sobre o “Descobrimento do Brasil” e, ainda criança, pensei naquele momento em ser professor. Era o ano de 1987, e a minha professora estimada Roseli de Oliveira Magalhães, com seu olhar atento, percebeu que eu tinha facilidade em decorar os textos e me fez ter as primeiras experiências com o teatro. A partir daí, realizava encenações na escola e fazíamos os ensaios na casa da professora Roseli (para

mim, era um privilégio) - não havia uma formação de grupo - ocorria com turmas e alunos diferentes, dependendo das datas comemorativas eram alunos diferentes, porém sempre a professora me mantinha. Pelo fato de frequentarmos a mesma igreja, ela me incluía nas encenações de dias comemorativos da Igreja - o que foi fator determinante na habilidade da comunicação em público.

Em 1988 fui para o Colégio Estadual Presidente Costa e Silva com Ensino de 2º Grau. Fiquei apenas dois anos e fui estudar no período noturno na Escola Estadual Amélia Salmon. Neste período tive meu primeiro emprego no Banco Banestado como *office-boy*. Tempo maravilhoso e de ótimas recordações. Finalizando o ciclo da 8ª série retornei ao Colégio Costa e Silva para cursar o 2º Grau. Havia duas modalidades de cursos técnicos na época: o Magistério e o Técnico em Contabilidade. Eu queria fazer o Magistério, porém a direção da escola não autorizou, justificando que era um curso voltado para o público feminino. Assim, finalizei o curso Técnico em Contabilidade, quando tive bastantes desafios, pois trabalhava e estudava e as médias à época eram de 70% de aproveitamento. O percurso das escolas em minha vida foi importante, pois foi na escola que tive acesso a leituras de grandes escritores, a recitação de poemas e poesias, feiras de ciências, gincanas escolares e o acesso às pequenas pesquisas e atividades lúdicas com peças teatrais.

Em 2004, aquele sonho de criança tornou-se realidade, pois entrei no curso de História. Logo depois de terminado o curso, passei no processo seletivo de pós-graduação na UTFPR para complementar o aprendizado.

No ano de 2007 houve o concurso do Estado do Paraná para o magistério, onde fui aprovado. Em 2010 houve mais dois concursos seletivos na Prefeitura de Curitiba e no Estado de São Paulo e também ocorreu minha aprovação, mas decidi trabalhar no Governo do Estado e pela Prefeitura de Curitiba, por motivos da minha residência.

Em 2012, houve o chamamento para as assinaturas dos termos de posse para ambas as instituições - em fevereiro na Secretaria de Educação do Estado e em Junho na Prefeitura Municipal de Curitiba.

Iniciei oficialmente minhas atividades docentes trabalhando 60 horas semanais. Trabalhando em 3 escolas: Colégio Estadual São Cristóvão, em São José dos Pinhais, região quase central, durante a manhã, durante a tarde trabalhava na Escola Municipal Durival Brito e Silva, localizado no bairro Cajuru em Curitiba e, por fim, no Colégio Estadual do Campo Eunice Borges da Rocha, localizado na região rural de São José dos Pinhais, e me via numa maratona, tendo de me deslocar de uma escola para outra em função das responsabilidades de

horários, pois os colégios eram distantes um do outro e dependiam de pegar as rodovias federais, as BRs.

Fixei o padrão do Estado no Colégio Estadual do Campo Eunice Borges da Rocha, na cidade de São José dos Pinhais, onde permaneci durante sete anos. Fixei residência no local e iniciei minhas primeiras experiências metodológicas nas atividades voltadas ao uso do teatro.

No ano de 2016, durante a *Semana de Conscientização da História e Cultura Africana e Indígena* surgiram experiências com o grupo de estudos ERER. A minha participação se deu através de um convite para participar da Equipe Multidisciplinar. A Equipe Multidisciplinar são instâncias do trabalho escolar que conduzem atividades referentes à Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena. Anteriormente a esta semana, são realizados vários encontros durante o ano com temáticas estabelecidas pela Secretaria da Educação com abordagens e temas para a produção de atividades que conduzam à educação das relações étnico-raciais Afro-brasileira, Africana e Indígena.

Através dos encontros foi determinado que houvesse na semana de Conscientização da História e da Cultura Africana e Indígena várias atividades relacionadas às temáticas estudadas, assim como que cada professor e funcionários ficassem responsáveis em apresentar uma atividade juntamente com os alunos. Os funcionários realizaram comidas típicas durante a semana. Alguns professores trouxeram capoeirista para apresentação, outros apresentaram danças africanas e indígenas. Tive então a iniciativa de fazer o convite para os alunos que gostassem de participar de uma oficina de teatro e apresentação de uma dramatização teatral. O diferencial se fez a partir desta iniciativa, pois houve a participação integral dos alunos que se inscreveram. Nosso primeiro passo foi a escolha dos temas - foram dadas duas opções: trabalhar a história dos africanos numa visão de luta ou a história dos povos originários apresentando a chegada dos europeus às terras indígenas.

Após a escolha do tema, fomos para a produção do roteiro com a participação ativa dos alunos sobre o texto, dúvidas, sugestões, modificações e indicações. Percebemos que este momento havia sido muito importante, pois cada um contribuiu com a noção do que pouco já sabia sobre o tema, adquirindo, ao final, melhor domínio sobre o tema. Outro processo foi o estudo dos personagens e figurinos, fator muito importante, pois neste momento de viver os outros tiveram a oportunidade de se identificar com outra pessoa. Pesquisaram-se materiais utilizados pelos povos originários e europeus, como suas vestimentas, tecnologias, armas, utensílios, possibilitando perceber as diferenças culturais. A produção dos adereços, figurinos e cenário foi realizada com os materiais que tínhamos em mãos, adaptando-os o mais próximo

possível da pesquisa, o que foi um processo importante, porque os alunos usaram da criatividade para produzi-los. Por fim, nos ensaios, que foram em apenas duas manhãs completas, somando em torno de 9 horas de ensaio, mas que contou com bastante compromisso. Instruí os alunos que dessem vida ao personagem histórico, mostrando de forma mais real possível os sentimentos humanos: dor, alegria, sofrimento, angústia, assombramento, desespero, força, rejeição, preconceito.

Assim se deu a dramatização, uma em uma manhã de sexta-feira e outra no período da tarde na quadra do Colégio. Preparação, corações acelerados, nervosismos, expectativas, ansiedades. A dramatização aconteceu com muito cuidado em cada detalhe estudado, a cada gesto e passo dado por cada cena apresentada, enfim, o agradecimento ao público. Por fim, olhos cintilantes e alegres, sorrisos e alegrias. Deste trabalho, surgiu o convite para realizarmos apresentação no teatro do SESI, onde, devido à dinâmica de final de ano, mais o processo burocrático de fechamento letivo, impossibilitou a apresentação.

Iniciaram-se então outros trabalhos que acendiam mais em mim a paixão pela cultura e pela arte, os quais se aproximavam cada vez mais da minha disciplina de História.

As demais apresentações foram sobre a História do Brasil com alunos de diversas séries. Outros temas foram: a História do Quilombo dos Palmares, A Ditadura Militar no Brasil, A história do Holocausto e Um Olhar Africano.

O processo com o uso do teatro como método de ensinar história tinha um diferencial perceptível nas ações dos alunos, na proximidade do diálogo com os colegas e professor durante a produção do roteiro. Além do engajamento nas pesquisas, na produção dos objetos e vestuários, na apresentação da dramatização. Ou seja, era uma forma de aprendizagem usando a coletividade, a cooperação, aproximação para a realização de amizades, identidade, consciência do eu e do outro, as limitações de cada um, principalmente nos modos como pensamos, agimos, a cultura de cada um, e a própria vida. A meu ver e avaliar, o processo oferecia um ganho considerável no aprender história e nas relações ali firmadas.

Após a encenação, o brilho nos olhos de todos era evidente, pois se sentiram transmissores de uma mensagem que ecoava nos espectadores, pois todo o processo de ideias e pensamentos foram externados, de forma que alcançaram sua finalidade.

Em 2017, fui convidado para assumir o cargo de vice-direção do Colégio Estadual do Campo Eunice Borges da Rocha. Neste período de direção, a escola teve muitas movimentações com atividades lúdicas e teatrais, sendo uma delas o *Dia do Folclore* - elaborado pelas professoras de Língua Portuguesa apresentando peças teatrais diversas com os contos de Pedro Malazarte, Contos indígenas, cenas do sítio do Pica-Pau Amarelo de

Monteiro Lobato, enfim um dia marcante para os alunos, que apresentaram com dedicação e alegria.

Porém, como educadores estamos expostos a situações que nos fogem do nosso querer e poder. Infelizmente, durante o ano letivo de 2018 tivemos problemas muito sérios de violência por parte de um aluno que trouxe transtorno para uma comunidade inteira de 1500 alunos, pois este aluno, após inúmeras situações de indisciplina, quebra de regras e violências contra seus colegas, foi retirado legalmente pela *Promotoria Pública da Infância e Juventude* para um abrigo de adolescentes. Porém, o mesmo não obedecia à tutoria do abrigo e promovia ataques contra os alunos fora dos muros da escola e na saída dos alunos. No fim de setembro, juntamente com outro primo, ele desferiu um ataque à escola com um machado de mão, quebrando a porta de vidro de entrada da escola, além de quase machucar alguns alunos que estavam no pátio. Houve o recolhimento do aluno para a *Delegacia da Criança e do Adolescente* e no mesmo dia foi liberado. O aluno, então, começou um ataque furioso de ameaças contra a minha pessoa e aos alunos do Colégio. Suas ameaças se tornaram reais, pois, no momento em que eu e sua mãe estávamos no *Conselho Tutelar* fazendo o relatório, o aluno liga através de vídeo para anunciar a sua mãe que estava indo para o Colégio com uma arma, onde atiraria contra os alunos e, por último e no final, cometeria suicídio. Imediatamente houve o contato com as forças policiais para fazerem a proteção em frente à escola. Neste ínterim, eu e a mãe do aluno fomos à *Promotoria Pública da Infância e Juventude* solicitar ajuda, busca e apreensão do aluno. Assim foi expedido. Foram cinco dias de medo, apreensão, angústia - a escola teve que ser fechada por não garantir a segurança dos alunos e uma comunidade inteira sofreu com o medo e a tensão. A minha situação ficou bastante difícil e tive que me ausentar permanentemente desta escola já que o aluno não se conformava com sua saída da escola, culpando-me, e desferindo ameaças a minha pessoa e família dizendo que o tempo poderia passar, mas ele nunca esqueceria, e quando todos esquecessem, faria uma tragédia. Após saber do incidente, a Chefe da Secretaria da Educação Maria Vanei Rigonato Oratz conseguiu minha transferência para o NRE-SUL. Quanto ao aluno, no final de julho de 2024, após ter tido várias passagens pelo CENSE, acabou sendo vítima de assassinato após uma briga com o vizinho.

Em novembro de 2018 fui trabalhar no NRE-SUL. Período de muito aprendizado e, infelizmente, o enfrentamento da pandemia da COVID.

Em 2021, ainda traumatizado pela situação, resolvi mudar de município, vindo morar em Barbosa Ferraz e trabalhar na cidade de Quinta do Sol no Colégio São Judas Tadeu.

Em 2022, minha colega de área comentou que haveria o processo de seleção de mestrado do Profhistória - num primeiro momento pensei em não realizar o processo por motivos de que não há dispensas para realização do curso e também receio de não conseguir realizar o curso por me considerar incapaz de fazer um curso de mestrado. Outra colega de área já havia iniciado o curso, porém desistiu por motivos do tempo, porém incentivou para que fizesse a inscrição, pois minha outra preocupação era ter um pré-projeto - quando então ela me orientou que não era obrigatório no Profhistória possuir um pré-projeto. Desta forma realizei a inscrição e iniciei algumas pesquisas sobre as avaliações anteriores, enfim realizei a prova e obtive aprovação.

Em 2023, ao ingressar no Mestrado Profissional em Ensino de História, o Profhistória, pela Unespar - Universidade Estadual do Paraná, em entrevista com o Professor Bruno Flávio Lontra Fagundes, foi perguntado pelo professor se haveria condições de trabalhar o teatro com os alunos na escola em que sou lotado e de imediato interessei pela proposta por sentir confortável por ter havido experiências passadas em torno do teatro e ensino de história.

A experiência com o mestrado Profhistória está sendo muito importante para a quebra de tabus criados sobre o distanciamento da escola e o meio acadêmico, de pensar que a Universidade é para poucos.

Aos poucos, o medo e os tabus foram deixados e senti como se fosse filho do colegiado do Profhistória. Cada disciplina trouxe uma experiência nova de aprendizado, além de poder colaborar com o nosso trabalho em sala de aula. O prazer de estar participando do Profhistória é, e será, algo a ser sempre rememorado com uma turma comprometida, participativa, colaborativa. Eu e os colegas de turma dizíamos ser o 6º ano, pois todos gostavam de participar e colaborar com uma fala, experiência ou opinião. Fomos respeitados e respeitamos as opiniões e as diferenças nos assuntos e temas desenvolvidos.

Durante o percurso do curso fui sendo orientado pelo trabalho que desenvolveria com o teatro e o ensino de História. O professor Bruno foi apresentando preciosas informações, textos, orientações na construção que atravessamos neste trabalho de pesquisa. Referências teóricas, diálogos e relatos de experiências pessoais que o professor já realizara com o teatro e em ensino de história permitiram que me apropriasse de novos conhecimentos e sentidos, contribuindo para que a metodologia com o teatro alcançasse seu objetivo com o ensino de história.

Desta forma, neste trabalho, a partir das experiências vivenciadas num contexto escolar - passado e presente - apresentamos alguns aspectos fundamentais sobre o teatro como possibilidade metodológica no Ensino de História, valendo-se, aliás, num primeiro capítulo,

de um breve histórico da educação e sua contemporaneidade, sua nova normatização com a BNCC, os enfrentamentos atuais num diálogo sobre desinteresse dos alunos em aprender e as mídias sociais com suas vantagens e desvantagens. Num segundo capítulo apresentamos o teatro como possibilidade de ensinar história, trazendo referências autorais nos campos da educação e do ensino de história, apresentando a escola e o ensino de história e as outras metodologias que se somam para o fazer teatral, como a interdisciplinaridade. O terceiro capítulo apresenta as práticas preparatórias para a apresentação teatral, e por fim capítulo quatro “Avaliando o teatro e o Ensino de história” faz o fechamento com a análise das encenações gravadas em vídeo. Apresentamos os conceitos históricos, as contextualizações e principalmente o ensino de história através das cenas apresentadas. Desta forma os alunos puderem compreender que o teatro foi uma possibilidade de metodologia para que pudessem aprender e ensinar ao telespectador as cenas apresentadas e que as performances teatrais foram o meio para isto. Momento de avaliar o conhecimento apreendido e também de trocas de conhecimentos.

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO E ESCOLA

A escola, ao longo do tempo, tem sofrido inúmeras modificações por motivos das mudanças estruturais em várias áreas. Outra, a relação dos jovens com a escola mudou, pois, conforme Abreu, Bitencourt, Miziara (2006, p.5), o professor contemporâneo enfrenta diversas situações de desrespeito pelos pais, alunos e mesmo pela sociedade como um todo.

Considerando estes aspectos acima, citados numa comparação do comportamento de outras gerações, na perspectiva de Marchi (2010 p.5): “trabalhar com a História é uma atividade desafiadora e inquietante.”

A escola e os professores, pontuando principalmente a área de História, estão vivendo diariamente um espaço escolar bastante limitante e intensas dificuldades que não possibilitam a produção e a construção de espaços criativos. Nesse sentido, o teatro pode potencializar a dimensão criativa no Ensino de História, deslocando uma possibilidade metodológica em atividades que podemos desenvolver com maior significado, e não apenas para cumprir ações obrigatórias que talvez não alcancem aprendizagem.

É impossível falar de metodologias de ensino, conhecimentos, ensino-aprendizagem, currículo, planejamento, história, ensino de História, escola, sem antes fazer uma breve explanação histórica da educação no Brasil. É fato que a educação no Brasil teve um contexto de desagregação e exclusão democrática escolar. Haddad, Peregrino, Hartill, Demarco (2007, p.4) vinculados às desigualdades socioeconômicas, de raça e gênero, e territoriais. Bezerra (2011), assim retrata a História do Brasil

Marcada pela relação estabelecida com a igreja e o letramento durante o Brasil Colônia, ficando a cargo dos Jesuítas, outra pelo poder da elite e a política durante o Império, permeada também pela exclusão de gênero, classe social, além do não reconhecimento da educação como sendo importante por partes dos pais. Sendo assim, os pais, no período imperial, não colocavam seus filhos nas escolas ou, assim que aprendiam a ler e escrever, o retiravam da escola. Já durante a República, surgem personalidades extremamente importantes para a Educação como Anísio Teixeira, que combateu a educação restrita apenas para as elites e a aproximação religiosa, como também Paulo Freire que tem como proposta uma educação voltada para todos. Atualmente, muitos problemas ocorrem, pois o sistema precário educacional reflete-se em problemas sociais, pois se utiliza inadequadamente seu sistema de ensino, pois investe mais em educação do que alguns países desenvolvidos. (Bezerra, 2011, s.p.)

No cenário contemporâneo, tem-se discutido e evidenciado o enfraquecimento das instituições escolares e, conseqüentemente, as questões pedagógicas sobre o ensino-aprendizagem e também a relação do professor e sua autoridade pedagógica, além de uma

onda de violências que tem atingido inúmeras escolas com ameaças de ataques, infelizmente com vidas sendo ceifadas violentamente. As escolas, que deveriam ser um local de segurança, de aprender e de convívio social, não são. Neste sentido, Souza (2008, p.125) entende que:

Independente de seus tipos ou formas, atos de violência comprometem as relações sociais dos indivíduos que a sofrem e, particularmente, o desenvolvimento psicológico e emocional da criança, deixando sequelas, afetando nas brincadeiras, no desenvolvimento escolar e no dia a dia. Enfim, a criança que sofre algum tipo de violência, não tem um bom desempenho em suas atividades escolares e sociais.

Neste cenário, entendo que as violências na escola são motivadas por muitas situações como negligência e o abandono dos pais, a perda e a falta de valores, a violência familiar, preconceitos, racismo, e a próprias políticas públicas, que têm sido permissivas à legitimação da violência, porém o objeto deste trabalho com o teatro também intenciona as relações sociais. (Souza, 2008, p. 125). Quanto ao abandono, caracteriza-se pela ausência, parcial ou total, dos responsáveis na educação, e cuidados para com os menores, expondo-os a riscos maléficis (BRASIL, 2017).

Ainda Silva e Salles, (2010) faz um panorama sobre a violência nas escolas de que são várias frentes enfrentadas que culminam na violência: "O que especifica a violência é o desrespeito, a negação do outro, a violação dos direitos humanos que se soma à miséria, à exclusão, à corrupção, ao desemprego, à concentração de renda, ao autoritarismo e às desigualdades presentes na sociedade brasileira." Assim, Silva e Salles apresentam o reflexo da violência nas escolas, desta forma:

Nas escolas, segundo os professores, a violência está aumentando não somente do ponto de vista quantitativo como também do qualitativo. Os tipos de violência assinalados por eles como estando mais presentes no dia a dia escolar são as ameaças e agressões verbais entre alunos e entre estes e os adultos. Os professores em seus relatos têm destacado que a violência, principalmente o desrespeito, é uma constante no meio escolar. Eles indicam que a violência na escola pública está banalizada, provocando inclusive que vários atos deixam até de serem percebidos como violentos. Embora menos frequentes, as agressões físicas também estão presentes.

Além destes problemas da violência, a escola pública tem sofrido inúmeras críticas pela sociedade, pois se afirma que a escola não possui mais garantias de segurança e aprendizado.

Valendo da questão sobre estas críticas - segurança e aprendizado - podemos debater com autores que possuem um arcabouço consistente sobre a escola.

Nesse contexto, autores como Fernando Penna oferecem perspectivas valiosas para a compreensão dessa crise.

Penna, Aquino e Moura (2024, p. 6), por exemplo, argumentam que a crescente desvalorização da figura do professor e a erosão dos laços comunitários no espaço escolar contribuem significativamente para a sensação de insegurança e para a dificuldade de promover um aprendizado eficaz. Penna, Aquino e Moura (2024, p.5) destacam que "a escola, outrora um espaço de referência e socialização, tem se tornado palco de tensões e conflitos, reflexo de uma sociedade cada vez mais individualista e fragmentada". Essa fragilização dos vínculos interpessoais, segundo Penna, Aquino e Moura (2024, p.11), impacta diretamente a capacidade da escola de transmitir valores, conhecimentos e habilidades, prejudicando o desenvolvimento integral dos alunos e alimentando a percepção de que o ambiente escolar não é mais seguro nem propício ao aprendizado.

Assim, também a escritora Ana Maria Machado, ao ser entrevistada pela revista Rhyzos (2023) ¹, foi perguntada sobre qual o papel da escola para o incentivo do aluno, especialmente nos dias atuais. A escritora respondeu da seguinte forma:

A escola tem um papel importante na valorização desse conhecimento acumulado pela humanidade através dos tempos. É uma espécie de ponte que assegura que as crianças e jovens de cada tempo receberão uma parte de uma herança cultural a que têm direito e não pode deixar de lhes ser entregue. Além disso, é um espaço de convívio democrático por excelência. Um lugar onde cada um sai de seu ambiente familiar e entra em contato com indivíduos diferentes, que têm outra história pessoal, outras características, outras opiniões, outras experiências e precisam ser respeitados. É o ambiente ideal para começar a descobrir como somos todos diferentes e como nos assemelhamos em tantas coisas, apesar disso. (Machado, 28/03/2023, s.p)

Masschelein (2014, p.3) retrata que

A partir da segunda metade do século XX, no entanto, a própria existência da escola foi posta em questão. Radicais pró - “desescolarização” – talvez o mais famoso entre eles seja Ivan Illich – fizeram apelos influentes para liquidar a escola rapidamente, argumentando que as raízes do mal estavam na própria educação escolar e que a escola é criminosa na sua lógica institucional.

Contrariando as ideologias expostas na citação sobre a escola ser criminosa na sua lógica institucional - vemos a escola com um papel preponderante em motivar seus alunos a trazerem os interesses nas coisas. A questão é como a escola pode trazer elementos que possam motivar seus alunados. Respondendo a esta questão, Masschelein (2014, p.25) imprime suas impressões sobre o papel da escola:

¹ A Revista Rhyzos é uma revista eletrônica especializada em reportagens, artigos e entrevistas sobre educação.

Na medida em que o escolar está preocupado com a abertura do mundo, a atenção – e não tanto a motivação – é de importância crucial. A escola é o tempo e o lugar onde temos um cuidado especial e interesse nas coisas, ou, em outras palavras, a escola focaliza a nossa atenção em algo. A escola (com seu professor, disciplina escolar e arquitetura) infunde na nova geração uma atenção para com o mundo: as coisas começam a falar (conosco). A escola torna o indivíduo atento e garante que as coisas – destacadas de usos privados e posições – tornem-se “reais”. Ela faz alguma coisa, ela é ativa. Nesse sentido, não se trata de um recurso, produto ou objeto para utilização como parte de uma determinada economia. Trata-se do momento mágico quando alguma coisa fora de nós mesmos nos faz pensar, nos convida a pensar ou nos faz coçar a cabeça. Nesse momento mágico, algo de repente também nos faz estudar e praticar.

A escola que perpassa o tempo, a cada tempo sofreu as suas realidades temporais políticas, econômicas e culturais, e ainda sofre as críticas do seu tempo, pois as mudanças reverberam o comportamento das escolas, mas possibilitaram a democratização do conhecimento e do aprender para o bem comum.

Assim, a educação e a escola têm objetivos e finalidades que se reverberam sobre o conceito de *aprender* numa vontade própria e que haja apropriação do conhecimento, e para que isto ocorra o indivíduo terá que estudar, aprender no sentido de algo que você queira e guarde para você, e o ato de estudar é para além do aprender, pois para que algo se torne real é fundamental o ato de estudar.

Neste sentido, a autora Monteiro (2006, p.121) lembra-nos que a relação dos professores com os saberes que ensinam é um aspecto essencial da atividade docente e fundamental para a configuração de sua identidade profissional. No entanto, a autora aponta uma lacuna nas pesquisas em educação, que tradicionalmente se concentraram em outros aspectos do processo educativo, negligenciando a análise de como o conhecimento do professor se transforma em conteúdo de instrução.

Essa negligência, como aponta Monteiro (2006, p.122), pode ser atribuída ao paradigma da racionalidade técnica, que concebia o professor como um mero instrumento de transmissão de saberes produzidos por outros. Nessa perspectiva, o saber científico era apropriado pelo professor para ser "adequado" e "diluído" para os alunos, que, por sua vez, seriam "educados" e "disciplinados" para uma "vida melhor".

Outro fator importante a se discutir sobre as escolas também para o ensino de História atualmente são seus novos modos e modelos de ensino-aprendizagem, sendo uma delas as mídias, pois os meios eletrônicos estão atuantes frente aos alunos, com a Internet possibilitando o acesso à comunicação e à informação. Como dimensiona Demo *apud* Lopes (2016, p.161) sobre as mídias:

Não se pode pensar também que essas novas tecnologias irão substituir os professores, pelo contrário, “o protagonista das novas habilidades do século XXI não é propriamente o avanço tecnológico, por mais que isto seja decisivo, é o professor. A melhor tecnologia na escola ainda é o professor”

Nesta concorrência atual do uso da internet principalmente as mídias digitais e sociais Pintarelli (2014, p.7) constata, através de sua pesquisa, que no campo escolar

há um aumento destes problemas na transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, uma vez que, a partir de certa idade, há interferência do externo, ou do mundo lá fora. Sendo este externo a identificação que se refere a respeito das mídias sociais na relação com a infância.

Ou seja, as influências ou a capacidade de envolver as crianças para outras ações e atitudes, exemplo, a febre em realizar danças no aplicativo *Tic Toc*, fazer vídeos de seu cotidiano para se tornar influenciador digital ou ficar em jogos *onlines* como *freefire* que os tornam dependentes mais e mais de estar jogando, sendo assim Buckingham (2007) *apud* Pintarelli (2014, p.7) aponta as mídias como responsáveis por um amadurecimento precoce da criança e que daria “fim à infância”.

Porém, apesar de todos os avanços da mídia e do poder das telas sobre as crianças e adolescentes, o professor ainda possui um papel de extrema importância no seu ato pedagógico, que é insubstituível pelos recursos informacionais. Almeida (2017, p.52) assim retrata:

Se, por causa dos novos recursos como Internet, vídeos, tablets, televisão, o papel do professor como detentor do conhecimento, de fato, parece ter diminuído, a sua função como indivíduo de referência nos processos educativos se ampliou. Os jovens já aprenderam muitas coisas antes de entrar na escola, mas o que o professor ensina, pelo exemplo humano e pela reflexão sobre o conhecimento e seu significado para os indivíduos e os grupos sociais, nenhum desses meios de comunicação poderá substituir.

Outra situação problema enfrentada nas escolas é o desinteresse dos alunos. Percebe-se também uma grande falta de perspectivas dos adolescentes e jovens, e isto está diretamente ligado às condições financeiras e à desestruturação familiar, pois esta falta de perspectivas e objetivos gera desinteresse e indisciplina, dificultando a aprendizagem. Assim aponta Goulart (2022, p. 91):

Sabe-se que a preocupação com o desinteresse escolar dos alunos é uma questão pensada pela educação brasileira. Nas últimas décadas educadores em todo território brasileiro se mostraram preocupados com a questão da desmotivação escolar. Esse elemento silencioso e aparentemente despercebido, quando comparado a problemas mais evidentes como a indisciplina em sala, a violência na escola ou os baixos índices em avaliações externas regionais e nacionais, apresentou-se como um fator

crucial para impedir o avanço dos alunos em seus estudos, trazendo consequências prejudiciais ao rendimento e sucesso dos discentes e da própria unidade escolar, tais como: a) Entrevero entre alunos e professores; b) Evasão; c) Alto índice de progressão parcial; d) Reprovação.

Os professores têm sentido que, nas aulas expositivas orais, quase não há participação efetiva e ativa dos alunos, as aulas parecem um monólogo - por mais que sejam utilizadas manobras didáticas de perguntas, reflexões, problematizações, contextualizações, pequenos trechos de filmes, alguns três ou quatro alunos correspondem. Quanto aos alunos do Formação de Docentes, há maior participação, diálogo e interesse nos temas históricos.

Muitos desafios são percebidos com as turmas – imaturidade, dificuldades de interação entre eles, indiferença pela história e pelo ensino em geral, falta de empatia com o outro, difícil adaptação com o Novo Ensino Médio², dificuldades dos alunos do profissionalizante em adaptarem-se à escola integral - mesmo sendo sua permanência de apenas 2 (dois) dias - dificuldades em organização das tarefas nos meios digitais e as atividades presenciais, desinteresse nas aulas prontas do RCO + aulas³, indiferença em estudar para as avaliações e atividades complementares avaliativas.

Todos estes apontamentos de desinteresse, a falta de participação, as dificuldades em interação pessoal, as mídias, as dificuldades de organizar os cronogramas de atividades digitais e presencial estão discutidas pelas normativas da BNCC para o Ensino Médio. Sendo assim, buscaremos diálogo com a legislação e o objeto deste trabalho - teatro e ensino de História.

1.1. O teatro nas aulas de História e as normativas da BNCC

O uso do teatro favorece o desenvolvimento das práticas do ensino-aprendizagem, no desenvolvimento humano e no ensino de história - objeto desta pesquisa.

²A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional.

³É um módulo de planejamento que está disponível no Registro de Classe Online (RCO). Nele, o professor encontra planos de aula específicos para suas disciplinas e séries para as quais leciona, com sugestões pedagógicas e encaminhamentos metodológicos. Os planos de aula são organizados por tema, conteúdo, conhecimentos prévios e objetivos. Eles também se dividem por trimestre e contemplam, além dos conteúdos essenciais, informações e atividades complementares. Na ferramenta *on-line*, é possível encontrar links para vídeo aulas, *slides* e listas de exercícios, que podem ser editadas ou complementadas por materiais de sua preferência.

Como objeto deste estudo, o teatro será a ferramenta e metodologia pedagógica para os alunos do ensino de História para turmas do Ensino Médio e Profissional. Assim, desta forma, tal proposta se assenta na Lei nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as *Diretrizes e Bases da Educação* (LDB) e na *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21/12/2017, Seção 1, Pág. 146.

Mas, o que é a BNCC? O documento que a normatiza assim, orienta que:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). (Brasil, 2018, p.7)

O documento apresenta quais os objetivos a serem alcançados na Educação Básica brasileira no uso das competências e habilidades nos estabelecimentos de ensino de todo o território nacional. A BNCC (2018) no seu capítulo introdutório assim estabelece que:

Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>)

Nesta perspectiva, em 2023, nas escolas públicas do Paraná, a Lei foi instituída para o Ensino Médio - ano em que iniciei meu Mestrado.

Tivemos orientações durante os dois dias de Estudo e Planejamento coordenados pelo *Núcleo Regional de Campo Mourão*⁴ sobre o estabelecimento de novas diretrizes para o Ensino Médio que seria então o NEM (Novo Ensino Médio), que assim orienta: “Desta forma, a BNCC do Ensino Médio está organizada por áreas de conhecimento (Linguagens e suas

⁴A Secretaria de Estado da Educação do Paraná é representada em diversas cidades do Estado pelos Núcleos Regionais de Educação (NREs). Ao todo são 32 NREs que têm a função de orientar, acompanhar e avaliar o funcionamento da Educação Básica e suas Modalidades.

Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas), conforme estabelecido no artigo 35-A da LDB”. (Brasil, 2017, p.467).

Também o documento explicita que (Brasil, 2017, p.469) são definidas competências específicas para cada área do conhecimento, que também orientam a construção dos “itinerários formativos”⁵ relativos a essas áreas.

Como romper com as estruturas antes estabelecidas para uma nova forma de organização de ensino-aprendizagem?

Como o objeto e objetivo a serem implementados com o uso do teatro neste trabalho de pesquisa - a Base Nacional Comum Curricular utilizando o referencial das Diretrizes Curriculares Nacionais, é bem clara na possibilidade de utilizar o teatro, mudar e organizar um modelo que caberia nestas competências e nas habilidades propostas pelo documento. Assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais (2013, p.183) orienta:

Cabe aos sistemas e às escolas adotarem a organização curricular que melhor responda aos seus contextos e suas condições: áreas, interáreas, componentes, projetos, centros de interesse etc. Independentemente da opção feita, é preciso romper com a centralidade das disciplinas nos currículos e substituí-las por aspectos mais globalizadores e que abranjam a complexidade das relações existentes entre os ramos da ciência no mundo real.

O documento também apresenta que teríamos de trazer elementos que rompessem com o tradicional, que traga o interesse dos alunos e o transformem em protagonistas e que apontem processo colaborativo no ensino. Neste aspecto, assim retrata a BNCC que no Brasil (Brasil, 2018, p.472) “podem ser criadas situações de trabalho mais colaborativas, que se organizem com base nos interesses dos estudantes e favoreçam seu protagonismo”.

Desta forma, o documento corresponde os enfrentamentos e dificuldades vivenciadas nas escolas e particularmente na minha atuação como professor de História, e assim podemos vincular o teatro como colaborador de propostas que venham trazer o interesse dos alunos nas coisas, em especial o aprender história.

⁵Os itinerários formativos são o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio. Os itinerários formativos podem se aprofundar nos conhecimentos de uma área do conhecimento (Matemáticas e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) e da formação técnica e profissional (FTP) ou mesmo nos conhecimentos de duas ou mais áreas e da FTP. As redes de ensino terão autonomia para definir quais os itinerários formativos irão ofertar, considerando um processo que envolva a participação de toda a comunidade escolar. (<http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas#:~:text=E%20o%20que%20s%C3%A3o%20os,poder%C3%A3o%20escolher%20no%20ensino%20m%C3%A9dio.>)

Uma das opções ofertadas pela BNCC que colaboram com o trabalho são os Núcleos de Criação Artística – a que viria somar a pesquisa do teatro como possibilidade metodológica ao Ensino de História, que assim apresenta:

Núcleos de criação artística: desenvolvem processos criativos e colaborativos, com base nos interesses de pesquisa dos jovens e na investigação das corporalidades, espacialidades, musicalidades, textualidades literárias e teatralidades presentes em suas vidas e nas manifestações culturais das suas comunidades, articulando a prática da criação artística com a apreciação, análise e reflexão sobre referências históricas, estéticas, sociais e culturais (artes integradas, videoarte, performance, intervenções urbanas, cinema, fotografia, slam, hip hop etc.) (Brasil, 2017, p.472)

Se as normativas abrem as portas para processos didáticos metodológicos que atenuam o interesse dos alunos, entendemos então que a BNCC pode trazer benefícios para atenuar e diminuir as problemáticas enfrentadas na educação, na escola e na disciplina de História, como no exemplo citado acima sobre os núcleos de criação artística que podem implementar e desenvolver inúmeras possibilidades de manifestar o desenvolvimento dos processos criativos e trazer o interesse de pesquisa dos jovens – sendo, assim, esta pretensão deste trabalho com a teatralidade.

Outro fator discutido que abre o campo para debate são as mídias sociais. Abriremos campo de discussão para este debate no próximo tópico ou subcapítulo.

1.2. As mídias sociais: as vantagens e desvantagens e seu uso como recurso para o teatro

Durante o percurso do trabalho com o teatro no ensino de História, muitos recursos didáticos são necessários para ensinar e aprender os temas históricos e as técnicas para o teatro.

A utilização das ferramentas tecnológicas tem aumentado muito e atingido muitos setores e a vida das pessoas; no meio educacional, vemos que não está diferente, pois tem trazido mudanças e impactos nas escolas e também em outros setores, sejam públicos ou privados. Ou seja, Mélo (2023, s.p) também vê que as mídias estão ligadas às novas tecnologias, e expressa a situação desta forma:

No Brasil não é diferente; diante desse cenário, o processo educacional não poderia ficar de fora: as novas mídias digitais e tecnologias são realidades no ambiente escolar e se tornam desafios para educadores e educandos, contribuindo para o processo da aprendizagem.

Às críticas ou aos problemas correlacionados a forma ou uso da internet principalmente nas escolas públicas, procuramos demonstrar que as mídias tecnológicas ou sociais podem direcionar meios das pessoas poderem se relacionar ou produzirem atividades que possam colaborar em vários aspectos, a exemplo da facilidade de comunicação e a aproximação espacial, pois com os recursos tecnológicos o trabalho a ser realizado com o teatro e o ensino de história estará voltado à utilização das mídias sociais (*WhatsApp, Instagram, Facebook*), os aparelhos de comunicação (celulares) e ferramentas de websites.

As dificuldades antes encontradas na realização de uma pesquisa escolar, hoje são sanadas pelo uso da Internet em conjunto dos sites de buscas que trazem informações em níveis mundiais. Moran visualiza que a utilização da internet para uso escolar da seguinte forma,

A Internet está trazendo inúmeras possibilidades de pesquisa para professores e alunos, dentro e fora da sala de aula. A facilidade de, digitando duas ou três palavras nos serviços de busca, encontrar múltiplas respostas para qualquer tema é uma facilidade deslumbrante, impossível de ser imaginada há bem pouco tempo. Isso traz grandes vantagens e também alguns problemas. (Moran,1997, s.p).

Hoje temos a possibilidade de inúmeras formas de aprender, ensinar e dinamizar projetos em sala de aula – ou seja, os recursos didáticos e métodos dos quais as escolas e professores dispunham limitavam-se ao quadro de giz, ao livro didático, à aula expositiva e trabalho em grupo e uma metodologia tradicional – pois, conforme Pereira (2009, p. 4), são alguns dos recursos didáticos muito utilizados, pelos quais não vemos que o conhecimento deixava, ou deixa de ser alcançado, porém seu espaço escolar e da sala de aula era, e ainda é, um local fechado a quatro paredes, cujos recursos didáticos e tradicionais ainda estão no dia a dia das escolas.

Quanto às aulas expositivas, Libâneo (1994) *apud* Pereira (2009, p.4), afirma que os conhecimentos, habilidades e tarefas são apresentadas, explicadas e demonstradas pelo professor e a atividade dos alunos é receptiva, embora não necessariamente passiva.

Assim, a Internet trouxe uma dinâmica maior e envolvente quando usada de forma planejada, organizada e sistematizada para captar a atenção dos estudantes, pois uma didática criativa e envolvente pode aumentar os meios de aprender e de ensinar, segundo Moran (1997, s.p)

A Internet é uma tecnologia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. Essa motivação aumenta se o professor a faz em um clima de confiança, de abertura, de cordialidade com os alunos. Mais que a tecnologia, o que facilita o processo de ensino-aprendizagem é a

capacidade de comunicação autêntica do professor, de estabelecer relações de confiança com os seus alunos, pelo equilíbrio, competência e simpatia com que atua.

No andamento do processo das atividades com o teatro e na utilização da internet através dos websites, procuramos fazer os acompanhamentos das pesquisas para que o aluno tivesse acesso aos temas de história que estão sendo envolvidos para a encenação, buscando incentivá-los e fui apresentando os sites seguros de pesquisas. Durante o trabalho não formalizamos uma lista de sites para a execução, porém acompanhamos as pesquisas conforme as dúvidas que os alunos apresentavam. Desta forma, conseguimos uma organização dos trabalhos que, de certa forma, sistematiza o que está sendo pesquisado ao objetivo da apresentação da peça com o ensino de história. Entendendo a perspectiva que Moran (1997, s.p.) explicita segundo a qual devemos motivar nossos alunos com o uso da tecnologia da internet e ganhar e dar aos nossos alunos a confiança para navegarem e aprenderem a lidar com as mídias, mas de maneira a conduzi-los de forma correta.

Nesta perspectiva, os alunos do 2º ano e do Formação de Docentes têm utilizado inúmeros meios de pesquisa (os sites *Só História*, *História do Brasil.net*, *Café História*, *História do Mundo*, *Sua Pesquisa*, *Historizando*, *Toda Matéria*, *Brasil Escola*, *Mundo Educação*) voltados à educação através do teatro no ensino de história

Outra importante contribuição da Internet e seus meios de pesquisas é que os alunos podem navegar nas páginas pesquisadas e encontrar elementos agregadores como imagens, sons, textos, iconográficos, filmes, séries etc. que, usadas de forma correta, podem entreter, educar e divertir. Desta forma, Souza (2010, p.23), informa que o progresso tecnológico favorece novas técnicas de comunicação e, principalmente, como fonte de pesquisa, no qual quantidade e variedade de acervos disponíveis na internet são imensuráveis e podem aprimorar a qualidade de ensino.

Souza (2010) informa ainda que incentivar a pesquisa para desenvolver no aluno o hábito de pensar, refletir, questionar e argumentar usando recurso tecnológico é fundamental para que a principal função da internet seja a de objeto de estudo, e não uma fábrica de inteligência artificial. Enfim, Souza (2010, p.29 e 30) considera que:

A pesquisa pela internet por ser de forma interativa, empolgante, dinâmica, rápida e diversificada em várias áreas, auxilia o aluno no desenvolvimento da aprendizagem e ao mesmo tempo nas descobertas de diferentes culturas e interação no mundo em que vive. Não existem métodos ou meios corretos para usar o computador em sala de aula, deve-se verificar qual é o objetivo que o professor quer atingir com o seu uso. Para fazer com que o uso de tecnologia surta efeitos positivos são necessários que teoria e prática caminhem concomitantemente, estratégias adequadas se fazem necessárias para que haja uma interação com o conteúdo e o modo de aplicação.

Compreendemos que o uso das tecnologias para o meio educacional é importante para diminuir as distâncias que provocam a desigualdade social, pois a escola tem que dar significado para as vidas do aluno no mundo.

No contexto deste trabalho de pesquisa que realizamos em intercâmbio com as mídias sociais, entendemos que isso aproxima o aluno da pesquisa e aos meios digitais. As redes sociais potencializam a comunicação, pois, para Vilaça e Araujo, (2016, p. 29), não se limitam mais a ser apenas um meio de relacionamento entre os usuários, mas passam a ser também uma fonte de informação e uma ferramenta para mobilizar e promover mudanças na sociedade.

Desta forma, entendemos que durante o trabalho foi possibilitada a pesquisa e a interação dos alunos com as redes sociais no sentido de buscar as informações para o ensino de história vinculado à didática do teatro, porém buscamos ter os devidos cuidados na navegação destes meios eletrônicos para que o relacionamento com as mídias fosse de forma negligente, e desta forma, assim, buscamos ter o cuidado com as informações apresentadas e conteúdos indevidos.

No caso desta pesquisa com uso do teatro como possibilidade de ensino de história, promover o conhecimento. Vejamos o que diz a BNCC quanto ao uso destas ferramentas:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (Brasil, 2018, p. 65).

Mélo (2023) retrata uma realidade das mídias nas escolas quanto ao seu reconhecimento das desigualdades sociais nas escolas, e que ainda as escolas estão realizando as implementações de maneira tímida, desta forma ela retrata este panorama da seguinte forma:

Apesar de a grande relevância e importância das mídias já ser reconhecida em todos os setores e âmbitos – sociais, culturais, econômicos e políticos –, no âmbito educacional um dos grandes desafios está na desigualdade que esses setores apresentam, pois afetam a realidade das crianças brasileiras. O uso das tecnologias com recurso midiático tem sido implementado de maneira tímida nas escolas públicas; contudo, parte significativa das escolas tem oportunizado esse acesso aos seus alunos em sala de aula. Em contrapartida, existem ainda alunos que, por suas condições socioeconômicas, não têm acesso a esses recursos, gerando desigualdade no contexto educacional. (Mélo, 2023, p.2)

O uso das mídias na pesquisa do teatro como possibilidade de ensino de história trouxe aspectos positivos, pois a construção do trabalho teve a utilização da Internet, das mídias sociais e das mídias como ferramentas justificadas de construção do roteiro, das pesquisas sobre os temas históricos a serem apresentados, as pesquisas dos objetos, figurinos e adereços, o som, a imagem, os textos construídos de maneira colaborativa e com maior rapidez e eficiência.

Os estudos dos fatos, cenas e passagens dos temas históricos são imprescindíveis para o teatro, o resgate de imagens de épocas, vestuários, arquiteturas, posturas sociais - pesquisas de tecnologias de armamentos são possíveis através das pesquisas nas mídias - outras fontes serão apresentadas como trechos de livros, leituras e compreensão, *slides* do RCO, das séries e vídeos. Segundo Kalinke (1999) *apud* Britto (2018, p.3):

Os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento. As descobertas são extremamente rápidas e estão à nossa disposição com uma velocidade nunca antes imaginada. A Internet, os canais de televisão a cabo e aberta, os recursos de multimídia estão presentes e disponíveis na sociedade. Estamos sempre a um passo de qualquer novidade. Em contrapartida, a realidade mundial faz com que nossos alunos estejam cada vez mais informados, atualizados, e participantes deste mundo globalizado.

Teoricamente, o estímulo em fazer o (a) aluno (a) estudar se deu através de inúmeros elementos possíveis, um deles é a leitura, pois o aluno é protagonista de aprender a história, e estabelecerá pesquisas de textos na Internet, livros, e-books, livros didáticos, filmes, games, minisséries, documentários, reportagens, biografias para conhecer seu personagem e os demais personagens históricos que envolvem a dramatização.

CAPÍTULO 2

O TEATRO COMO POSSIBILIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA

Esta pesquisa tem como finalidade apresentar o teatro como possibilidade metodológica para o ensino de História. Procura também estabelecer relações com os alunos, para humanizá-los na escola. Para Koudela (2005) *apud* Coelho (2014, p.1218), o uso do teatro colabora para a humanização dos indivíduos, pois assim:

Por meio da liberação da criatividade promovida pelos jogos e dramatizações, o teatro colabora para a humanização do indivíduo, fazendo com que sua sensibilidade se aflore, promovendo a reflexão sobre os sentimentos e ações vividas pelos alunos-atores na “pele” de um personagem, e, por fim, propiciando, de alguma forma, o resgate do ser humano diante do processo social conturbado que se atravessa na contemporaneidade.

As leituras realizadas de autores especialistas nas áreas da Educação, Psicanálise, Artes, Artes Cênicas, História, Literatura apresentam um denominador comum em suas falas de que “o teatro como meio, forma e método tem um sentido que se pode revelar como instrumento de ação educativa”, conforme Neves (2010, p .13).

Coelho (2014, p.1208) afirma sobre o teatro que “além de ser uma ação educativa na forma de aprender um conteúdo, o teatro pode promover o desenvolvimento integral do aluno, trabalhar habilidades que visam ampliar o conhecimento, sensibilidade e tolerância entre as pessoas de modo geral.”

Também em Coelho (2014, p.1208) temos: “ainda que temas de diversos artigos de divulgação, o teatro na escola constitui-se como uma ferramenta pouco estudada sob o ponto de vista de seu potencial educativo e carece de incremento em metodologias e práticas de ensino.”

O teatro é um elemento agregador e importante instrumento para uso no meio escolar para que professores e alunos possam experimentar e participar juntos. Em algum momento, através dos conteúdos de história na montagem do roteiro ou por meio dos ensaios, de uma dramatização, produção, os alunos puderam se encontrar e se perceberem competentes em alguma habilidade ou mais, e nisto está a resposta do quão produtivo é proporcionar a eles este encontro consigo mesmos.

Muito do que se faz através da oralidade e exposição de uma aula de História começa a fazer sentido na cabeça de nossos estudantes, porque, ao mesmo tempo em que refletem sobre determinado assunto histórico, eles entrelaçam os conceitos muitas vezes explicitados e não compreendidos pela nossa exposição numa aula expositiva, ou seja, o aluno, através do

teatro, consegue interpretar e compreender, através da sua própria linguagem e comunicação, pois, muitas vezes, explicamos conceitos e o aluno não consegue ter a compreensão, ou seja, não compreende a nossa fala ou explicação, mas ele já reflete e, através da sua própria análise, o teatro pode possibilitar o ato de expressar a seu modo.

Sendo assim, o teatro pode ser uma ferramenta eficaz, envolvente e imersiva, porque o aluno poderá entrar em contato com elementos teatrais, por exemplo, na possibilidade de explorar os temas históricos, envolvendo-os de forma empática com o enredo e os sujeitos participantes do passado.

Os (as) alunos (as) são desafiados (as) a analisar e pensar criticamente os eventos passados, o teatro possibilita usarem a criatividade e explorar diferentes perspectivas, permitindo-lhes recriar os eventos históricos e olhar de forma interpretativa a história. Um exemplo disto foi a modificação na cena sobre a cidade-estado de Esparta, pois seriam dois alunos que representariam os governos, porém as alunas propuseram que quem deveriam fazer os anúncio aos cidadãos espartanos seriam as mulheres, uma vez elas rainhas que representavam todos os cidadãos. Desta forma, recriaram uma cena em que as mulheres deveriam ter a voz e olharam de certa maneira que interpretaram a valorização do gênero feminino e também a interpretação da mulher na sociedade espartana contextualizada ao dias atuais, pois uma das alunas citou a ex-presidente Dilma Rousseff como representante de uma nação.

O uso do teatro permite aos professores saírem do espaço físico tradicional - a sala de aula - pois o professor pode usar outros espaços físicos escolares e não escolares, ou seja, através da metodologia do teatro na utilização do espaço escolar, ele compreende que ensinar história não precisa estar em espaços fechados e formais da escola, mas poderá utilizar de espaços abertos e não formais. Neste contexto da utilização dos espaços, Liblik, Petraitis, Regina (2012, p.73), assim orientam:

A Educação, no contexto educativo atual e tradicional - o de escolas -, está, de certo modo, desgastada. É necessário pensarmos em alternativas que tragam os alunos para outro espaço e que façam entendê-los como um lugar onde aprendemos, convivemos com pares, ensinamos, cantamos, dançamos, desenhamos, fazemos teatro e do qual saímos para vivenciar outras realidades.

O uso do teatro como método ao ensino de História resgata o gosto pelo aprender história, pois, conforme Almeida (2017, p.130):

Sua linguagem ajuda no aprendizado sobre nós mesmos, nossas relações com o cotidiano, a História do país, no despertar das capacidades criadoras dos alunos, de

modo que eles se sintam motivados para a prática teatral representando os conteúdos históricos em sala de aula e estabelece as relações professor-aluno e o fazer didático-pedagógico: de aprender a conviver, aprender a ser, aprender a conhecer e aprender a fazer. O teatro/história possibilita metodologicamente desenvolver estes fazeres, aumentando as potencialidades dos alunos (cognitiva, afetiva e sociais) que contempla teoria e prática com criatividade, arte e história, favorecendo o ensino-aprendizagem.

A utilização do teatro no ensino de história ativa a busca da pesquisa e da investigação históricas de um determinado comportamento humano no tempo e no espaço de suas crenças e mitos, expectativas e frustrações e destes sujeitos históricos estudados. Exemplos foram as atividades práticas utilizadas no primeiro experimento de que participei com o teatro em 2016 - onde os alunos, ao realizarem os adereços dos tempos históricos a serem apresentados, tiveram de pesquisar as ferramentas, utensílios, vestimentas, hábitos, crenças, costumes e atitudes dos portugueses e indígenas. Os estudantes buscaram nos sites de busca aproximar, reproduzir cada objeto, desta forma aprendendo os porquês de cada elemento e suas simbologias.

O uso do teatro também abre para uma relação colaborativa com a história e a arte, além de corroborar o indivíduo a se autoconhecer e a conhecer o outro, numa relação empática com seu colega de turma e com o personagem que irá personificar, ou seja, é um fator importante, porque o teatro promove a inteligência interpessoal e intrapessoal, conforme Gardner (1995, p.5) *apud* Coelho (2014, p.1210):

Não muito bem compreendidas, difíceis de estudar, mas imensamente importantes. A inteligência interpessoal e intrapessoal. A inteligência interpessoal é a capacidade de compreender outras pessoas: os que as motiva, como elas trabalham, como trabalhar cooperativamente com elas. A inteligência intrapessoal é a capacidade de formar um modelo acurado e verídico de si mesmo e de utilizar esse modelo para operar efetivamente na vida.

Assim, percebemos que o teatro é um meio de ensinar história, como uma janela que se abre para o mundo, ou seja, colocar o aluno a pensar, expressar e se envolver teoricamente e na prática, ou seja, o fazer pedagógico como ferramenta de motivação e envolvimento para a educação, conforme diz Coelho (2014, p.1210):

É inquestionável que o teatro pedagógico atue como ferramenta de grande importância para a educação formal, já que visa a auxiliar na absorção de conhecimento, abordando conteúdos de disciplina com História, Geografia, Matemática etc. Além disso, o teatro-pedagógico pode, ao mesmo tempo, trazer para sala de aula uma alta dose de criatividade entre os alunos.

A pedagogia do teatro ou teatro-pedagógico é uma abordagem educacional que utiliza o teatro como ferramenta principal de ensino e aprendizagem. Ela combina elementos da pedagogia tradicional com técnicas teatrais, visando promover o desenvolvimento integral dos estudantes, estimulando sua criatividade, expressão corporal, emocional e cognitiva.

O teatro tem um fator essencial - a prática - não há como fazer o uso do teatro sem uso de inúmeros procedimentos do ensino de História, pois exige pesquisa, produção, criação, roteiro, figurinistas, sonoplastia, cenário de um determinado tempo e espaço. Os alunos se transformam em atores, porém, antes do *grandfinale*, irão montar, pensar no tema e seu objetivo, analisar e criar um roteiro, outros terão que pensar no figurino, os que tiverem habilidades na montagem do cenário, sonoplastia, iluminação, a dicção e a projeção da fala, desenvolvendo a oratória e precisão para transmitir mensagens, ampliação do vocabulário – formando um conhecimento diferenciado além da sala de aula.

O processo de estruturação do uso do teatro no componente curricular de História para seu ensino colabora com a escola e com a educação, promovendo movimentos de manifestação metodológica no ensino de história, que Delors (2000) *apud* Neves (2010, p.25), assim o diz:

Inicia-se o século XXI com objetivos e metas traçados a partir de uma convenção mundial de que as sociedades se encontram diante de um tesouro a descobrir, vindo na educação um trunfo indispensável à humanidade na construção de ideias de paz, de liberdade e de justiça social, e demonstrando um posicionamento perante os desafios, as incertezas e as esperanças deste século.

Como já problematizado anteriormente, na consideração do desinteresse dos alunos em sala de aula e na questão de como podemos melhorar o processo de aprendizagem por meio da utilização do teatro em sala de aula, vemos no uso do teatro um instrumento transformador, pois toca em situações bem inerentes no que tange ao aluno e a seus responsáveis, pois o professor pode selecionar temas que tratem das violências exercidas na contemporaneidade, contextualizando com temas do presente e passado⁶. Assim, segundo Coelho, a tolerância se amplia em que seu “eu” se coloca no lugar do outro, que sente suas dores, alegrias e sentimentos. Neste sentido, o aluno terá condições de se perceber na situação do outro, a exemplo na sua relação com o professor, ou seja, “o aluno pode se colocar no

⁶Por exemplo, uma pequena cena sobre o Holocausto pode trazer inúmeras reflexões e conhecimento histórico que elenca o racismo, a xenofobia, preconceitos, ideologias de governos autoritários, a intolerância religiosa, questões de gênero, sexualidade, negacionismo, relações étnico-raciais etc.

lugar do professor ou no lugar de um colega discriminado pela sala”, explica Coelho (2014, p.1217).

Desta maneira, podemos promover, de alguma forma, o resgate do ser humano diante do processo social conturbado que atravessa na contemporaneidade. Marchi (2010, p.7) diz:

Por seu turno, o teatro, enquanto manifestação cultural, assim como outras formas artísticas de expressão do ser humano, pode ser gerador de interessantes situações de aprendizagem. Dentro dessa ótica é importante destacar que a simplicidade com que os alunos expressam as representações sociais que possuem sobre os mais diversos fenômenos, assim como a linguagem cotidiana, na maioria das vezes não-científica, das expressões artísticas como o teatro, ainda são pouco consideradas no processo de aprendizagem. O racionalismo ainda arraigado nas ciências precisa dar espaço a novas possibilidades de relações pedagógicas.

Não obstante o ensino de história com o uso do teatro traga à tona as mudanças e permanências que são uma constante em todas as esferas da sociedade e historicamente também, a escola e seus sujeitos estão presentes nestas mudanças e permanências. É no cotidiano que ocorre nossa história individual e coletiva, aparecendo os conflitos, alegrias, tristezas, relações, pois somente vivendo em sociedade com suas necessidades podemos criar ações e inventos para sanar e desenvolver elementos necessários para construir possibilidades, articulando sempre com o seu cotidiano, conforme citado em Fonseca (2003, p. 101) *apud* Almeida (2017, p. 46), a necessidade de repensar as práticas pedagógicas (...) com algo novo nessa discussão: a abordagem das formas, relações entre conhecimentos e metodologias.

A questão de como ensinar história efetivamente tem sido objeto de debate e reflexão entre educadores e pesquisadores da área. Tradicionalmente, o ensino de história tendeu a focar na transmissão de informações sobre o passado, muitas vezes de forma descontextualizada e desvinculada da realidade dos alunos. No entanto, como apontam alguns historiadores que a história é construção, narrativa, interpretação do passado a partir das questões que nos colocamos no presente.

Nessa perspectiva, ensinar história vai além de transmitir um conjunto de fatos e datas. Envolve, sobretudo, auxiliar os alunos a compreenderem o processo de construção do conhecimento histórico, a analisarem criticamente as narrativas sobre o passado e a estabelecerem conexões entre os eventos históricos e o presente.

Este trabalho de pesquisa com o teatro que instigamos como recurso metodológico no ensino de história pode contribuir com o conhecimento para a aprendizagem histórica em sala de aula, não distante das mudanças e das permanências na educação.

O teatro em sala de aula como possibilidade metodológica no Ensino de História também tem o objetivo de melhorar a aprendizagem dos alunos de uma maneira menos expositiva, conteudista

e tradicional, ou seja, não somente a utilização do quadro e do giz, mas busca na metodologia com o teatro trazer uma melhor interação entre seus pares, entre os professores e seu ambiente escolar.

Essa preocupação com o presente trabalho se reflete no reconhecimento de que o ensino de história tem um papel fundamental na formação para a cidadania, conforme preconiza a Constituição Federal de 1988 no Artigo 205 que define a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, com o objetivo do pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Essa visão se opõe a um ensino meramente repetitivo e desinteressante.

Esta metodologia confronta a educação tradicional conhecida como “educação bancária” cunhada por Paulo Freire, focada apenas no professor e o “ensino passivo tradicional” (conteudista, memorização, informações, leituras e interpretações). Dessa forma, ao estudar um determinado fato histórico e produzir uma peça, os alunos, ao se aprofundarem nos estudos, poderão compreender a importância e o significado de um objeto, hábitos da época, traços culturais marcantes, e se sentirão protagonistas na construção da história. O pesquisador Chervel (1990, p. 188) retrata que

O historiador precisa considerar a que tipo de finalidades determinada disciplina vem satisfazer. Considerando-se que em cada época a escola se coloca a serviço de diferentes finalidades que no seu conjunto fornecem a esta instituição o seu caráter educativo, é por meio das disciplinas escolares que ela sempre vai colocar um conteúdo de instrução a serviço de uma finalidade educativa.

A possibilidade metodológica do uso do teatro pode-se valer de que alunos e professores de história possam adentrar em atividades em que podemos construir pilares do saber e que nos possibilitam aumentar as vontades de aprender, que alunos possam ensinar conhecer a história e ter necessidades de possuir uma relação com a história.

Diante desse cenário, o professor de história assume um papel de mediador, auxiliando os alunos a desenvolverem as habilidades de análise, interpretação e argumentação necessárias para compreenderem o mundo em que vivem. Assim observa (Oliveira, 2017, p.401) que educador tem que saber promover estímulos significativos no ambiente de trabalho e no ensino-aprendizagem de História, desenvolvendo problemas de pesquisas, na busca dos discentes obterem capacidade crítica, questionar e opinar em sala de aula, onde os estudantes devem ser vistos como agente ativo de seu próprio conhecimento. Para isso, é fundamental que o professor selecione conteúdos que permitam aos alunos construir uma visão ampla dos assuntos, que incluam a diversidade de protagonistas da história e que

estejam localizados no tempo e no espaço. Além disso, é preciso utilizar estratégias metodológicas, neste caso o uso do teatro, que estimulem o pensamento crítico dos alunos e que os levem a perceber que é possível mudar o mundo.

Entendemos que o teatro traz uma sensibilidade sobre os estudantes por motivos que podem aprender e viver a história, a história se transforma em vida, pois o teatro vai além da dramatização, ele envolve o estudante a se aprofundar num evento histórico, ou seja, viver uma era, um tempo, um momento de forma viva e com sentimentos, seja reprodução de uma cena de guerra, numa ação de contrariedade a normas impostas socialmente, nos conhecimentos sobre o homem e sua trajetória e nos discursos de poder, que são perpassados para além do tempo. Os estudantes podem tentar assimilar ou reconstruir um passado que envolve pesquisas e leituras.

A montagem do roteiro de uma peça de teatro envolve a capacidade de criação dos estudantes e do (as) professor (as) numa troca de experiências e de saberes, ou seja, um trabalho de mão dupla envolvendo discussões, debates e diálogo, neste processo de criação. Quanto aos estudantes, irão se imaginar como personagem (seus jeitos, trejeitos, movimentos, características). Ou seja, entender quem são os sujeitos históricos a serem desvelados no seu contexto social, político, econômico e cultural. Ao dramatizar uma figura histórica, o aluno se apresentará com a responsabilidade de interpretar e mostrar quem ele quer revelar.

O teatro nos oferece um olhar diferenciado para colaborar no modo com que podemos ajudar os estudantes a fazerem o uso da criticidade, análise e questionamentos nas fontes históricas, pois precisam apreciar, analisar e pesquisar os fatos e personagens, gerando indagações e interpretações que os fazem moldar por si só a compreensão do passado.

Aqui focamos as questões dos recursos que o teatro poderá promover, porém o essencial como podemos ensinar e aprender história na escola com o recurso teatral.

Entendemos que um dos aspectos centrais dessa abordagem teatro e ensino de história é a valorização do tempo presente na sala de aula de história.

Por isso, os alunos devem entender que o ensino de história procura estabelecer o aprendizado também a partir do hoje. Assim observamos que a história recente se define não apenas por critérios temporais, mas também por questões que interpelam a sociedade e transformam os fatos do passado em problemas do presente. Essa perspectiva ressalta a importância de o ensino de história abordar temas que são relevantes para a vida dos alunos, como as questões sociais, políticas e culturais que os cercam nas quais como meio o teatro pode auxiliar nesta dimensões históricas.

Fator importante, e não obstante, são os recursos metodológicos necessários para a montagem, produção e encenação da peça a ser apresentada - estou me referindo à interdisciplinaridade que elencaremos no próximo subcapítulo.

2.1 A interdisciplinaridade, teatro e o Ensino de História

Para a utilização do teatro como ferramenta ao ensino de história, há necessidade de utilização de variadas metodologias e materiais a serem aplicados para que o conteúdo tenha enfoques diferentes sem se perder o objetivo do conhecimento do tema a ser ensinado.

Como o objetivo é o teatro em sala de aula, entendemos que os materiais como o livro didático e os *slides* do RCO + aprendizagem não podem ser os únicos instrumentos de ensino para aulas, pois de certa forma limitam a nossa criatividade e acabamos nos tornando professores que não envolvem ou desenvolvem a imaginação, criatividade, a exploração de outras formas de aprender e ensinar, além de não proporcionar outras linguagens acessíveis e simples, porém sem se perder a riqueza do conteúdo, neste caso, o de ensinar história.

Assim, entendemos que uma metodologia interessante e que possibilita a interação, conhecimento, aprendizagem e envolve vários setores da escola é o método da interdisciplinaridade. A escola a todo o momento vive mudanças Araújo, Pátaro (2020, p.169) dizem: “pois a escola não pode ser vista como instituição totalmente independente do contexto no qual se situa”, (...) “mas de formação humana de crianças e de jovens, por exemplo.”

Desta forma, podemos perceber que o teatro e o ensino de história utilizando a interdisciplinaridade colaboram para uma nova postura sobre o modo com que professores alunos, equipe diretiva, pedagógica, funcionários possam ser co-participativos e integrarem-se nos projetos educativos, que vão além do espaço físico, pois, segundo Liblik, Petraitis, Regina (2012, p.65), “uma boa aula não depende apenas de sala de aula bem equipada, de espaços adequados e materiais especiais.”

Assim, então podemos usar a interdisciplinaridade para construir possibilidades e como dizem Araújo e Pátaro (2020, p. 170): “nos ajuda a entender que, no contato diário com os docentes, alunos e alunas aprendem diferentes conhecimentos e também posturas, valores e atitudes que auxiliam na maneira como crianças e jovens compreendem a realidade a sua volta.”

Desta forma, o trabalho ganha corpo para incorporar seu objeto e objetivo de ensinar história com o uso do teatro, pois a escola e as aulas de história saem de um estado de

tradicionalismo e abarcam novas instrumentações metodológicas quando abraçam elementos que podem auxiliar e dinamizar o aprendizado.

Para melhor entender a interdisciplinaridade, temos que compreender seus conceitos. Aqui pretendemos buscar alguns autores que trabalham a definição de interdisciplinaridade para então fazer sua relação com o teatro e o ensino de história. Para Carmo (s.d), a interdisciplinaridade “trata-se de um movimento, um conceito e uma prática que estão em processo de construção e desenvolvimento”, portanto é um elemento necessário para a didática e para a execução da difusão do conhecimento. (em <https://www.infoescola.com/pedagogia/interdisciplinaridade-no-ensino-de-historia/>)

Vemos em Carmo duas palavras chaves importantes no processo de construção e desenvolvimento, pois são elementos que são muito utilizados na construção didática do ensino de história e no uso do teatro, pois, ao possibilitar o aluno realizar o processo de construção, apresenta várias etapas, seja construindo e desconstruindo, etapas que levam os alunos de alguma maneira a aprender, exemplo, a etapa da construção do tema. É necessário traçar objetivos e metas a serem alcançados, problematizando, refletindo *para quem, onde, e o que* se quer alcançar com o tema a ser apresentado.

Assim necessariamente e involuntariamente usa-se a interdisciplinaridade, por exemplo, apresentar uma cena de teatro sobre os ataques das bombas nucleares em Hiroshima e Nagasaki poderá envolver outras disciplinas como Química, Física, História, Geografia, Filosofia, Sociologia, onde os alunos poderão se debruçar nos processos que envolveram os estudos da criação e produção química dos agentes nucleares, entenderem o processo e fenômenos da Física que estão presentes em todos os lugares, na História apresentar o processo histórico que culminou o ataque norte americano contra as cidades japonesas, na Filosofia o aluno poderá desenvolver uma consciência crítica sobre o mundo, encontrando respostas não mais baseadas na crença e na autoridade e, por fim, a Sociologia fazer os alunos refletirem que pertencemos a um mundo social que nos constrói socialmente e ao mesmo tempo é construído por nós.

O teatro no Ensino de História traz inúmeras possibilidades de ensinar história, pois contextualiza temas estudados e complementa o currículo com metodologias diversas, sendo uma delas a interdisciplinaridade, como assim mencionam Pinheiro e Alcântara (2021, p.2):

Incorporar diferentes linguagens no ensino de História amplia as possibilidades de acionamento de diferentes estilos de aprendizagem, experiências e conhecimentos prévios, além de favorecer a formação integral, a interdisciplinaridade e a contextualização do conteúdo estudado, dotando de maior significado o diálogo estabelecido entre professores e alunos. Além disso, essa diversificação propicia que

os estudantes possam analisar de forma crítica diversas informações veiculadas de variadas maneiras, aprendizado que ultrapassa a compreensão do conteúdo curricular e que também pode ser exercitado ao longo da vida.

Por fim, o uso do teatro em sala de aula como possibilidade metodológica para o ensino de História se justifica por ser tratar de um trabalho colaborativo entre a escola, alunos e professores, pela utilização da interdisciplinaridade, que é geradora de interessantes situações de aprendizagem, como a colaboração da disciplina de Língua Portuguesa na revisão de textos durante os ensaios, a disciplina de Arte direcionando trabalhos dos períodos históricos, possibilitando uma experiência dialógica de produção do ensino de história através da relação que comunica com seus pares, com a sociedade e a relação com o mundo. Fonseca (2002, p.101) *apud* Almeida (2017, pg.4) afirma que:

Nesse contexto sociocultural e educacional processa-se de forma intensa o debate acerca dos paradigmas, das relações entre os padrões e níveis de conhecimento, das concepções de educação e da escola, o que evidencia a necessidade de repensar as práticas pedagógicas dos professores no interior dos diferentes espaços educativos. Isso não é novidade. Entretanto, há sim algo novo nessa discussão: a abordagem das formas, relações entre conhecimentos e metodologias. A meu ver, é aí que ganha força a ideia da inter e da transdisciplinaridade.

Desta forma, Carmo (s.d, s.p) orienta que, com o intuito de se aproximar mais do conhecimento do aluno, o professor deve utilizar também uma linguagem mais simples e acessível, porém com riqueza de propostas educativas possibilitando a interdisciplinaridade.

CAPÍTULO 3

PRÁTICAS PREPARATÓRIAS PARA APRESENTAÇÃO TEATRAL

A metodologia adotada em nosso trabalho foi o teatro como possibilidade metodológica para o Ensino de História, pois entendemos que esta ferramenta no ensino de história traz o impacto necessário para alcançar o interesse dos alunos no aprender história, uma vez que o teatro é diversificado porque possui inúmeros elementos que possibilitam o ensino-aprendizagem de História de forma prática e envolvente para o estudante.

A ideia do trabalho de teatro como possibilidade metodológica ao ensino de História sempre foi a de buscar uma reflexão no que pode impactar na vida dos estudantes esta forma de aprendizado e, assim, num primeiro momento pensamos na busca de os alunos se perceberem como sujeitos e os desafios que a humanidade enfrentou, e enfrenta, até os dias atuais. Neste sentido, o teatro pode e deve ser usado para explorar temas históricos. Nesta perspectiva de poder e dever usar o teatro para a exploração dos temas históricos, Almeida (2017, pg.62) assim afirma que:

Ao utilizar o teatro no ensino de História, vislumbramos contribuir para uma melhor aprendizagem dos alunos e, por meio das encenações, eles poderão observar, confrontar as diferentes culturas ao longo da história, aprofundar temas trabalhados em sala de aula, contrapondo-se ao ensino apenas receptor, em que o aluno acumula e memoriza informações - prática muito comum na educação tradicional.

Posicionando-nos como pesquisador, começamos a investigação de autores que tinham trabalhos relacionados com o teatro e história, como também autores das artes cênicas, trabalhos científicos relacionados ao teatro, autores teatrais, enfim tudo aquilo que pudesse referenciar e pautar o trabalho de maneira prática.

Desta forma, começamos, nos meses de abril e maio de 2023, e comecei a desenhar junto aos alunos um projeto com o uso do teatro. Assim, o primeiro passo deste trabalho foi iniciado com uma pesquisa sobre o conhecimento do teatro, se alunos (as) já conheciam ou assistiram peças teatrais na escola e ou em teatros, o gosto ou não pelo teatro e se já tinham vivido experiências ativas do teatro envolvendo temas históricos. “Em vista disso, o ensino de História não pode ser desvinculado da pesquisa” (Almeida, 2017, p.52.).

Passo inicial, no mês de maio de 2023 fizemos formulação de algumas questões para nortear o quanto de interesse os alunos tinham sobre o teatro com o ensino de história e se havia predisposição por parte dos alunos em produzir uma encenação. Desta forma, utilizei uma ferramenta denominada *Google formulários*. Tinha intenção, através da pesquisa, saber

qual era o grau de proximidade que os alunos possuíam com o teatro, se já haviam assistido a uma peça teatral que relacionava-se com a História, se gostavam ou não de teatro, se já haviam participado de uma peça teatral com temas históricos, se gostariam ou não de apresentar uma peça teatral e quais seriam suas expectativas em relação a uma produção de teatro para aprender história.

The image shows a Google Form titled "Pesquisa sobre Teatro e História". At the top, there are logos for UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná) and PROFHISTÓRIA (Mestrado Profissional em Ensino de História). The form content includes:

- Title:** Pesquisa sobre Teatro e História
- Description:** A pesquisa tem por finalidade conhecer os interesses dos alunos do Colégio Estadual São Judas Tadeu. EFM e PROF - sobre a metodologia de ensino de História com o Teatro a formulação da Dissertação do Mestrado do Profhistória da Unespar.
- Text:** Este formulário está coletando automaticamente os e-mails de todos os participantes. [Alterar configurações](#)
- Question:** Nome completo do aluno (a) e Turma: *
- Response Type:** Texto de resposta curta

Figura 1: Título do formulário de pesquisa realizada pelo Google formulário

Fonte: Acervo do pesquisador

Autoria: Do próprio pesquisador

Numa estimativa de 50 alunos pesquisados, sendo 30 alunos do 1º ano do NEM e 20 alunos do 1º ano do Formação de Docentes, - houve 39 alunos que responderam à pesquisa. As questões norteadoras e suas porcentagens foram as seguintes:

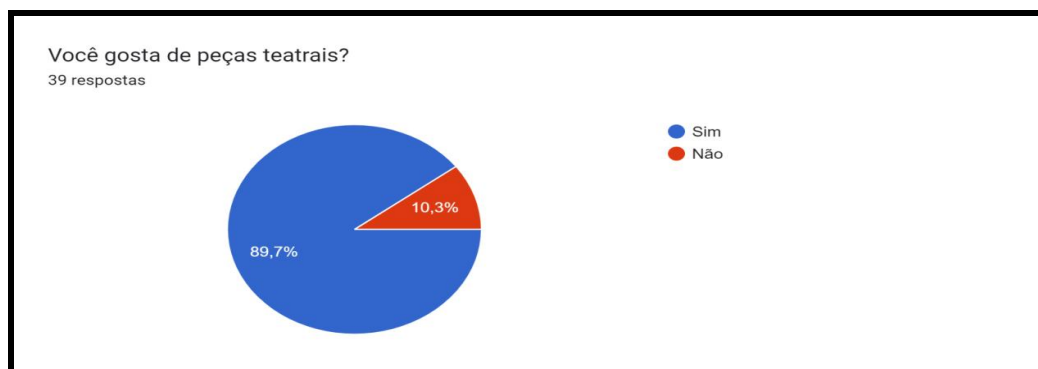


Figura 2: Gráfico de agrupamento das respostas do alunos (as) à pergunta: "Você gosta de peças teatrais?"

Fonte: Acervo do pesquisador

Autoria: Do próprio pesquisador

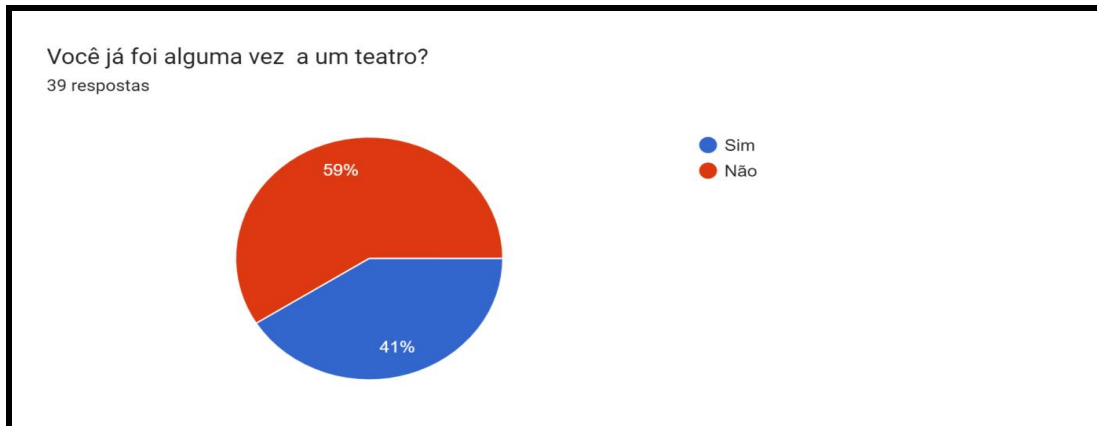


Figura 3: Gráfico de agrupamento das respostas dos alunos (as) à pergunta: “Você já foi alguma vez a um teatro?”

Fonte: Acervo do pesquisador

Autoria: Do próprio pesquisador

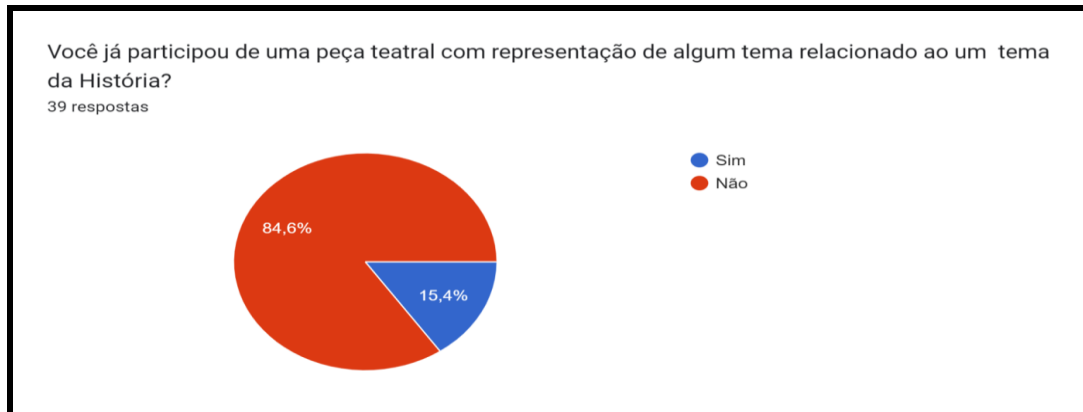


Figura 4: Gráfico de agrupamento das respostas do alunos (as) à pergunta: “Você já participou de uma peça teatral com representação de algum tema relacionado ao um tema de História?”

Fonte: Acervo do pesquisador

Autoria: Do próprio pesquisador

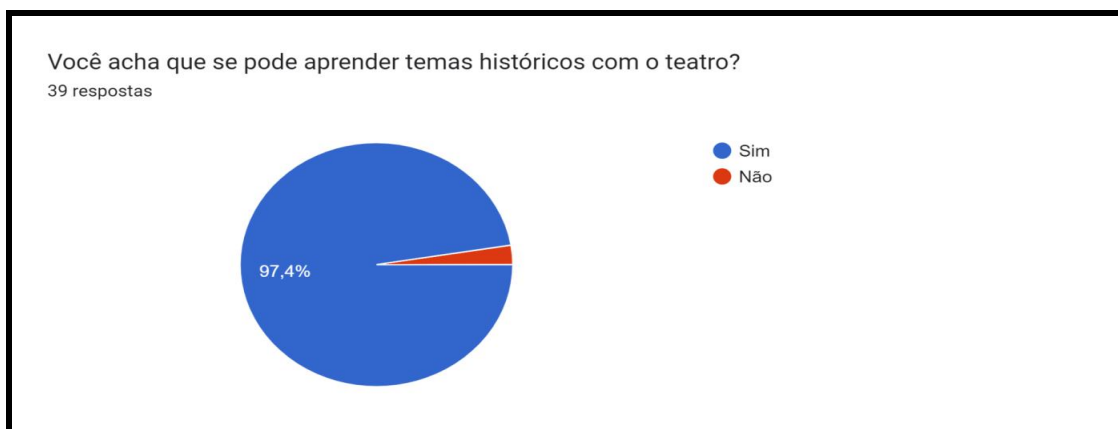


Figura 5: Gráfico de agrupamento das respostas do alunos (as) à pergunta: “Você acha que se pode aprender temas históricos com o teatro?”

Fonte: Acervo do pesquisador

Autoria: Do próprio pesquisador



Figura 6: Gráfico de agrupamento das respostas dos alunos (as) à pergunta: “Você acha que a metodologia de ensino de Teatro e História podem ser mais atrativas do que as aulas expositivas?”

Fonte: Acervo do pesquisador

Autoria: Do próprio pesquisador

Nesta pesquisa utilizei uma questão aberta para que os alunos pudessem expor com suas palavras sobre a intencionalidade e usar sua personalidade de trabalhar o teatro e o ensino de história.

Escreva qual sua expectativa como aluno (a) em participar ativamente no processo de produção, criação, participação de um teatro e História?⁷

- Seria uma forma muito legal e atrativa de ensinar algum conteúdo de História a partir do teatro. Por se tratar de algo "diferente" nas escolas, por não ser algo muito comum, os estudantes podem achar esse tipo de atividade interessante e assim prestar mais atenção na apresentação se comparado a um professor por exemplo.

- Seria bom para ter um conhecimento de como funciona uma peça de teatro, e de como são feitas.

- Uma forma criativa de expandir conhecimento, entretenimento, de um jeito divertido e que também muitas vezes a arte teatral pode ser usada até mesmo como meio de uma concentração.

- Eu acharia bem legal e interessante, pois teria muita diversão e ajudaria a perder um pouco mais a timidez.

- Não sei

- Será um prazer ajudar o nosso professor e aprender de uma forma diferente.

⁷As respostas das perguntas diagnósticas foram dadas pelos alunos (as) das turmas do 1º ano do Novo Ensino Médio e 1º ano do Formação de Docentes em 2023. O questionário foi enviado aos alunos, que responderam voluntariamente a questão. Para a produção do questionamento foi dialogado primeiramente se poderiam responder a um questionário sobre a possibilidade de trabalhar com ensino de história e teatro, após a sondagem foram realizadas as questões norteadoras.

- *Ajudar na produção e criação seria bem legal, pensar em roteiros e figurinos, porém de forma econômica.*
- *Acho que aprendemos melhor, e também conseguimos interpretar personagens/pessoas da história.*
- *Acho interessante, facilita bastante o aprendizado.*
- *Eu tenho expectativa de que vou aprender coisas novas*
- *Participei na parte de atuação uma vez, aprendi como se comportar na frente do público. Acredito que é possível aprender teatro apresentando.*
- *Bom, acho que vai ser muito bom participar de um teatro, acho que vou gostar bastante e assim aprender um pouco mais sobre cada assunto*
- *Não sei explicar direito*
- *Que seja mais divertido que uma aula expositiva*
- *Eu creio que possa ser emocionante e diferente para mim como aluno*
- *Acho que será uma ótima experiência para todos os alunos, independente da função de cada um, já que todos irão procurar a área em que mais se encaixam e assim colaborar positivamente para um bom teatro.*
- *Ah eu não sei, acho que seria algo difícil...*
- *Aprender mais sobre o determinado assunto de uma forma diferente, assim como aprender a lidar com a produção pode ajudar para algumas situações do cotidiano que iremos enfrentar*
- *Minhas expectativas são muito boas*
- *Minha expectativa é aprofundar o conhecimento daquele fato histórico, de um jeito divertido e que provavelmente eu não irei esquecer*
- *Aprendizagem, pois nunca participei.*
- *Aprender mais*
- *Minha expectativa é boa, vamos aprender mais temas históricos e participar também.*
- *Acredito que vai ser uma experiência nova e com muito aprendizado*
- *Vai ser uma coisa nova, pode ser divertido*
- *Seria bom para o desenvolvimento e conhecimento sobre essas artes e aprender mais ainda sobre a história*
- *Ansiosa*
- *Apesar de ser muito tímida em relação a isso, eu tenho boas expectativas sobre, pois vai ajudar muito no aprendizado e também a compreender melhor certo tipo de conteúdo, entre outros.*

- *Muito interessante*
- *Como aluno estou animado para participar ativamente no processo de produção e criação de um teatro de História. Espero aprender, colaborar e vivenciar uma experiência enriquecedora.*
- *Eu acho que os alunos iriam gostar muito*
- *Ser legal*
- *Acredito que seria uma experiência boa e divertida, seria uma ótima forma pra aprender*
- *Acho que seria muito legal participar*
- *Que é bom para compreender mais a história*
- *Intuitivo, divertido e emocionante*
- *Eu adoraria participar, para compreender mais*

Através desta ferramenta, pude avançar na pesquisa, porque possibilitou a interação, diagnóstico e dados quantitativos para poder seguir no processo de uma futura metodologia com teatro no ensino de história. A pesquisa apresentou bons números em relação à participação para uma futura metodologia com teatro e história.

Palavras-chaves como “aprender”, “compreender”, “forma diferente”, “participar ativamente”, “intuitivo”, “novas experiências” deram força motriz para a continuidade do projeto. Estas palavras foram essenciais para entender e compreender que poderíamos produzir o ensino de história de forma significativa, pois são palavras potentes para a didática da história e para seu ensino. Entendendo que através do recurso com o teatro podíamos buscar o aprender história como forma de dar significado na prática do dia a dia.

Outras ferramentas foram importantes para o desenvolvimento do futuro do tema, pois as aulas são aplicadas através do sistema/ferramenta denominada RCO. Nesta ferramenta *online* há várias aplicabilidades (chamada, relatórios, conteúdos, avaliação, etc.) e os planejamentos com os planos de aulas pré-estabelecidos pela SEED-PR.

Os planos de aula são organizados por tema, conteúdo, conhecimentos prévios e objetivos. Eles também se dividem por trimestre e contemplam, além dos conteúdos essenciais, informações e atividades complementares. Na ferramenta *online*, é possível encontrar links para videoaulas, *slides* (*são os temas dos componentes curriculares prontos durante o trimestre*) e listas de exercícios, que podem ser editadas ou complementadas por materiais de sua preferência.

Desta forma, quando discutimos os temas do planejamento, os alunos tiveram a iniciativa de sugerir a possibilidade de realizar a peça teatral produzindo uma linha do tempo

histórico, ou seja, uma breve história que abrangesse a pré-história até momento histórico, que retratasse o Brasil.

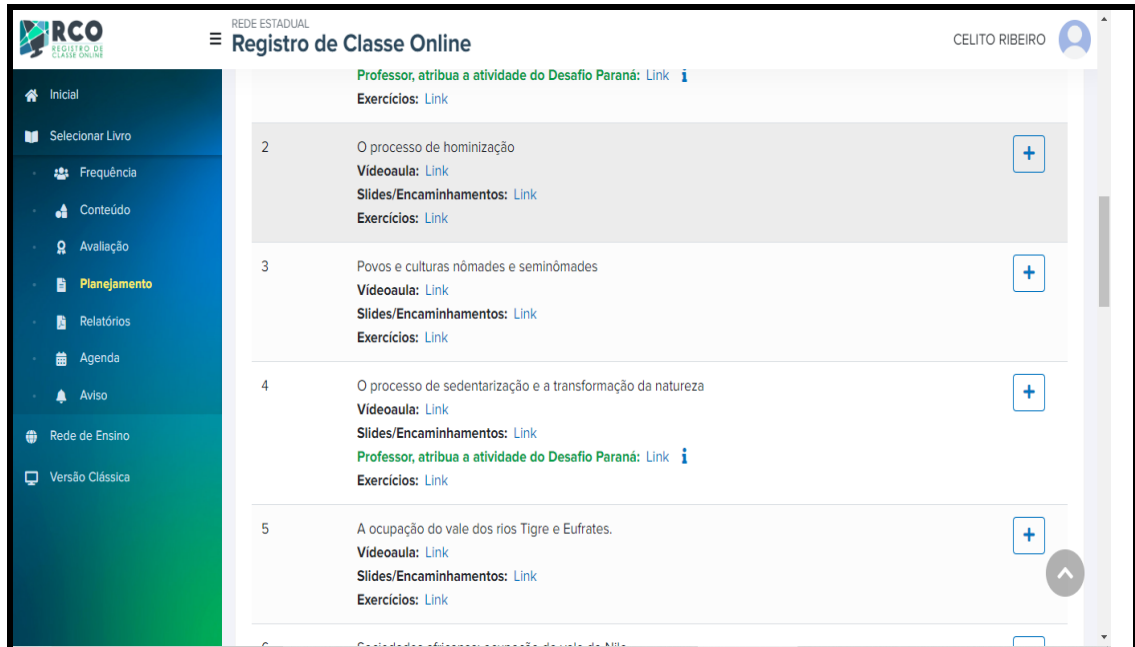


Figura 7: Printscreen da imagem do RCO na opção Planejamento: Temas do 1º Ano do Novo Ensino Médio Do 1º Trimestre – Componente Curricular de História

Fonte: Acervo do pesquisador
Autor: Do próprio pesquisador

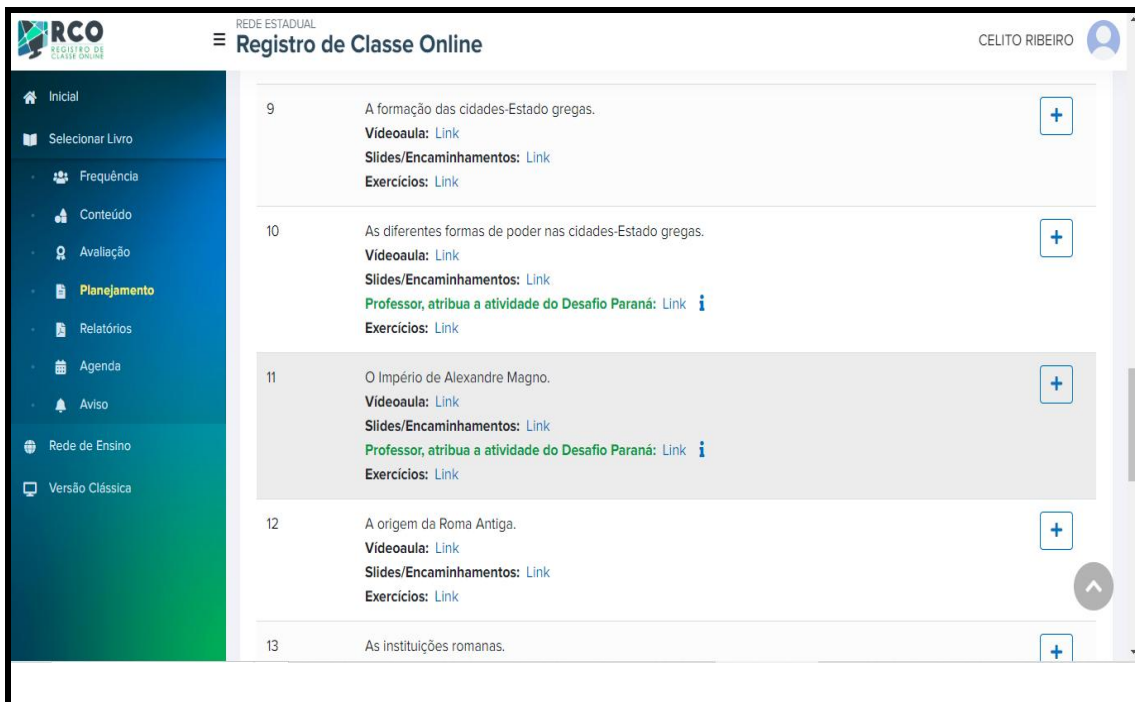


Figura 8: Printscreen da imagem do RCO na opção Planejamento: Temas do 1º Ano do Novo Ensino Médio do 1º Trimestre – Componente Curricular de História

Fonte: Acervo do pesquisador
Autor: Do próprio pesquisador

As imagens representam a ferramenta do RCO *online* na opção “planejamento”. Ao acessar o planejamento, abrem-se as opções dos temas a serem contemplados no trimestre. Ao selecionar o tema a ser trabalhado, há 4 opções: vídeo aula produzida pela SEED.PR, os *slides*, encaminhamentos com os conteúdos e opção de exercícios de revisão e, por fim, após término do tema, o link para a atribuição do Desafio Paraná (*Quizziz*).

Após discussões, falas e conversas informais com as turmas, apresentei um esboço oral de uma encenação teatral sobre a breve história da humanidade. Ainda como sugestão de tema indiquei o título tema: *A História Do Mundo – A Trajetória Da Vida Humana Na Terra Suas Histórias e seus Desafios* - relatei que poderíamos usar os temas já trabalhados em sala e ainda em andamento para aprender história de forma dinâmica e prática. Assim, aos estudantes seriam mostrados diferentes modos de vida, perspectivas e contextos vividos historicamente da humanidade à temas da realidade do nosso país, buscando apresentar as contextualizações e aumentando a capacidade de aprender história.

Este momento foi bastante importante, porque os alunos começaram a ter um interesse em buscar informações sobre seus personagens, seu figurino e sua biografia. Quase na totalidade, usaram algum meio digital para aprender sobre seu personagem. Nesta ocasião não havíamos aberto o grupo de Whatsapp, desta forma os alunos encaminharam as imagens e questionamentos em particular, se o objeto ou figurino estava correto, ou seja, não estava ainda ocorrendo a interação a troca de ideias e informações entre eles. Um aluno mandou uma imagem através do *whatsApp* se poderíamos utilizar dentes de animais, casco de tartaruga e ossos de animais para a construção do período pré-histórico. Outra aluna mandou imagens de coquinhos e penas de ganso para construir os figurinos dos povos originários. E outra aluna mandou fotos de bambus e brincos confeccionados com crochê. Alguns perguntavam se poderiam trazer alguma pedra diferente. Avalio que teve aspectos positivos.

Em outro momento ainda realizei o encontro com as 2 turmas e numa exposição oral da possibilidade de trabalhar a história através de uma linha do tempo, orientei que muitas personalidades se diferenciam nos atos a serem apresentados, pois teria como pano de fundo uma personagem principal que *seria um ancião*, o qual relata a história do mundo que iniciasse com a pré-história, Egito Antigo, Grécia Antiga e Idade Moderna, com a chegada dos portugueses ao Continente Americano. Neste encontro que ocorreu numa terça-feira, os alunos questionaram várias situações: onde seria apresentado, se poderiam montar seus próprios figurinos, se poderiam escolher seus personagens, se poderiam participar de mais de uma cena, quanto tempo a encenação duraria. Houve questões de adereços dos personagens, a exemplo, se poderiam utilizar dentes de animais para representar a pré-história.

Neste contexto, quisemos envolver a metodologia do ensino de história com o teatro para possibilitar estudantes tentarem desenvolver a interpretação dos temas estudados no currículo do Ensino Médio e profissionalizante com os temas a serem dramatizados, dando-lhes a possibilidade de viver situações do passado, envolver a sensibilidade de empatia histórica, ou seja, a capacidade de entender e se identificar com as pessoas do passado e os eventos que moldaram suas vidas. Isso pode promover uma compreensão mais profunda das motivações e decisões tomadas por indivíduos em diferentes épocas.

No contexto dessa abordagem, a empatia histórica emerge como um conceito fundamental. A empatia histórica pode ser entendida como a capacidade de compreender as ações, crenças e valores de pessoas em diferentes contextos históricos, sem julgá-las a partir dos valores e crenças do presente. Entendemos esta ação da empatia histórica como um esforço de "colocar-se no lugar do outro, buscando compreender a lógica interna de suas ações dentro do contexto histórico específico em que viveram.

A empatia histórica não significa concordar com as ações ou ideias do passado, mas sim compreendê-las em seu contexto. Através do ensino de história com o teatro que a empatia histórica possa envolver a capacidade dos alunos poderem reconhecer a alteridade do passado: compreender que as pessoas em outros tempos e lugares tinham visões de mundo diferentes das nossas. Desta forma evitando o presentismo: não julgar o passado com base nos valores do presente e assim contextualizando as ações humanas: entender as motivações e os condicionamentos que influenciavam as decisões das pessoas no passado.

Usando o recurso de o teatro ensinar/promover a empatia histórica, o ensino de história contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e capazes de compreender a diversidade da experiência humana ao longo do tempo.

Assim, os alunos seriam capazes de se identificarem com o passado e entenderem os motivos de decisões tomadas pelos sujeitos no passado. Por exemplo, durante um possível ato sobre a cena que apresenta a pré-história, há dilemas que moldaram a forma do homem interagir com o mundo, por exemplo, os homens primatas permanecerem nos locais sem alimentos, ou buscarem em outros locais alimentos para a sobrevivência, compreendendo que sua decisão poderia mudar os rumos de suas vidas.

Para melhor entender, aprender e compreender a pesquisa a ser aplicada notamos que os trabalhos relacionados às dissertações estão referendados pela História Cultural e autores formados em Pedagogia, como teóricos que debatem o teatro no ensino, como Richard Courtney, Ricardo Japiassu, Ingrid Koudela e Carlos Cartaxo. O trabalho de dissertação de

Joice Viviane Silva (2018, p.60), pelo Profhistória traça um panorama dos trabalhos apresentados sobre o uso do teatro

No que diz respeito ao uso da dramatização relacionada diretamente à disciplina de História, é importante ressaltar que são pouquíssimas as discussões realizadas nesse âmbito, trazendo maior relevância ao presente trabalho. O que foi possível encontrar se refere a alguns debates acadêmicos sobre o tema em maior quantidade sobre 'História e Teatro', ou 'História do Teatro', ou seja, o teatro como fonte histórica e possíveis análises relacionadas com a época em que foram escritas e produzidas, aspectos sociais, culturais, políticos, sujeitos envolvidos e suas representações.

Em julho de 2023, após assistir a um vídeo no Youtube sobre *O Teatro do Oprimido como ferramenta pedagógica em sala de aula*, do Grupo de Pesquisa e Extensão da USP⁸, que faz parte juntamente com a Faculdade de Educação e do Núcleo de Pesquisas NAP com parcerias com o Instituto Iungo, da leitura do livro *O Uso dos Jogos Teatrais na Educação Possibilidades Diante do Fracasso Escolar*, das autoras Libéria Rodrigues Neves e Ana Lydíia B. Santiago e do livro *Como usar o teatro em sala de aula* da autora Vic Vieira Granero, realizei então, uma atividade que tinha a intenção e objetivos de fazerem os (a) s alunos (as) aprenderem a se conhecer, a estimular a oratória, movimentar o corpo - apresentei a finalidade e objetivo da atividade sendo para desalienar o corpo e a fala, perder a timidez, falar de si mesmo, demonstrar como somos capazes de encenar sentimentos, medos. Desta atividade, fiz uma auto-avaliação com os alunos, indagando-os como se sentiram ao realizar a atividade - um aluno disse que foi a primeira vez que conseguiu realizar algo que tivesse que falar de si mesmo e sentiu-se à vontade, apenas com um pouco de vergonha. Outro aluno diz que se sentiu um ator, mas ao mesmo tempo teve a responsabilidade de falar de si mesmo quando tinha que usar a primeira letra do seu nome um adjetivo que o definisse. Uma aluna do Formação de Docentes disse que teve que usar a criatividade de pensar qual animal ela seria, pois tentou comparar o comportamento de um bicho associado a sua personalidade.

⁸Texto de apresentação do site *Repensando o Currículo*: "A Faculdade de Educação e o Núcleo de Pesquisas em Novas Arquiteturas Pedagógicas (NAP) da Universidade de São Paulo têm a satisfação de criar estes programas de desenvolvimento profissional docente, realizados por meio da parceria com o Instituto Iungo e o Instituto Eurofarma. São duas iniciativas complementares: os cursos *Repensando o Currículo*, e os cursos *Ativar, metodologias ativas por whatsapp*". Disponível em: <https://repensandocurriculo.org/programa/>



Figura 9: Atividades de Desalienação oral e corporal (2023).

Fonte: acervo do pesquisador.

Autoria do próprio pesquisador

Em outro momento, foi realizada uma atividade para trabalho em equipe, tendo como intuito conseguirem desconstruir “os grupinhos”, primeiramente escolhiam um número de 1 a 5, depois se agruparam conforme o número correlacionado, logo após tinham que montar palavras dadas por mim. Vencia a equipe que realizava a junção da palavra em menos tempo.

Após a atividade, sentamos novamente em roda de conversa para que os alunos definissem o sentimento do trabalho em equipe. Desta forma, uns disseram que seria como um sistema, se um falhar, todos falham e perdiam o jogo. Outro falou da sincronia e da importância de ter um líder.

Questionei sobre como seria se um colega esquecesse a fala durante a apresentação de uma cena durante a peça. Um deles disse que faria uma improvisação, a exemplo, como se estivesse contando um segredo no ouvido dele (a). Outra aluna disse que tentaria improvisar um desmaio, mas de forma que ninguém percebesse.



Figura 10: Atividades em equipes - Junção das palavras - Colaboração da Professora de Educação Física. (2023).

Fonte: acervo do pesquisador.

Autoria do próprio pesquisador

Em julho, com a participação da professora Kellen, do componente curricular de Arte, realizamos o encontro das duas turmas: Formação de Docentes e 1º ano do Novo Ensino Médio. Neste encontro, foi apresentado o *convite oficial* da utilização de uma peça teatral com propósito metodológico para o ensino de história. Unânicos, os alunos aceitaram a proposta. Notava-se empolgação e entusiasmo por parte dos alunos. Alguns abordaram questões históricas, perguntando se poderiam trabalhar na parte de produção, outros indagaram se poderiam fazer o personagem histórico como a Cleópatra, indígena, jesuítas etc.

Em agosto de 2023, foi utilizado como recurso pedagógico o grupo de Teatro no WhatsApp para discutirem, compartilharem vídeos, imagens, links, músicas, vestimentas de época, instrumentos, adereços e textos referentes aos temas históricos que foram apresentados na encenação, uma vez que, segundo Lopes (2016), o uso com intencionalidade pedagógica do WhatsApp, serve como ambiente de ensino e aprendizagem histórica, tornando a plataforma virtual deste aplicativo uma extensão da sala de aula e potencializando o ensino de História. Lopes (2016, p.165) defende o uso das mídias sociais como elemento importante para o processo de ensino-aprendizagem:

Mesclar elementos da educação presencial com elementos da educação à distância proporcionará ganhos no processo de ensino-aprendizagem, pois não aprendemos só no limitado espaço da sala de aula, aprendemos e ensinamos em muitos outros espaços e lugares, tudo isso graças às mídias digitais que canalizam, armazenam e distribuem o saber produzido individual e coletivamente. Somos capazes de aprender por várias formas e maneiras, por isso o “ensino híbrido” vem com a proposta de se buscarem as melhores combinações dessas formas de aprendizagem e potencializá-las. Assim poderemos aprender mais e melhor, alternando a organização do trabalho docente em momentos presenciais na sala de aula física e outros momentos em ambientes mediados pela Internet/web, por mídias digitais que promovam não apenas o estudo individual, mas também o aprendizado coletivo mediante interação, compartilhamento e colaboração fomentados pelas redes sociais.

Neste mesmo mês de agosto, iniciamos o processo da produção do roteiro e, de forma democrática, questionamos os alunos se gostariam de apresentar um tema específico do conteúdo com que já havíamos trabalhado - sugeriram que eu poderia montar um roteiro e tema, e assim foi feito.

Realizamos um novo encontro na sala de mídias e apresentei o tema juntamente com o roteiro escrito ainda com ideia inicial exposta em conversas informais: *A História Do Mundo – A Trajetória Da Vida Humana Na Terra Suas Histórias e seus desafios*. Apresentei o esboço do roteiro ⁹, com as cenas, possíveis coreografias das danças, os personagens. Num primeiro momento, houve de imediato novamente questionamentos dos (as) alunos (as) sobre

⁹ Roteiro 1 está apresentado nos apêndices.

se poderiam escolher o personagem, se todos teriam que participar obrigatoriamente, outros perguntaram se poderiam ficar como auxiliares, as alunas que tinham aptidões de montagem de coreografias e danças se manifestaram. Novamente percebi que as expectativas foram boas e a proposta bem recebida. Não houve em primeiro momento questões sobre os temas históricos, mas dúvidas sobre.

O roteiro 1 foi apresentado aos alunos como possibilidade do teatro em sala de aula. Como meio de ensino de história, tinha a finalidade de representar, por meio de uma linha do tempo, a cronologia dos tempos históricos dos seres humanos, desde o nascimento do homem com recorte até o encontro dos portugueses com os povos originários

Tivemos ainda neste mês um encontro, uma aula, para definição dos tempos das cenas e danças. Através do recurso *whatsapp*, foi compartilhada uma lista dos personagens que farão parte das cenas. E também o roteiro, para que todos pudessem ter acesso aos textos, mudanças de cenas e de personagens, alteração do cenário, músicas, danças.

Os alunos (as) solicitaram se podiam fazer uma enquete no grupo WhatsApp para escolher outro nome para o tema - demonstraram interesse e participação ativa neste momento. Assim foi ainda em agosto a enquete para a escolha do tema. Houve 2 opções sendo a mais votada como nome do tema: *A humanidade*.



Figura 11: Printscreen da enquete realizada pelos alunos (as) para escolha do Tema.
Acervo do Grupo do WhatsApp Teatro de História
Autoria: do próprio pesquisador

Em uma aula utilizamos como pauta para discussão dos adereços, objetos e figurinos uma das alunas do Formação de Docentes que se manifestou na ideia e iniciativa de fazer a captação de sacos de ráfia¹⁰ para futura confecção dos figurinos indígenas, por motivos que a

¹⁰Um saco de ráfia é uma embalagem feita com um tecido de ráfia. A principal função deste saco é o armazenamento de vários tipos de materiais. Como esse produto é muito versátil, ele costuma ser muito utilizado em vários tipos de empresas e serviços.

aluna tinha em sua casa uma boa quantidade dos sacos, pois trabalham com este material por motivos de trabalhar com a agricultura. A aluna contou que os pais foram muito colaborativos, pois a mãe lavou em torno de 25 sacos de rafia na máquina de lavar roupa para que pudéssemos trabalhar com o figurino.

Outros alunos trouxeram ossos, penas de gansos e galinhas, pedras, papelão, EVA¹¹ etc. Todos os materiais captados foram guardados na sala de Arte. A professora Kellen permitiu que trabalhássemos em conjunto na sala apropriada para a preparação e produção dos objetos, figurinos e adereços.

Após estas captações orientei aos alunos (as) que agendaria uma data para que a maioria deles pudesse participar do processo de criação e produção, e principalmente aprender sobre a historicidade de cada objeto a ser representado nas encenações.



Figura 12: Alunas desfiando os sacos de rafia para elaboração dos figurinos Indígenas
Autoria do próprio pesquisador
Fonte: acervo do pesquisador.

Em 30 de agosto - eu e um grupo de alunos fomos ao escritório da casa paroquial para solicitar o empréstimo do salão paroquial. Fomos muito bem recebidos pelo padre da paróquia, este nos levou até o local para poder vermos o tamanho das dependências. E fez elogios aos alunos dizendo que o que dependesse para a educação ele estava disposto a colaborar sem custos.

¹¹Conhecido entre artesãos e artistas, como EVA, o Etil Vinil Acetato é uma borracha não-tóxica que pode ser, e é, aplicada em diversas atividades artesanais e escolares.



Figura 13: Imagem do salão para apresentação com o Padre José
 Autoria do próprio pesquisador
 Fonte: acervo do pesquisador.

Em 04 de outubro, foi feito o primeiro ensaio sem áudio para pontuar as entradas, saídas e trocas de cenário. As professoras Cleriane e Isabel cederam as aulas para os ensaios. Entendemos as ações das professoras como um processo colaborativo e de certa forma interdisciplinar, pois a professora Isabel, de Língua Portuguesa, acompanhou o ensaio contribuindo com a questão do vocábulo, das formas das tonalidades de voz.

Neste período foram apresentadas as alterações e contribuições do Roteiro 2¹². Neste roteiro conforme foram surgindo as ideias fui acrescentando outros períodos históricos e dialogando com os alunos. Estes pediram que houvesse algum momento em que pudessemos apresentar o Brasil. No momento, tínhamos trabalhado o tema colonialismo e o encontro dos europeus com as Américas. Daí surgiu a ideia de encenar e finalizar a dramatização com o encontro dos portugueses com os povos originários, fazendo uma contextualização do índio urbano atual. Foi montada uma Ficha Técnica do Roteiro¹³

Houve espaço para os alunos fazerem observações, sugestões e críticas. Houve uma reação positiva. Questionaram se poderiam utilizar adereços produzidos ou comprados por eles, se haveria a possibilidade de apresentar em outras escolas e se os pais poderiam vir assistir. Quanto às cenas, houve modificações de personagens e algumas foram retiradas, a exemplo de um dos alunos, o qual sugeriu que, na cena do discurso do rei espartano, houvesse o grito: *Espartanos Ahú, ahú*. O processo de participação, sugestão dos alunos no processo de participação foi crucial, porque há um reconhecimento do aprendizado do tema já estudado ou assimilado pelos alunos.

¹² Roteiro 2 com as alterações sugeridas e criado pelos alunos.

¹³ Ficha Técnica nos apêndices sobre itens que compõem a produção.

Nesta fase tivemos que alterar as cenas sobre a civilização romana. Alguns alunos acharam que deveria permanecer, porém outros opinaram que, além de ficar muito longa a duração do teatro, haveria de aumentar a quantidade de adereços, objetos e figurinos, além da sala possuir um número muito pequeno de alunos meninos. Desta forma, novamente foram alteradas as cenas. As cenas então seriam uma narrativa em que o ancião contaria quem foram os romanos e como chegou o fim do Império, com imagens retratando o Império Romano enquanto o ancião faz a história.

Uma opinião de uma aluna foi bastante interessante: a de alterar o personagem principal, ao invés de ser um ancião o personagem ser o próprio Tempo. Todos concordaram e deram sugestões que o tempo poderia ficar atrás de uma cortina branca sendo a luz que guia os homens, outros disseram que o tempo poderia ser içado e chegar com sua personalidade de poder sobre os homens. No fim, a alteração foi feita e o tempo seria o mediador das narrações, como se fosse um elemento vivo que narra a história.

Noutro momento, a professora Cleriane cedeu uma de suas aulas para definir as coreografias de danças. Momento bastante importante de troca e interação entre as alunas, pois as alunas colaboraram umas com as outras, discutiram sobre as representações que estavam apresentando, pois era necessário entender que momentos históricos estavam retratando - os gestos, jeitos, definição dos passos. Foi um momento bastante interessante, porque as alunas buscaram informações dos figurinos que precisavam representar e os adereços necessários para começar a produzir a coreografia. Assistiram alguns vídeos que representavam o período histórico que iriam apresentar, por exemplo, os gestos e meios dos primatas, o olhar parado e atento, o curvamento das costas e os movimentos dos braços e pernas. Descontração e risos, porém havendo responsabilidade de representar este período. As outras colegas que estavam presentes participaram dando sugestões e dicas.

Na coreografia egípcia, as alunas ficaram encantadas com as buscas realizadas também no *Youtube* - onde realizaram comentários sobre os figurinos, cabelos e maquiagem, e como conseguiam produzir as maquiagens num período tão remoto e distante das tecnologias atuais. Para definição desta coreografia, que contou com cinco (5) alunas, houve bastante debate sobre quais adereços iriam utilizar e quais tecidos poderiam se aproximar do período para produção do figurino. Um fato interessante foi a percepção das mudanças no comportamento humano e das características físicas, além de perceberem uma evolução nos comportamentos sociais e culturais. O grupo apresentou a coreografia sobre a Grécia Antiga, viu as danças pelo canal *youtube* também. As alunas ficaram deslumbradas com as danças que representavam as culturas da Grécia através das danças, comentaram sobre a suavidade nas

mãos, os movimentos dos corpos, e a intencionalidade das festividades religiosas, pois as pesquisas sobre as festas gregas estavam ligadas aos deuses como forma de homenagens e celebrações a estes deuses. As alunas conseguiram assimilar que havia intencionalidades nas danças para homenagens, celebrações ou meio de entretenimento aos reis e rainhas.



Figura 14: Primeiro ensaio das coreografias referentes aos atos apresentados - Dança tribal, egípcia, grega e indígena.

Autoria do próprio pesquisador

Fonte: Acervo do pesquisador.

Em 09 de outubro, iniciamos as oficinas de confecção dos figurinos e, também, os ensaios. Na sala de Arte, as turmas do 1º ano A do NEM e as do 1ª ano do Formação de Docentes foram divididas em 4 equipes:

Equipe 1: Produção de adereços da pré-história: colares de ossos, martelo, machado, lanças, pedras e tochas;

Equipe 2: Produção de adereços sobre o Egito: lanças, espadas, cestos, adornos femininos e os objetos que representavam o poder nas mãos do faraó: cetro e o chicote;

Equipe 3: Produção dos adereços da Grécia: tiaras, braceletes, armas, capacete, lanças;

Equipe 4: Produção de adereços indígenas: vestimentas, adornos de penas, cestos, pinturas em pedras.

Foi muito gratificante este momento na produção - todos participaram - o grupo dos meninos produziram armas e adereços com pedras, paus e bambus. As meninas focaram nas produções de adereços para as cenas da Grécia e Egito. Alguns alunos, autorizados pela direção, foram buscar conosco bambus. Ocorreu um fato interessante, pois em conversa e troca de ideias com um grupo de alunos, estes deram a ideia de criar um nome para o grupo de Teatro e História, pois uma das alunas estava lendo a Biografia do cantor Charlie Brown

Junior, conhecido artisticamente como Chorão. Opinaram em colocar o nome do grupo de *Histórias, minhas histórias* (refrão de uma das músicas do cantor).

Após esta troca de ideia, pedi para que trouxessem uma caixa de som e colocássemos as músicas para tocar, e após escutarmos a música várias vezes a aluna solicitou se ela poderia propor ao grupo. A aluna subiu numa mesa e fez a proposta - a reação foi imediata e positiva.

Percebemos alegria, comprometimento e interesse nas confecções. Momento de trocas bem interessantes, pois os alunos lembraram imagens históricas já estudadas e buscaram imagens através da internet para aproximarem o mais próximo do objeto produzido.

Tivemos um momento de socialização através de um lanche coletivo (todos contribuíram com que tinham), conversar e aproximar um aos outros. Houve troca de ideias e informações históricas que, durante uma aula tradicional, não ocorreria. Neste dia também tivemos a participação da professora Patrícia, de Educação Física.



Figura 15: Produção dos objetos para as cenas
 Autoria do próprio pesquisador
 Fonte: Acervo do pesquisador.



Figura 16: Lanças produzidas pelos alunos representando as armas da Grécia Antiga
 Autoria do próprio pesquisador
 Fonte: Acervo do pesquisador.

As atividades das equipes todas estavam relacionadas à história - não eram oficinas apenas como forma de utilização para montar os adereços de forma estética ou objetivo vazio. Todos os objetos e adereços montados estavam relacionados com o ensino de história e com os povos que foram representados na apresentação teatral.

Durante as seis (6) aulas utilizadas para a confecção, realizávamos a passagem pelas equipes e notamos comprometimento, entusiasmo e vontade de realizar a atividade. Para realização, deixei livre para que pesquisassem as peças a serem produzidas, como também já havíamos feito algumas pesquisas prévias e postados no grupo de *Whatsapp*. Perguntas e questionamentos foram feitos pelos alunos, por exemplo, se poderiam deixar bastante rústicos os machados de pedras, se os braceletes eram utilizados apenas pelos homens na Grécia, se os indígenas utilizavam as peças apenas para cerimônias religiosas, se as mulheres egípcias poderiam ascender no poder como faraó.

Avaliamos que foi um momento de troca de experiência positiva, pois os alunos tiveram um comportamento de comprometimento e de interação entre eles e a atividade a ser realizada, além de que todos, de alguma forma, tiveram acesso à história de maneira prática que envolvia a pesquisa, a imaginação, a criação e o desenvolvimento de habilidades cognitivas no aprender a história.

Em 10, 16 e 23 de outubro tivemos ensaios na sala de mídias, nos espaços abertos da escola e na sala de Educação Física.

Os ensaios destes dias foram realizados com as mudanças do roteiro. No roteiro 3¹⁴ foi alterado o personagem principal, com o Tempo sendo o protagonista. Outra alteração foi novamente o tema do teatro. Os alunos disseram não estar contentes com o nome, achando muito simples e a associação fora do contexto. Propus uma votação novamente entre as turmas e decidiram quase unânime pelo nome do tema *Uma Breve História da Humanidade*.

¹⁴ Roteiro 3 Houve modificações nos personagens e temas.



Figura 17: Alunas do grupo coreográfico da dança grega
 Autoria do próprio pesquisador
 Fonte: Acervo do pesquisador.

Em 24 de outubro estivemos na Secretaria de Educação e Cultura de Quinta do Sol (PR) para solicitar colaboração com as estruturas necessárias para a encenação: som, iluminação e palco. A funcionária responsável disse que, da parte deles, estes recursos seriam disponibilizados e confirmados pela Secretaria de Educação do Município.

A peça estava agendada para o dia 1º de dezembro, porém a Prefeitura promoveu no mesmo dia e espaço a “festa dos funcionários” e fomos comunicados que não teríamos mais o espaço para a apresentação. Desta forma, não haveria a possibilidade de dois eventos em um só dia. E não haveria tempo hábil para outra data em 2023, por motivos de fechamento de ano letivo, e provas externas a serem aplicadas: *Prova Paraná*, *Saeb*, além da aplicação das provas internas e do *Programa Se Liga*. Infelizmente, a apresentação não foi feita naquele momento. Toda a produção não estava totalmente pronta, pois os figurinos seriam usados de forma mais simples, além do que as ações da escola têm uma dinâmica que compromete a apresentação, pois foi um período de muita cobrança pela *Prova Saeb* e a *Prova Paraná Mais*.¹⁵

Os encontros para os ensaios de deram em contra turno no período noturno, sem vínculo com aulas extras para os alunos

Algumas das atividades foram realizadas durante as terças-feiras, onde havia possibilidade dos alunos do período matutino (1º ano do NEM) terem encontros com os alunos do vespertino (1º Formação Docente). Estes encontros foram possíveis pelo trabalho de colaboração dos professores de outras áreas.

¹⁵ Eram obrigatórias aulas de reforço com descritores dos temas estudados e simulados para as avaliações externas.

As dificuldades encontradas ocorreram pelos excessos de atividades que estava ocorrendo, e as dinâmicas de provas externas *Saeb*, *Prova Paraná Mais*, *OBMEP*, *Programa Se liga*, palestras, visitas técnicas, as provas internas, jogos escolares, o festival de folclore, *Piá Bom de Bola* todas estas atividades acabaram dificultando encontros e atrasando os ensaios. O trabalho com o teatro não cessava, pois nas aulas estávamos sempre a discutir os temas e as técnicas teatrais. Durante o processo de ensaios, entre produção e criação tivemos em torno de 12 encontros com duração de 3,5 horas em sua grande maioria em contra turno no período noturno e de forma voluntária dos alunos.

Muitos alunos tiveram espírito colaborativo e de organização na participação dos ensaios, como exemplo alunas que estudavam de manhã, trabalhavam no período da tarde e vinham para os ensaios no período noturno.

Casos de dificuldades nos encontros noturnos foram detectados, por motivos de alunos advindos das zonas rurais terem impossibilidade de estar nos encontros, porém demonstravam bastante interesse quando podiam participar nas oficinas de criação e produção dos objetos, adereços e figurinos.

Um elemento já apresentado por outros pesquisadores que trabalharam com o teatro são os custos com materiais e figurinos, por mais que se utilize de materiais reciclados ou mais baratos, o que ainda dificulta para o processo ser mais rápido. Como havia a necessidade de produzir figurinos, optei por comprar tecidos em sites ou pontas de estoques.

No figurino para a coreografia da dança egípcia as alunas decidiram comprar as saias por conta própria, e dividiram-se entre elas.

No entanto, entre as dificuldades de realizar os encontros com toda a equipe estavam, a questão de valores, as variadas obrigações a serem cumpridas pelo planejamento, calendários de reuniões, das provas internas e externas e das inúmeras plataformas hoje existentes, diante mesmo de todas as barreiras muito se aprendeu. O maior ganho foi dos próprios alunos que se engajaram no uso do teatro, do aprender história se divertindo, conhecendo o outro e a si próprio, tendo a aula de história significado, e se articulando no objetivo principal de aprender história, fazendo, praticando, pensando, saindo da postura de passivo para ativo.

CAPÍTULO 4

AVALIANDO O TEATRO E O ENSINO DE HISTÓRIA

Este capítulo visa mostrar o momento em que o professor ensinou história, depois de passados alguns meses em que os alunos e o professor discutiram, produziram e executaram a apresentação teatral. Para não interromper o processo criativo do teatro, o professor optou por ensinar história, num momento posterior da apresentação, quando resolveu ver junto com os alunos o vídeo da apresentação gravado por técnicos da prefeitura municipal.

No dia 18 de outubro de 2024 houve a apresentação do Teatro que contou com a participação dos alunos do 2º ano do Ensino Médio e do 2º Ano de Formação de Docentes do Colégio Estadual São Judas Tadeu. Ensino Fundamental, Médio e Profissional, totalizando 54 alunos, encenando com o tema *Uma Breve História da Humanidade*.

A encenação foi apresentada no salão paroquial da Igreja Católica com grupo dos alunos intitulado “História nossas histórias”, nome pelo qual teve o protagonismo dos próprios alunos na escolha do tema vindo também ser a música tema do teatro do cantor e compositor Charlie Brown Jr com a música *Dias de Luta, Dias de Glória*. A relação da música com história representada no teatro são as várias e várias histórias dos seres humanos vivenciadas através dos tempos, suas lutas pela sobrevivência no enfrentamento com a natureza, nas relações de poderes entre os homens e também glórias vividas em cada descoberta, invenções e progressos, nas relações com a cultura.

Após meses, chegaram à semana tão esperada com os ajustes finais de montagem do palco, adereços, cortinas, figurinos e dos preparativos que antecedem a apresentação como a entrega de convites, *banners* nas redes sociais, whatsapp e ensaios finais.

Durante um ano e seis meses foram realizadas muitas ações objetivando aprender história. Selecionamos duas turmas do 1º ano do Novo Ensino Médio e 1º ano do Formação de Docentes.

Nos primeiros encaminhamentos para a produção do teatro no mês de abril, houve a participação dos alunos em responder questões relacionadas ao teatro, desta forma conhecer e reconhecer o quão entendiam, já conheciam ou gostavam desta técnica. Iniciamos as primeiras investidas em técnicas teatrais de desalienação corporal e vocal para percebermos se os alunos sentiam-se interessados ou engajados para uma futura apresentação teatral. Ainda neste momento não iniciamos a relação com a história, mas começamos um dos processos necessários para diagnosticar suas potencialidades e fragilidades.

Durante as aulas fazíamos a imersão sobre a produção de um teatro com método de ensino de História buscando através dos alunos quais ideias poderiam ser trazidas para a montagem e produção de uma encenação.

Assim propusemos contar a História do mundo. Desta forma, os alunos foram estudando as ideias, criações, leituras de conteúdos trabalhados e pensando num roteiro - esta ação foi muito importante, pois o objetivo dos alunos estudarem os temas promoveu o objetivo a ser alcançado: aprender história.

Após rodas de conversas e muitos diálogos, os alunos fizeram questionamentos sobre personagens, adereços e figurinos, questionavam se podíamos apresentar reinados, fatos dramáticos, se poderiam montar armas medievais, se haveria cenas de drama. Explicamos que poderíamos incorporar esses elementos, por motivos que a história pode ter relações com o poder, e muitas vezes o poder trouxe exploração, dores, sofrimentos ao povo.

Expliquei que se escolhêssemos encenar reis e rainhas ao que chamamos de *História vista de cima*, estaríamos representando apenas um lado da história, mas podíamos interrelacionar as pessoas comuns, exemplo, camponeses, escravos, comerciantes ao que chamamos de *História vista de baixo*, porém o interessante se mostrassem essas relações de sociedade entre poderosos e com pessoas comuns. Assim chegamos num consenso que produziria um roteiro inicial e após apresentação deste, aprovariam ou não. Assim foi feito, apresentei um roteiro inicial. A História do Mundo, ressaltando que a dinâmica da aula se tornou mais envolvente e maior participação. Aprovado pelos alunos o primeiro roteiro, fomos adequando, adaptando e envolvendo a representação histórica que iríamos apresentar. O processo de produção do roteiro foi fundamental, pois a participação dos alunos foi ativa.

Começamos o processo de esquematização dos ensaios iniciais, havendo sempre uma explicação histórica das cenas, por exemplo, as cenas apresentadas sobre a Pré-história ensinamos vários conceitos, haviam muitos conceitos a serem aprendidos: evolução humana, nomadismo, sedentarismo, sobrevivência, tecnologia, a organização social, a manifestação cultural com os rituais, etc. Desde os primeiros ensaios havia orientações de que tínhamos um objetivo de aprender e ensinar a história para o espectador, porém não estávamos ali para aprendermos as técnicas do teatro, mas para aprender história, pois o teatro era meio, um método, ou seja, uma possibilidade de aprender a história.

Houve durante alguns meses as oficinas de produção dos adereços e objetos das futuras cenas a serem apresentadas. Desta forma, os alunos foram divididos em grupos e assim tinham que estudar, aprender e entender cada objeto produzido - sua funcionalidade,

sua importância e como o objeto representava sua temporalidade, a cultura e o povo apresentado.

Neste momento aproveitamos para aprender a evolução humana com objetos criados. Por exemplo, quando os alunos estavam reproduzindo as pedras para representar o período da Pré-história ensinamos que a pedra foi uma tecnologia que permitiu aos homens primatas criarem ferramentas importantes para sua sobrevivência, pois a pedra foi transformada em armas, utensílios para moer alimentos e cortar as caças. Que se colocassem no lugar dos primatas nas cenas a serem apresentadas para que este objeto tivesse maior conexão com o passado.

Para o grupo de alunos que estavam produzindo as armas e lanças para cena do Egito Antigo expliquei que as armas representavam força e poder. Que os instrumentos que estavam produzindo tinham uma simbologia para entendermos os egípcios, pois a sociedade egípcia mantivera sua resistência através das lutas contra outros povos. Outros dois adereços que estavam sendo produzidos que representavam foram o cetro e o chicote, que estes objetos estavam associados à religiosidade e ao faraó, pois o cetro representava a realeza (poder) e o chicote representava a autoridade.

Para o grupo responsável pela produção dos adereços e objetos representando as cidades-estados de Atenas e Esparta, aos alunos que estavam produzindo os machados, lanças, espadas, arcos e flechas, explicamos que aqueles instrumentos não eram apenas objetos que reproduziam as guerras travadas pelos atenienses e espartanos, ou seja, meros instrumentos de guerra, mas, principalmente para os espartanos, eram símbolos de sua identidade e da sua cultura militarista. As armas eram principalmente para os espartanos o caráter do guerreiro.

No grupo de oficina de objetos e adereços indígenas ensinamos o quão era importante a produção destes elementos tão representativos para a história dos povos indígenas e para a nossa história, pois os cocares representavam sua relação com a natureza e identidade dentro da tribo, ou seja, sua identidade cultural. Os chocalhos que estavam produzindo com os porongos eram usados nos rituais e cerimônias e os arcos, flechas e lanças eram ferramentas de sobrevivência, e que todos os objetos transmitiam suas crenças, cultura e a relação deles com natureza.

Vieram as oficinas de produção de figurinos, e nesta produção as alunas foram as maiores protagonistas, estudaram atentamente, questionaram, tiraram dúvidas. Uma das alunas tinha habilidades em costura, e isto possibilitou muito a produção dos figurinos. As alunas fizeram vários questionamentos - nas imagens que representavam os homens das cavernas, quais eram os materiais que usavam para se cobrir, se havia distinção de cobertura

corporal entre homens e mulheres. Explicamos que as vestimentas foram essenciais para os homens da pré-história, pois serviam de cobertura corporal durante os períodos de frio, pois eram feitas de peles de animais, porém não havia distinções entre homens e mulheres. Assim explicamos que as vestimentas são fontes históricas para explicar a passagem dos homens da Pré-história, porque os figurinos das mulheres da elite, rainhas, princesas do Egito e da Grécia usavam roupas brancas/claras. Ensinamos que eram duas regiões com climas quentes, e que um dos tecidos utilizados era o linho, porque representava a pureza e era símbolo de riqueza, além do que mantinha o corpo fresco. Na Grécia, as túnicas eram mais utilizadas por serem simples e práticas e usadas em diferentes ocasiões.

Uma das alunas perguntou como eram feitas as roupas dos indígenas, se eram feitas apenas de palhas ou se usavam algum tipo de tecido. Explicamos que havia inúmeros grupos de indígenas aqui no Brasil, e as vestimentas variavam muito de tribo para tribo, porém alguns utilizavam penas de aves, outras folhas de plantas e também as sementes e miçangas. Não eram apenas de palhas, pois usavam outras folhas de plantas, exemplos, folhas de palmeiras e coqueiros, porém que o uso das fibras vegetais para as roupas era bastante comum, como as palhas e os cipós.

O processo de apresentação do cenário através das imagens foi um dos meios realizados para aprendizagem da história, pois minuciosamente as imagens escolhidas durante a futura apresentação seria um dos meios de ensinar a história, além de ter critérios importantes para sua escolha, além de estar sincronizado com as cenas apresentadas. Uma das alunas ficou responsável pela escolha das imagens, e após as escolhas foram apresentados para as duas turmas, e conjuntamente com o professor foi explicando o que as imagens representavam e sua importância para a história. Durante a apresentação das imagens, fomos ensinando a história usando a narrativa do personagem *Tempo*, sendo que as primeiras imagens representavam a história da humanidade em 5 minutos numa linha do tempo da *teoria do Big Bang* e todas as transformações dos seres humanos até aos dias atuais, culminando na sua própria destruição.

Logo após apresentamos duas imagens sobre as teorias do criacionismo e evolucionismo, questionamos o que representavam e os alunos disseram que uma das imagens era Deus criando o homem e a outra, dos vários primatas, remetia à questão da evolução do homem. Seguimos para a apresentação das imagens sobre a Pré-história, projetando quatro imagens: savana africana, caçada, produção do fogo e rituais cerimoniais. Explicamos que as imagens estavam relacionadas com a história dos homens das cavernas, que a imagem representando a savana era as origens dos homens neardentais, o modo de sobrevivência

através da caça e os rituais de cerimônias representadas através da arte rupestre. Em seguida, a aluna expôs as imagens sobre o Egito Antigo que totalizaram seis imagens, sendo elas: as pirâmides no Vale dos Reis, a esfinge, o Rio Nilo, os camponeses, as estatuetas dos faraós e a imagem de uma dança egípcia. Explicamos que representavam simbolicamente a história do Egito, pois as pirâmides serviam de túmulos para os faraós, já que acreditavam na ressurreição, a esfinge tinha a representação do poder do faraó, pois a imagem representa um leão estendido com uma cabeça humana sobre a imagem. O Rio Nilo foi importante para a sobrevivência do povo egípcio, uma vez que suas inundações fertilizavam a terra para a agricultura e o rio era tido como um deus. Já a imagem dos camponeses havia sido base de suma importância para a economia. A imagem das estátuas dos faraós representava as dinastias, o poder religioso e político, sendo uma teocracia e, por fim, uma imagem de uma dança egípcia, uma das formas culturais.

Seguimos com as imagens sobre a Grécia Antiga com as representações de seis imagens. A primeira imagem escolhida foi a acrópole de Atenas que caracterizava o local mais elevado da cidade e símbolo desta cidade-estado. A imagem seguinte apresentava as ruínas da cidade-estado de Esparta numa planície rodeada de montanhas, e duas imagens seguintes foram de um guerreiro espartano entregando um escudo e um capacete espartano para uma mulher, sendo que ambas as imagens simbolizavam a identidade guerreira de Esparta, e por fim as imagens de danças gregas, sendo uma delas originária de uma ânfora grega. Explicamos que as ânforas gregas eram vasos que continham imagens variadas da cultura grega.

Chegamos as imagens sobre a Roma antiga no vídeo. Explicamos a escolha da primeira imagem, a do Coliseu, pois esta arquitetura - que sobrevive até os dias atuais - foi palco de violentas atrações e usada como forma política para apaziguar os ânimos da população, no qual os governantes distribuíam circo e divertimento para o povo - surgindo daí a expressão “pão e circo”. A imagem seguinte representava uma guerra entre os exércitos romanos com outros povos, caracterizando o poder de Roma, e ao fim um vídeo com imagens demonstrando o expansionismo romano durante os séculos e sua decadência posterior.

Uma aluna expôs as imagens da Idade Média. Explicamos que as imagens sobre a Idade Média representavam uma ideia das trevas e escuridão, não apresentando imagens da Universidades criadas neste período, pois, conforme o roteiro, a personagem Tempo faz uma alusão de retrocesso histórico. A primeira imagem apresentada representa as Cruzadas com cavaleiros e suas armaduras com a imagem da cruz, a próxima imagem representava a peste negra com duas pessoas com furúnculos e um padre fazendo orações. Outra imagem

representava uma mulher sendo queimada por bruxaria, e em seguida imagem que retratava as revoltas camponesas, e por fim outra imagem sobre a peste negra com vários homens com máscaras em forma de bicos vestidos de preto e uma foice, a qual representava a morte.

Para representar o Renascimento, foram apresentadas quatro imagens, sendo a primeira delas o quadro da *Monalisa* de Leonardo da Vinci retratando a ruptura com o teocentrismo da Idade Média para o Antropocentrismo, ou seja, a capacidade do homem de criar. A imagem seguinte, a do *Homem Vitruviano* também do mesmo autor Da Vinci e que representava as proporções perfeitas para um ideal de beleza. Uma próxima imagem apresentada foi o quadro *A Última Ceia* - onde Da Vinci retrata não apenas uma representação bíblica, mas as representações de confusão e de surpresa face à notícia da traição de um deles. Por fim, a imagem *O nascimento de Vênus* representa as técnicas renascentistas e o uso de cores, rompendo com os formatos característicos da Idade Média.

As imagens apresentadas a seguir representavam as Grandes Navegações e duas imagens das Caravelas representavam o momento histórico da chegada dos portugueses no continente americano. As imagens seguintes são as representações dos indígenas antes da chegada dos portugueses produzindo alimentos, caçando, pescando, fazendo seus rituais, tomando banho de rio e mostrando seu cotidiano, sua cultura e religiosidade.

A imagem seguinte foi o encontro dos indígenas com portugueses, mostrando o estranhamento e o medo de ambos os lados com *A primeira missa* representando a finalidade dos europeus em catequizar e converter os povos indígenas à fé católica. Logo após isso, a aluna expôs as duas imagens da exploração e extração do pau-brasil, e em seguida explicamos as imagens que representavam a catequização dos indígenas pelos padres jesuítas. As imagens finais que representaram as cenas do teatro foram as perseguições, caças aos indígenas e mortes, mostrando a truculência, violência feita pelos portugueses a estes povos.

As últimas imagens que foram apresentadas foram 18 imagens dos indígenas atuais as quais mostravam a vulnerabilidade, a miséria e o sofrimento dos indígenas na sociedade atual, porém fazendo um contraponto: eram imagens de várias crianças indígenas com sua ternura e alegria, e simplicidade, para refletir que são seres humanos que devem ser respeitados e cuidados por nossa geração.

Outro processo importante foi a escolha dos áudios. Neste processo houve a divisão dos alunos: alunas que fariam parte das coreografias e dois alunos ficaram responsáveis pela apresentação durante as cenas. O processo de escolha foi realizado pelo professor. Após as escolhas dos áudios, foram apresentados aos alunos. Este processo de apresentação possibilitou ensinar que, seja dos rituais da pré-história até os dias atuais, a música faz parte

integrante da cultura de uma civilização. Um ponto importante em que orientamos os alunos foi que a música naquele para o teatro estava sendo utilizada para transmitir emoções, construir uma atmosfera de envolvimento para o espectador, ou seja, uma autorização poética para a representação das danças, uma vez que um fator a ser explicitado era que os rituais na pré-história não tinham uma sinfonia, mas, sim, sons naturais e instrumentos rudimentares.

A montagem do cenário físico contou com um grupo de alunos que estudaram cada objeto que representava o tempo histórico, as mobílias, as plantas, os recursos que cada civilização vivenciou das pedras da Era - Pré-histórica, dos troncos majestosos das civilizações egípcias e gregas. Desta forma promoveu o estudo histórico de cada era e os meios que cada povo representava sua cultura.

Houve neste dia duas apresentações (manhã e noite) da peça teatral que, juntas, receberam públicos de escolas municipais da cidade – Quinta do Sol - e de outras cidades próximas, como escolas estaduais convidadas de Barbosa Ferraz, os alunos do próprio Colégio Estadual São Judas, além de convidados da Secretaria de Educação e da Cultura de Quinta do Sol, Diretores das escolas Municipais, representantes das entidades culturais, pais de alunos e comunidade em geral. Contando com um número de 480 espectadores de manhã e 370 espectadores no noturno.



Figura 18: Folder convite produzido pelos alunos. (2024).

Fonte: acervo do pesquisador

Autoria: dos alunos

As apresentações ocorreram conforme os horários definidos e com participações ativas dos alunos e públicos durante as apresentações. Conforme combinado, os alunos chegaram ao local de apresentação às 07h00min da manhã. Reunimos todos no salão para pontuar situações

de possíveis problemas que poderiam ocorrer, por exemplo, continuar a cena caso a música parasse, um tropeço qualquer. Repassamos rapidamente as funções de cada um (a). E finalizamos a conversa com uma oração.

As alunas responsáveis pelo cenário e figurinos já haviam separado todos os adereços, objetos, figurinos e mobílias para o palco, cuidadosamente etiquetadas, separadas e organizadas para que tudo ocorresse certo.

Quanto ao público durante a apresentação, houve ótima recepção às cenas apresentadas, aplaudiam, gritavam, silenciavam nas cenas dramáticas. Houve muita comoção e um retorno participativo durante as cenas através de palmas e gritos. Todos os alunos compareceram e realizaram suas participações tanto em cena como nos bastidores. Cuidadosamente fizeram suas apresentações e vibraram nos bastidores por terem conseguido realizar as cenas e recebido o retorno do público.

Houve perceptível aceitação do público com muitos elogios ao trabalho realizado com os alunos, pais orgulhosos e felizes pela atuação dos filhos e muitos agradecimentos ao professor mediador do trabalho.

Foi um momento de dever cumprido e contagiante alegria por parte dos alunos integrantes da peça teatral e sentimentos aflorados como frases de vários alunos: “o que farei agora sem o teatro”, “estou feliz por fazer parte de tudo isto e triste por ter acabado”, “obrigado professor por ter nos proporcionado isto, jamais vamos esquecer”, “professor, você criou tudo isso, muito obrigado”, “nunca me senti tão importante e como foi bom aprender desta forma”, etc.

Passando alguns dias em diálogo com a equipe pedagógica e gestora, solicitamos um compartilhamento de celebração da realização do teatro. Desta forma poderia expressar aos alunos meu agradecimento - não apenas pela apresentação, mas por todo engajamento e comprometimento que tiveram com todos o processo de construção para encenação, participando em contra turno, nas várias etapas da produção, na troca de ideias e nos altos e baixos de acontecimentos que não dariam certo, na positividade que os alunos vinham de suas atitudes em poder dar certo o evento.

Com calendário esgotado no final de ano de 2024, para dar continuidade e finalização do trabalho com o teatro foram orientadas as 2 turmas de que haveria um momento de “avaliação” com a apresentação dos vídeos gravados pela equipe da Prefeitura Municipal de Quinta do Sol, porém o momento de uma “avaliação” seria o ano letivo de 2025 – mesmo já não sendo professor da turma agendaria um dia para realizar nosso reencontro.

Realizadas as solicitações com a Equipe Pedagógica e Diretiva, no dia 14 de março de 2025 realizamos nosso reencontro para vermos juntos os vídeos da peça gravada pela Prefeitura, porém com uma surpresa inicial – os alunos do 3º ano da Manhã montaram todo um esquema para fazer o pedido para a professora Kellen, que protagonizou a personagem principal do teatro, pois abriu o espetáculo representando o tempo e suas narrativas deram corpo as cenas seguintes. A professora Kellen aceitou prontamente o convite para o teatro e sua atuação foi de grande importância para a encenação.

E eu também fui convidado para ser o padrinho de turma do 3º ano de 2025 (mesmo eu já não sendo o professor atual da turma), pois no ano letivo de 2025 não pude assumir as turmas dos alunos que participaram do teatro, porque na nova estrutura do Novo Ensino Médio, os pais e alunos escolhem as áreas de Exatas ou Humanas, e nesta escolha foi optada a área de Exatas, sendo assim não há o componente curricular de História.

Esse foi um momento de os alunos demonstrarem sua gratidão com homenagens gravadas de agradecimentos e seus sentimentos quanto o que representou, e representa a ele, durante o tempo em que ministrei a disciplina de História e os momentos com o teatro. Momento de muita emoção, carinho, reconhecimento e alegria.



Figura 19: Encontro com os alunos para “avaliar” a produção teatral (2024)
Autoria do próprio pesquisador
Fonte: Acervo do pesquisador.

Por fim, iniciamos a apresentação da “avaliação”, fazendo os agradecimentos e que iríamos neste dia percorrer e rever as Histórias, nossas histórias durante os anos de 2023 e 2024 e como a história foi tratada na peça.

Relembramos que a proposta de formar o grupo tinha um objetivo principal de utilizar o teatro como método, ou seja, mediação para aprender História e que culminaria numa dissertação de mestrado com o tema: *Teatro em sala de aula uma possibilidade metodológica*

para o ensino de História - trazendo uma possibilidade de ensino. Especificamente, aprender História, ou seja, um projeto, uma didática, para poder ensinar a História, - que não contemplava apenas oralidade e aulas expositivas.

Relembramos que durante os dois anos trabalhados, cada evento, ação e momento não era apenas realizar um “teatrinho”, e sim que tínhamos um intuito maior, uma ação maior que era apresentar um teatro com objetivo de aprender história, ou seja, aprender a história com uma produção teatral. Expliquei que as turmas escolhidas foram eles: do 1º ano do NEM – Novo Ensino Médio e outra turma Profissionalizante 1º ano, turma de Formação de Docentes, com novas propostas de Leis com a BNCC – turmas em turnos diferentes e bastante diversas em modos de pensar e agir.

No princípio da avaliação, rememoramos como chegamos ao nome do grupo indicado por uma aluna e que escolhido pela turma o nome do grupo: *História, nossas histórias*, que envolve o passado e quando, vendo o vídeo, revendo a peça, olhamos os personagens, estamos lá também representados desde os primeiros hominídeos aos dias atuais e atuantes como sujeitos históricos como apresentados nas cenas.

Explicamos que o protagonista principal do teatro estava no personagem *Tempo*, pois o tempo foi a chave disto tudo, de todo o enredo e do envolvimento com as passagens do tempo e que a frase: “Eu sou o tempo que tudo vê, viu e viverá” remetia aos tempos presente, passado e futuro.



Figura 20: Professora de Artes representando o personagem e a protagonista Tempo (2024)
Autoria do próprio pesquisador
Fonte: Acervo do pesquisador.

Em seguida, indagamos sobre o que passava na cabeça deles quando falamos do tempo. Uns disseram que o tempo é uma retrospectiva que podemos analisar, rever e perceber.

Outra aluna mencionou que se sentia como se estivesse parada no tempo, por ter perdido seu tio numa fatalidade. Apresentei o conceito das rupturas e permanências, que a História tem, sua dimensão histórica nesses conceitos de elementos sociais, políticos e culturais necessários para se romperem e também ações positivas permanecerem. No caso da aluna, fiz o conceito das memórias pessoais e coletivas, das boas recordações que ficaram e ficarão em sua vida.

Segundo Le Goff (1984, p. 45), a História é marcada por rupturas e permanências. Desta forma podemos entender que as mudanças são importantes para substituir uma forma de poder ou meio cultural e que as permanências podem mostrar valores das sociedades que são relevantes em diferentes tempos. Explicamos aos alunos que nossa apresentação teatral *Uma Breve História da Humanidade* estava de acordo com uma linha do tempo afinada ao currículo de História da Seed Paraná.

Que era importante entender que este currículo trabalhado nas escolas ainda era um currículo tradicional que legitimava preconceitos e hierarquias sociais, principalmente um status de superioridade do colonizador. É perceptível a falta de reconhecimento da diversidade de culturas e histórias dos indígenas e negros, perpetuando uma visão de que os colonizadores foram “bons”, ou seja, naturalizando atitudes que polarizam as relações raciais, de gêneros, de sexualidade, religiosidade, etc.

Neste sentido, explicamos para os alunos que é importante salientar que o que apresentamos, de certa forma ainda possui um prisma pela construção histórica de um currículo do colonizador, europeizado, onde não se questiona a postura de neutralidade e que ainda nega a participação na construção da história dos verdadeiros agentes históricos, que insiste em negar a participação da história dos verdadeiros envolvidos e infelizmente são excluídos, não apresentados.

Explicamos que, como professor, acompanhamos os ritmos que os sistemas educacionais nos propõem e oferecem – porém, buscamos fazer a inclusão dos autores que apresentam as críticas na construção do currículo, fazendo as pontes essenciais na busca de romper com o que nos é atribuído, e buscamos trazer as vozes das mulheres, dos indígenas - que muitas vezes são apresentados com olhar europeu e não dos próprios povos originários. Que não há o respeito do afro-descendente direcionar o seu olhar, a sua dor, os sentimentos, as violências sofridas, as angústias e de não poder contar a sua própria história,

principalmente a dos seus ancestrais, os quais foram escravizados e tiveram subtraídas sua dignidade e liberdade.

Explicamos, ao longo do vídeo, à turma que o movimento abolicionista não está nos livros de História, mas no nosso dia a dia da sociedade contemporânea, pois a abolição ainda está em processo de luta, uma vez que direitos de viver numa sociedade mais justa e igualitária estão vivos.

O colonialismo faz parte do processo educativo no Brasil desde a catequização praticada pelos jesuítas que aportaram no país, que continua vivo em textos didáticos, na cultura e em muitos aspectos da vida moderna, pois, sem perceber, muitas vezes respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente, pois colonialidade é resultado de uma imposição do poder e da dominação colonial, a qual consegue atingir as estruturas da sociedade brasileira de tal maneira que, mesmo após o término do domínio colonial, suas amarras persistem.

Apresentamos que este processo de ruptura do sistema colonizador deve partir de todos nós e que uma mensagem que tentamos colocar na nossa jornada histórica do teatro foi e é de não deixar se abater com o que outro pensa, não nos calarmos, de lutar, e que nós e o público pudéssemos perceber que temos uma causa justa para lutar. Não ter medo de se apresentar, pois uma das ações representadas nas cenas foi mostrar os questionamentos políticos, sociais e culturais onde não eram apenas mostrar um desempenho e técnicas teatrais, mas apresentar um teatro que tinha objetivo de representar uma breve história da humanidade nas ações humanas que nos moldaram e nos trouxeram até este momento. Ainda com as amarras do currículo, de certa forma colonizador, porém rompendo com a visão unilateral e sem a intenção de mostrar uma verdade absoluta, mas uma representação histórica dos momentos vividos pelo homem.

Após a apresentação do currículo para os alunos a fim de esclarecê-los como ele é implantado, fiz uma retomada sobre o conceito de tempo através de *slides*, apresentando autores que se debruçaram sobre o tema. Dizem os autores que a concepção de tempo na história é um pilar para a compreensão dos eventos e processos que moldaram a sociedade contemporânea. Dissemos a eles que, historicamente, o tempo serve como ferramenta para organizar e sequenciar acontecimentos, permitindo aos historiadores identificar relações de causa e efeito, padrões de mudança e continuidade, e a evolução das sociedades ao longo das eras. Essa organização temporal pode ocorrer de diversas formas, como *cronologias*, *eras geológicas* ou *períodos históricos*, cada qual com seu contexto e significado específicos.

Segundo Koselleck (2006, p. 109), historiador alemão renomado por suas pesquisas sobre a teoria da história, "o tempo histórico não é um fluxo homogêneo, mas uma estrutura complexa de múltiplas temporalidades". Essa perspectiva desafia a visão linear tradicional do tempo, propondo que a experiência humana é marcada por repetições, padrões cíclicos e rupturas. Essa visão complexa do tempo histórico também é compartilhada por François Hartog, historiador francês contemporâneo, que argumenta que o tempo histórico é uma construção social, moldada por diferentes culturas e períodos. Para Hartog, "o tempo não é um dado objetivo, mas uma forma de organizar e dar sentido à experiência humana" (2015, p. 38).

Além disso, historiadores também contribuem para essa discussão ao analisar como a memória coletiva molda a percepção do tempo histórico. Em suas pesquisas sobre a história do Brasil, demonstrando como o passado é constantemente ressignificado e reinterpretado, influenciando a forma como compreendemos o presente.

Após assistirmos as cenas iniciais do teatro com a personagem principal o *Tempo*, na qual a personagem faz as analogias temporais, fomos para a explanação dos conceitos de autores, e assim fizemos o seguinte questionamento: como podemos perceber que o mundo foi moldado com a cronologia temporal dos fatos e eventos apresentados na encenação?

Um dos alunos disse que foi através de evolução e regressão, aprendendo, realizando mudanças, e outra aluna falou que muitos indivíduos moldaram nossa história como Einstein, Newton e também mulheres que fizeram a diferença no mundo, por exemplo a descoberta da agricultura pelas mulheres no período pré-histórico. Sendo assim, foi retratado aos alunos que eles fazem parte do processo histórico, pois conscientes ou não – estão transformando a história e moldando o mundo.

Uma aluna questionou que ela vê que a sociedade não percebe o adolescente ou o enxerga como indivíduo neutro, sem futuro, que é visto muitas vezes como agente transgressor, como alguém que não vai dar certo. Desta forma expressei que ninguém tem o direito de dizer que não serão capazes de conquistar, pois o tempo trará isto a eles, pois a história de cada pessoa tem importância independente de sua trajetória.

Dando prosseguimento, achei importante ressaltar aos alunos a seguinte frase: "o tempo serve como ferramenta para organizar e sequenciar acontecimentos, permitindo aos historiadores identificar relações de causa e efeito, padrões de mudança e continuidade, e a evolução das sociedades ao longo das eras". Essa organização temporal pode ocorrer de diversas formas, como cronologias, eras geológicas ou períodos históricos, cada qual com seu contexto e significado específicos.

Desta forma, usamos a sequência de cenas desde formação da Terra, as teorias criacionistas e evolucionistas, a pré-história, as civilizações antigas, a Idade Média, Renascimento até o recorte da Idade moderna com o encontro dos europeus com indígenas no continente americano - Brasil, e falando que cada ação humana que achamos impunha relação de causas e efeitos, e que este ato encenado na apresentação teatral era de suma importância, porque mostrava um pensamento de que todos dizem que a função do historiador é lembrar o que a sociedade quer esquecer. Sendo assim, apresentamos os eventos cruciais a serem lembrados, por exemplo o domínio do poder pelos governantes egípcios, gregos, romanos e portugueses, as violências contra os povos indígenas e africanos, a exclusão da mulher na sociedade, a intolerância religiosa. O exemplo disto na apresentação teatral que fizemos foi a cena da 1ª dinastia faraônica - por volta 2.900 a.C, com Menés - onde seu poder era teocrático e tinha domínio político e religioso em suas mãos, porém percebemos muitas relações de força e poder nos dias atuais em que estamos vivendo.

Essa organização temporal pode ocorrer de diversas formas, como *cronologias*, *eras geológicas* ou *períodos históricos*, cada qual com seu contexto e significado específicos. Questionados se utilizamos o tempo cronológico como meio de apresentar as cenas, os alunos disseram que “sim”, deram exemplos, como a datação dos períodos em eras (Pré-história), os anos, os séculos etc. Questionados novamente se usamos a linha do tempo através dos períodos históricos, um dos alunos disse que “sim”, e citou os períodos mostrados na apresentação teatral. Um dos alunos perguntou o que era “história linear” – dissemos que o conceito é o de uma história cronológica que segue uma reta, uma evolução com início, meio e fim. Perguntei ao aluno se a utilizamos no teatro – este respondeu que utilizamos a cronologia, porém não tivemos um fim, porque ainda vivemos eventos e ações do passado.

Assim desta forma, pudemos colocar a teoria do tempo cíclico, quando momentos históricos podem se repetir, como exemplos guerras por territórios (Rússia x Ucrânia), ditaduras, abusos de poder, intolerância religiosa, discursos políticos etc. Inserimos como ainda podemos definir o tempo e como utilizamos estas definições em nossa apresentação. E assim as defini.

Apresentamos o conceito de diacrônico, explicamos que é a evolução ou mudanças de algo ao longo do tempo que é frequentemente utilizada em contextos históricos para descrever a análise dos eventos em uma linha temporal, e expusemos o conceito de assíncrono, explicamos que este descreve eventos ou processos que não ocorrem simultaneamente ou em sincronia. E o anacrônico como algo que está fora de seu tempo apropriado, como um elemento, ideia ou objeto que parece pertencer a uma era diferente da atual, ou pertencer a

uma época diferente da qual estamos tratando, o que pode causar estranheza ou incongruência.

Uma das alunas comentou sobre a questão do anacronismo, ela perguntou para uma professora o que havia achado da coreografia da dança grega, e a resposta da professora foi que, se fosse ela, não deixaria apresentar, porque a dança não representava a genuinidade da dança grega. Naquele momento, a aluna ficou bastante chocada, porém ela ficou tranquilizada quando expliquei que o teatro poderia quebrar as regras, mesmo sendo uma forma anacrônica, pois tínhamos uma licença poética para exprimir e trazer o público para o palco. Tanto assim que, ao final da apresentação foram ovacionadas pelo público.

Abrimos os questionamentos aos alunos sobre as definições para diagnosticar se conseguiam relacionar as definições do tempo com a peça teatral que tinha todo o corpo com o tempo.

Um dos alunos disse que utilizamos o diacronismo nas mudanças de períodos históricos, ou seja, que usamos uma linha do tempo onde os fatos ocorriam, mas que também dentro do período havia o uso do diacronismo, por exemplo, ele retratou como foram as mudanças ocorridas dentro da pré-história, uma vez que o homem foi, ao longo do tempo, fazendo descobertas, como longa jornada em busca de alimentos, a descoberta do fogo, a descoberta da agricultura e do processo que levou a fixarem seus locais de moradia e formando assim as vilas.

Uma aluna perguntou se o tempo assíncrono tinha a ver com algo que não estava sincronizado, porque entende que sincronia é algo que está acontecendo junto, paralelo, e assincrônico seria o oposto, que não está acontecendo paralelamente. A aluna mencionou o exemplo das imagens expostas, do som e do próprio personagem, que vive vários tempos.

Explicamos que ela tinha razão que o personagem *tempo* pode ser uma definição do tempo assíncrono, ou seja, seria um narrador (personagem) atemporal, que não está preso a nenhum período histórico específico e que guiava o público através da peça.

Outro exemplo que apresentamos é a questão de eventos históricos semelhantes que estavam ocorrendo na peça poderem acontecer ao mesmo tempo em diferentes partes do mundo, exemplo, o poder político nas civilizações antigas: Egito, Grécia, Roma. Outro exemplo dado por uma aluna foi sobre a questão das mulheres de Atenas, as quais mesmo sendo em tempos distantes, porém, ainda no tempo presente, têm semelhanças de não terem todos os direitos em pleno século XXI.

Pedimos para que os alunos dessem exemplos do tempo anacrônico – os alunos deram exemplos do uso de alguns objetos, figurinos, música, dança. Os alunos comentaram as

coreografias e a utilização de músicas que não estavam no contexto histórico do período como, por exemplo, utilizaram a música da Beyoncé para apresentar a dança grega com relação do empoderamento feminino e também o uso da música *Ritmo Quente* da banda *Boi de Parintins* como também o uso de instrumentos tecnológicos para apresentação da música e do telão.

Dissemos que, durante a produção das coreografias, ao apresentar elementos anacrônicos não haveria problemas, porque tínhamos uma licença poética no teatro que permite de certa forma “transgredir” as barreiras e que não teríamos como apresentar uma verdade absoluta sobre as histórias apresentadas nas cenas. As alunas comentaram que a intencionalidade era apresentar as mulheres que são negadas ainda hoje na sociedade, e por isso finalizaram com uma música contemporânea apresentando a mulher, que pode ter seu espaço na sociedade, porém compreendeu que este conceito de anacronismo na prática.

Ao apresentar as cenas da pré-história, no momento da exibição do vídeo, pausamos e perguntamos qual conceito que poderíamos apresentar com as imagens dos objetos, figurinos, cenário que são essenciais para os estudos históricos?

A aluna respondeu que eram meios de apresentar algo do passado.

Retratamos que estes meios eram as fontes históricas que são vestígios deixados pelos homens no passado.

Relembramos que as fontes históricas podem ser materiais e imateriais. Pedimos exemplos de fontes materiais na apresentação teatral, os alunos disseram que poderiam ser as lanças, as roupas, as pedras transformadas pelos seres humanos, os dentes de animais usados como um objeto, as tochas de fogo, as imagens rupestres, e como exemplo de fontes imateriais, responderam os rituais/cerimônias, os quais estariam na coreografia.



Figura 21: Representação da cena sobre a Pré-história (2024)

Autoria do próprio pesquisador

Fonte: Acervo do pesquisador.

Assim que apresentamos as cenas da pré-história e da coreografia, os alunos fizeram os comentários da produção da coreografia e dos momentos antes de entrar em cena em que a aluna falou que iria apresentar uma surpresa, pois haviam mudado toda a coreografia poucos minutos antes. Questionamos ao grupo que realizou a representação da dança tribal qual foi o aprendizado histórico? As alunas disseram que foi gratificante fazer parte desta cena, pois ela representa uma cultura que perpassa gerações, porque ainda hoje na nossa cultura reproduzimos ritos cerimoniais, como exemplo a festa de debutante de aniversário de 15 anos ou uma dança de valsa nos casamentos.

Apresentamos no vídeo a próxima cena sobre o Egito Antigo – os alunos se emocionaram com a encenação e a produção desta cena, pois o aluno que representou o personagem do faraó disse que a fala que expressou o fez refletir muito sobre a sociedade atual e as questões religiosas que estão tão ressoantes nas discussões atuais, e então expusemos alguns conceitos e contextualizações do Egito e a sociedade contemporânea, e apresentamos que, na sociedade atual, embora ainda existam líderes carismáticos e sistemas políticos centralizados, a noção de “poder” é frequentemente distribuída entre diferentes instituições e ramos do governo, refletindo um movimento em direção à democracia e à separação de poderes. A cultura, que no Egito Antigo era profundamente entrelaçada com a religião e os mitos, hoje é amplamente influenciada pela globalização e pela diversidade de ideias e expressões artísticas. Contudo, certas semelhanças persistem, como o uso de símbolos e narrativas culturais para legitimar o poder e unir a sociedade. Além disso, a relação entre cultura e poder permanece significativa, já que tanto no Egito Antigo quanto nas sociedades modernas, a cultura serve como um meio de coesão social e de transmissão de valores e ideologias. A comparação entre essas épocas nos permite refletir sobre a evolução das estruturas sociais e políticas, bem como sobre a capacidade humana de adaptar e transformar suas formas de organização para enfrentar os desafios de cada era.



Figura 22: Representação da cena sobre o Egito Antigo (2024)
 Autoria do próprio pesquisador
 Fonte: Acervo do pesquisador.

O aluno que representou o faraó pediu para realizar a fala que fez na cena, e logo após ele expressou a insatisfação que tem visto e vivido sobre estas questões da utilização de símbolos e uso de políticos como mitos. O aluno refletiu o poder dos símbolos na passagem da sua cena, onde carregava em suas mãos o cetro e o chicote que simbolizavam o poder, além de ele próprio representar um mito religioso poderoso. Diz ficar incomodado com o uso da bandeira nacional como representação partidária e usar políticos como personificação de um mito.

Fizemos ponderações de que esta cena apresentada do Egito representa um diálogo que devemos perceber nas narrativas políticas atuais para não cairmos em narrativas perigosas e repetir erros iguais aos vividos no passado com os estados nazi-fascistas, que se apoderaram de símbolos e uso de personagens míticos para dominação do poder. Para finalizarmos, o aluno disse que aquela havia sido uma cena que marcou a forma de perceber como podemos contextualizar uma civilização de 5000 anos atrás com a nossa sociedade e a sociedade mundial, o quanto temos e vivemos representações políticas, culturais e religiosas na contemporaneidade. O que parecia estar tão longe é mais perto do que se parece.

Comentamos que a utilização da religião egípcia e os discursos religiosos estão presentes nas várias temporalidades históricas e a reflexão que devemos ter com as ideologias e discursos religiosos - principalmente quando políticos se apropriam deste meio para ludibriar a população nas diversas sociedades.

Uma aluna disse que atualmente nas questões religiosas houve maior desenvolvimento, por ver uma abertura maior da participação de mulheres nas igrejas, uma vez que, hoje, há mulheres pastoras, e algumas práticas antes proibidas como corte do cabelo, usar calça, são possíveis. já outra aluna ainda percebe que na sociedade brasileira há muita

intolerância religiosa, principalmente com as religiões afro, mas que também discriminam as religiões cristãs. Dissemos que não cabe a nós determinar qual religião salva ou não, pois cada um tem o direito de escolha religiosa. Outro aluno diz se incomodar com os radicalismos religiosos e que devemos quebrar a falta de informações e estigmas que foram alicerçados nas sociedades. Apresentamos a questão da lei da laicidade no Brasil, disse que vivemos num estado laico, porém ainda temos um discurso do colonizador, o qual tinha como objetivo converter e trazer a fé cristã católica os povos indígenas e africanos. Mesmo que, porém, continue viva a perpetuação de uma visão cristã.

Outro elemento discutido na cena foi a exploração e a dominação de toda uma nação sobre o trabalho escravo e exploratório. Refletimos num cenário mundial que vivemos ainda com formas escravocratas e exploratórias. Uma aluna vê que ainda vivemos numa sociedade de muita desigualdade e que não vê justiça principalmente no Brasil, porque entende como injusto um político ser endeusado, tratado como um faraó com altos salários, privilégios, status sociais elevados numa hierarquia social de dominantes e dominados. Que mesmo que hoje vivamos numa sociedade em que existem uma legislação trabalhista que paga salários, mesmo assim a grande maioria mal consegue pagar suas contas.

Para finalizarmos, apresentamos uma contextualização sobre a exploração do trabalho no Brasil, especialmente o trabalho análogo à escravidão, que continua sendo um desafio, pois, apesar de proibida, ainda ocorre no Brasil, com trabalhadores sendo submetidos a condições de trabalho degradantes, jornadas exaustivas e restrição à liberdade.

Apresentamos o contexto histórico sobre as civilizações das cidades-estados de Atenas e Esparta e logo após assistimos os vídeos das cenas do teatro. Sobre as cenas produzidas apresentamos que a Grécia Antiga com suas cidades-estados emblemáticas Atenas e Esparta oferecem um legado rico que ainda ressoa na sociedade contemporânea, especialmente nas questões de gênero e políticas. Em Atenas, o berço da democracia vê as raízes de muitos sistemas políticos modernos, embora inicialmente limitados a uma parcela restrita da população. Hoje, a ideia de participação cidadã e debate público permanece central em muitas democracias, embora ainda lutamos para alcançar uma inclusão plena.



Figura 23: Representação da cena a cidade-estado de Atenas (2024)
 Autoria do próprio pesquisador
 Fonte: Acervo do pesquisador.

Já em Esparta, onde as mulheres tinham mais direitos e liberdades em comparação com outras cidades gregas, estas permitem traçar paralelos com a luta contínua pela igualdade de gênero. As mulheres espartanas eram educadas e podiam possuir propriedades, o que contrasta com muitas sociedades contemporâneas que ainda trabalham para alcançar essa paridade.



Figura 24: Representação da cena sobre cidade-estado de Esparta (2024)
 Autoria do próprio pesquisador
 Fonte: Acervo do pesquisador.

Apresentamos a finalidade das cenas, com o que abrimos a discussão sobre a questão de gênero, e indagamos à aluna que fez a personagem sobre a Rainha de Atenas como foi protagonizar a personagem e como ela percebe o papel da mulher nos dias atuais. A aluna relatou que sentiu o peso de carregar a submissão, ser subjugada e a recusa de uma sociedade

excludente na sociedade ateniense e que percebe que a mulher ainda vive, recarrega e encara muitas características de Atenas Antiga, pois percebe que algumas religiões permanecem e reproduzem este comportamento. Diz que vivenciou uma situação de bastante constrangimento ao, num culto, se deparar com o pastor, o qual paralisou sua fala para chamar sua atenção por comportamento diante de todos dentro do templo religioso, porque tinha deixado seu namorado encostar a cabeça no braço dela, pois não era um comportamento digno de uma mulher. Relatou a aluna também que ainda há muitas lutas a serem conquistadas para o espaço feminino, principalmente quando colocam a mulher num estado de inferioridade intelectual, o que a incomoda bastante.

Outra aluna que protagonizou a personagem a *Rainha dos Exércitos da Cidade* – estado de Esparta - ao ser questionada sobre sua atuação e realização sobre a questão de gênero, a aluna diz que muito a incomodam os comportamentos dos homens por motivos de viverem num ambiente de trabalho majoritariamente masculino e adulto, que não se sente respeitada, pois ouve insinuações, falas, brincadeiras sem o devido respeito a sua pessoa. Para ela, a personagem que ela encarnou representa uma mulher forte e determinada numa sociedade guerreira e que esta determinação consegue ver nas mulheres de hoje – principalmente em mulheres muitas vezes abandonadas - quando engravidam ou seus maridos as deixam, pois lutam e não se deixam vencer, como a fala que o personagem dela mesma proferiu durante a apresentação: “nossos inimigos, eles poderão tirar-nos a vida, mas nunca nos tirarão a nossa liberdade”, assim entendendo que a luta pela liberdade feminina são de todos os dias na relação com a sociedade, no trabalho, na política e na busca da igualdade de direitos.

Uma aluna disse sentir maior cobrança dentro da própria escola quando cobram à personalidade, os trajes, sente que há uma menor cobrança quanto aos meninos. Orientamos que é necessário desconstruirmos historicamente comportamentos, ou seja, rupturas necessárias que precisamos construir no nosso dia a dia.

Refletimos as dificuldades dos alunos e sociedade em visualizarem as problemáticas que atuam na questão de gênero, explicamos o tema da redação do ENEM de 2023: "Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil". Tema que abordou a falta de reconhecimento e valorização do trabalho de cuidado, principalmente o realizado pelas mulheres, que muitas vezes é negligenciado e não remunerado e que houve bastante dificuldade em produzir a escrita. Tal tema mostrou literalmente como a mulher é invisível aos olhos da sociedade porque naturaliza a ideia da

mulher, esposa, mãe, estudante, trabalhadora, acumulando responsabilidades, cheia de sobrecargas e desvalorizadas.

Para finalizarmos a questão de gênero das civilizações gregas, perguntamos qual foi o maior legado das cenas Atenas e Esparta para as mulheres?

A aluna respondeu que, se hoje estamos falando, refletindo, apresentando cenas teatrais, discutindo sobre as mulheres, é porque o passado histórico das mulheres nos permitiu e nos permite lutar pelos nossos direitos, de não ter medo de sair às ruas. Que não se deve desistir das lutas e dos engajamentos das mulheres na sociedade, e infelizmente a mulher é muito sexualizada e possuem muito medo da violência.

Questionamos se conseguiam traçar os paralelos da democracia ateniense e a nossa atual democracia representada na cena teatral – como entendem o que é uma verdadeira democracia. Uma aluna disse que não vê uma verdadeira democracia no Brasil e entende que a democracia seria uma forma em que as pessoas vivessem de forma sem desigualdades, sem injustiças, sem fome, sem desempregos e que pudessem usufruir das políticas do governo de forma plena.

Outro aluno diz que nossa democracia usa meios subliminares de ações políticas, pois entende que as leis são determinadas conforme o poder econômico que o cidadão possui e na cidade de Atenas não era diferente, porque em sua maioria eram homens, filhos de pais atenienses e que o cenário político brasileiro demonstra este retrato – uma hierarquia social desigual. Mesmo com leis que permitam às mulheres na política, ainda se vive um estrangulamento das mulheres neste cenário, onde vemos muitas cenas de preconceitos, misoginia e falta de respeito com as mulheres. O aluno vê um retrato de manipulação e articulação do poder onde as leis são votadas conforme os interesses políticos e não da sociedade.

Questionamos a encenação de Péricles com a seguinte frase dita na apresentação teatral: “O nosso governo chama-se democracia, porque a administração serve aos interesses da maioria e não de uma minoria. Nós consideramos o cidadão que se mostra estranho ou indiferente à política como um inútil à sociedade e à república”. O aluno que representou Péricles diz ter sentido um peso do personagem, pois precisava estar representando um sujeito histórico de grande importância, pois pesquisou informações sobre Péricles – sujeito de personalidade, que buscou a participação da população mesmo restrita e que influenciou o modo político até os dias atuais.

Apresentamos as ponderações da cena de Péricles que a democracia é o pilar da sociedade contemporânea, as lutas são diárias nas buscas das políticas públicas em toda sua

plenitude, pois não há como mensurar a importância da democracia – através delas lutamos contra as injustiças sociais, na participação da sociedade politicamente e que ainda existem muitas disparidades nas representações nos cenários federal, estadual e municipal, são representações com poucas representatividades de negros, índios e mulheres brasileiras. Por isso, a cena de Péricles ecoa sobre nós, pois é um grito forte sobre a nossa conscientização do ser político, entendendo a política em todos os meios e setores, não apenas política partidária.

Passamos a tratar da cena sobre Roma Antiga. E apresentamos a contextualização da cena sobre a Roma Antiga, e explicamos que, com sua rica história e vasto império, deixou um legado duradouro que ainda influencia o mundo moderno em diversos aspectos. Socialmente, a estrutura familiar e os conceitos de cidadania e direitos civis romanos moldaram as bases das sociedades ocidentais contemporâneas. Culturalmente, a literatura, a arte e a arquitetura romanas, como o uso de arcos e cúpulas, continuam a inspirar artistas e arquitetos ao redor do mundo. Politicamente, o sistema de governo republicano romano, com suas ideias de senado e representação, serviu como modelo para muitas democracias modernas. Economicamente, a rede de estradas romanas e o uso de moeda padronizada foram precursores de sistemas comerciais internacionais.



Figura 25: Representação da cena sobre Roma Antiga: O senado – imagem selecionada na internet para apresentação no telão combinado com a fala da personagem Tempo (2024)
Autoria do próprio pesquisador
Fonte: Acervo da internet.

Avançando no vídeo da apresentação, prosseguimos com a cena sobre a Idade Média. Pontuamos as seguintes questões para serem discutidas da representação realizada da cena frequentemente chamada de "Idade das Trevas". Que a Idade Média é muitas vezes criticada pela sua aparente estagnação cultural e científica, em contraste com a efervescência do Renascimento que se seguiu. No entanto, ao contextualizá-la com a sociedade atual, moderna, podemos reconsiderar algumas destas críticas. A centralização do poder na Igreja e a falta de

mobilidade social eram características marcantes que limitavam o progresso individual e coletivo. Hoje, apesar de vivermos em uma sociedade mais aberta e tecnologicamente avançada, ainda enfrentamos desafios semelhantes, como a concentração de poder em grandes corporações e desigualdades socioeconômicas. Além disso, a disseminação de desinformação e a resistência a certas inovações científicas lembram a desconfiança medieval em relação ao novo e desconhecido. Assim, ao criticar a Idade Média, podemos usar seu estudo para refletir sobre como lidamos com os desafios contemporâneos, buscando evitar os mesmos erros e promovendo uma sociedade mais justa e progressista.



Figura 26: Representação da cena sobre a Idade Média – escuridão (2024)
 Autoria do próprio pesquisador
 Fonte: Acervo do pesquisador.

Neste sentido, fizemos os seguintes questionamentos: o quanto de medieval ainda vivemos na sociedade contemporânea?

Uma das alunas acha que a igreja influencia fortemente a mentalidade das pessoas, que vê que a religião é muito presente na cultura das pessoas, deixando claro não ser contra Deus, mas como usam Deus como massa de manobra usando pessoas para tirar dinheiro. Outra aluna fez uma analogia com a questão da pobreza no Brasil e no mundo, refletindo como pode, num mundo de tantas pessoas, com muito, e outras pessoas na miséria, e que evolução tivemos então? A tecnologia não deveria diminuir as desigualdades e trazer soluções a problemas do passado?

E um dos alunos disse que o tocou na cena a música fúnebre e a imagem da peste negra que o remeteu às lembranças do que ele e nós vivemos - a pandemia do COVID, pois foi um momento de muita tensão, dor, incertezas, medo e uma avalanche de informações desencontradas com *fakenews* nas redes sociais. Mencionou um fato ocorrido em Barbosa

Ferraz, cidade próxima, sobre um pastor que levou inúmeras pessoas a acreditar em curas milagrosas, pedindo para os fiéis tirarem as máscaras e tirando objetos do umbigo de uma senhora – este culto levou muitas pessoas à morte, pois foram contaminados pelo vírus do Covid – que esta cena o marcou por mostrar quanto a sociedade não confia na ciência e é submetida ao senso comum.

Fizemos diálogo sobre o Renascimento e sua importância para a reconstrução do pensamento científico e as inovações que trouxe. Momento crucial para a quebra da ruptura do teocentrismo em que viviam na Idade Média para um outro olhar, antropocêntrico, na produção da cultura e da ciência. Fizemos uma contextualização da importância da cultura na sociedade e sua valorização como meios de lutas, questionamentos políticos, a capacidade dos seres humanos em transformar o mundo e no uso da razão.

Como discutido na cena anterior da Idade Média, ainda temos que renascer em muitos aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos nos dias de hoje. Que a cena apresentada fosse um convite para os espectadores e para nós. Enfim, que possamos aprender com o passado na disseminação e produção da ciência e renovação a cada dia da nossa sociedade numa mentalidade que não negamos a Deus, mas que usamos a inteligência e as capacidades humanas para moldarem, transformarem as nossas vidas e o que estiver ao nosso redor.

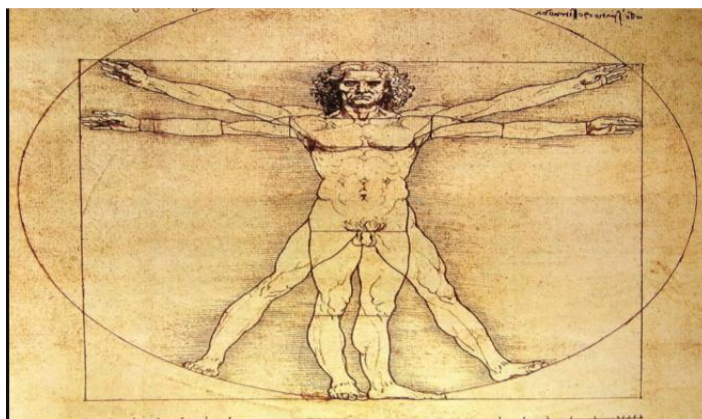


Figura 27: Representação da imagem sobre o Renascimento – O Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci – imagem selecionada para apresentação no telão retirada da Internet (2024)

Autoria do próprio pesquisador

Fonte: Acervo do pesquisador.

Apresentamos as últimas gravações - o encontro com o desconhecido, o Índio tem alma e o grupo de dança Pôr do Sol.



Figura 28: Representação da cena sobre o Encontro com o desconhecido (2024)
 Autoria do próprio pesquisador
 Fonte: Acervo do pesquisador.

Relembramos que, quando escolhemos apresentar estas cenas, tínhamos o objetivo de apresentar a nossa história e que pudéssemos entender sobre a importância dos indígenas na sociedade brasileira, que este tema exigia uma abordagem de muitas dimensões que considere aspectos históricos, culturais, sociais e econômicos. Historicamente, os povos indígenas são os primeiros habitantes do território que hoje conhecemos como Brasil, e suas contribuições para a cultura nacional são imensuráveis, desde a influência na culinária até o vocabulário que usamos diariamente. Culturalmente, os indígenas mantêm tradições, línguas e conhecimentos ancestrais que enriquecem a diversidade cultural do país e oferecem lições valiosas sobre sustentabilidade e respeito à natureza. Socialmente, a inclusão e valorização dos povos indígenas é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Por fim, o reconhecimento das suas terras e o respeito a seus direitos são essenciais não apenas para a preservação de suas culturas, mas também para a proteção do meio ambiente.

Refletirmos sobre esses pontos, é crucial para fomentar um diálogo respeitoso e inclusivo que promova a valorização e o reconhecimento dos povos indígenas como parte integral e vital da sociedade brasileira. Os alunos tiveram uma comoção ao rever as cenas e fizeram alguns paralelos do que temos vividos no nosso país – os alunos citaram a invasão das terras indígenas para extração do ouro, a miséria e as doenças, os abusos do poder dos governos e as atrocidades com que tratam os povos indígenas.

Questionamos uma das alunas que fez o personagem de uma índia como foi se revestir de uma personagem indígena? A aluna disse que realmente sentiu a dor e o sofrimento, e que consegue trazer dentro dela o que é se sentir discriminado por ser negra, pois já sentiu a dor do preconceito e do racismo. Ela disse que veio a sua mente que o genocídio indígena é

tratado como natural, e isto a machuca, pois se fala tanto do Holocausto na 2ª Guerra, mas apresentam as mortes de milhares de indígenas no Brasil como comum - sem dimensionar a dor e o sofrimento que pode representar a verdadeira história dos indígenas.

Finalizamos pedindo aos alunos que refletissem sobre tudo que apresentaram nas últimas cenas, que retratavam a história do Brasil no encontro com os povos originários e o índio hoje, e a cultura apresentada pelo grupo de dança Pôr do Sol. Assim, fizemos as seguintes perguntas: Os Indígenas, quem são eles? Em uma palavra ou poucas palavras. Assim foram as respostas: resilientes, fortes, sofridos, esquecidos, discriminados, eles vivem, nossa identidade, exemplos do cuidado com a natureza, violentados, nossas raízes, natureza, são os verdadeiros donos desta terra, cultura, religiosidade, nossa história.



Figura 29: Representação da cena sobre o Índio tem alma? – frases de reflexão (2024)

Autoria do próprio pesquisador

Fonte: Acervo do pesquisador.

Tratamos que estas cenas foram bastante importantes para os nossos espectadores, pois muitos pais e alunos comentaram que choraram ao ver as cenas de violência na tribo indígena e se comoveram na última cena - o índio tem alma? Uma mãe diz que as frases e as imagens impactaram seu modo de ver o índio e a frase: Será que ainda estamos exterminando esse povo?

Finalizamos com a frase: “que todos nós possamos ter a alma deles.”



Figura 30: Apresentação do grupo Pôr do Sol com a dança do Carimbó (2024)
Autoria do próprio pesquisador
Fonte: Acervo do pesquisador.

Uma aluna pediu a fala, agradeceu imensamente por ter acreditado neles, nas suas capacidades e que foram momentos que nunca sairão de suas mentes, que foi aprendizado de história e vida, foram passados valores a eles e às pessoas - e que meu exemplo de professor na busca de um mundo melhor foi o maior e melhor aprendizado. Outra aluna comentou que fazer este teatro foi a melhor forma de viver e aprender a história e agradeceu por toda a paciência, de ter demonstrado amor a eles, e de ter tido uma experiência para toda a vida, pois foi além do esperado.

E, por fim, um dos alunos falou que este trabalho fez a diferença em suas vidas, pelas práticas na produção dos objetos por mais de um ano, nas trocas de ideias nas cenas, no desenvolvimento das atividades corporais e falas, da responsabilidade que pesou sobre ele (as), na passagem de conhecimento histórico e principalmente por eu colocá-los (as) como verdadeiros protagonistas e confiar nas suas capacidades de realizarem o teatro, o que será lembrado como o nome do grupo *Histórias, nossas histórias*.



Figura 31: Comemoração e celebração com os alunos (2024)
Autoria do próprio pesquisador
Fonte: Acervo do pesquisador.



Figura 32: Foto de registro dos alunos participantes do teatro (2024)
Autoria do próprio pesquisador
Fonte: Acervo do pesquisador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defendemos que a utilização do teatro é um meio muito significativo no Ensino de História, pois podemos utilizar a interdisciplinaridade com outros componentes curriculares numa proposta que venha a buscar os novos contextos na educação com as novas normativas trazidas com a nova *Base Nacional Comum Curricular*. A utilização do teatro no ensino de História contribui para que os alunos observem, confrontem as diferentes culturas ao longo da História, em diversos momentos. Além do que colabora para aprofundar temas trabalhados em sala, permitindo que o professor adapte os conteúdos à linguagem dos alunos, e conseqüentemente maior envolvimento destes no processo de aprendizagem e maior dinamização com a matéria.

Defendemos a democratização da escola por meio do teatro, colocando como instrumento de transformação, de metodologia de ensino de história, de suas inúmeras possibilidades de atingir o conhecimento histórico, sendo elas o aumento do engajamento dos alunos até o aprofundamento da compreensão histórica e o desenvolvimento de habilidades interpessoais e criativas. Integrar o teatro ao currículo de história pode tornar o aprendizado mais significativo e memorável para os alunos, proporcionando-lhes uma experiência educacional enriquecedora, as várias formas de poder avaliar seu instrumento multifacetado, de trabalhar os temas históricos com caráter desafiador que atravessa gerações, a exemplo da recriação de eventos históricos, dramatização de figuras históricas, análise de fontes históricas etc.

Acreditamos na transformação que um dos papéis dos historiadores promove, que é o de fazer lembrar o que a sociedade quer esquecer, e através do uso do teatro como possibilidade metodológica no ensino de história afirmo que esta experiência trouxe um conhecimento de que os alunos sempre recordarão e que terá o impacto de ver e perceber a história com seu próprio olhar protagonizador.

Em toda aula de História, os alunos perguntavam se haveria alguma oficina ou ensaio, ou seja, havia demonstração de interesse na realização da peça. Muitos foram os ganhos, pois as relações entre os alunos tornaram-se mais próximas, a troca de ideias e as relações interpessoais se intensificaram, além de um ganho na aula de História, pois, durante os ensaios, os alunos precisavam me explicar os conceitos com que estávamos trabalhando, por exemplo, durante as cenas da pré-história há demonstrações sobre o nomadismo, o descobrimento das tecnologias - a pedra, a produção do fogo, a descoberta da agricultura e o processo de sedentarização. Após a cena, dava uma pausa e eu, o professor, questionava os alunos sobre os conceitos aprendidos naquela dramatização. E, assim, ocorreu sucessivamente, sobre o Egito, em que se questionavam, por exemplo, a sociedade, o poder do Faraó; Grécia, as diferenças das cidades-estado Atenas e Esparta. Sobre este aspecto, Almeida (2017, p.51) diz:

O teatro pode ser tomado como uma maneira de elaboração de ensino e aprendizagem e, por isso mesmo, pode ser levado à escola, fazendo o intercâmbio entre uma forma institucionalizada de ensino e uma prática social que também implica em possibilidades educativas. Nesse aspecto, o ato de encenar os processos históricos através do teatro auxilia o aluno a aprender com criatividade e curiosidade. Essa é uma das premissas de nossa pesquisa. É importante ressaltar que a escola é um espaço de conhecimento, que coexiste com outros lugares e modelos que oferecem espaços para aprendizagem.

O interesse dos alunos se tornava maior nos personagens por eles a serem representados, pois questionavam a face de soberba das realezas ou porque os mais pobres não lutavam por seus direitos. Como conseguiram criar estruturas arquitetônicas imensas, é o que perguntavam?

A relação professor e alunos se torna mais próxima no trabalho com o teatro, pois estabelecem relações sociais mais significativas, ou seja, segundo Coelho (2014, p.1222)

O teatro na escola tem também a potencialidade de motivar toda a comunidade, aproximando professores, funcionários, gestores e pais, já que em algum momento a colaboração deles será solicitada, seja para ajudarem a montar algo, emprestar o som, fazer a luz, ficar na bilheteria, ou simplesmente para assistirem às apresentações.

Todo esse processo do ano de 2023 foi um aprendizado para os alunos e para mim, porque o mais importante foi o processo de produção e aprendizado do ensino de história até o momento. Desta forma, podemos entender em Fonseca, (2007, p.63) *apud* Almeida (2017. p.51), que:

O professor não está sozinho diante dos saberes. Ele se relaciona com alunos que trazem consigo saberes, valores, ideias e atitudes. A consciência histórica do aluno começa a ser formada antes do processo de escolarização e se prolonga no decorrer da vida, fora da escola, em diferentes espaços educativos, por diferentes meios.

Por fim, o processo dialógico professor-aluno se faz de extrema importância para o ensino de História e do se fazer professor. Neste sentido, o uso do teatro em sala de aula exercita pensamento crítico. Cabe aos professores também se perceberem como sujeitos produtores de conhecimento, e não meros reprodutores de textos ou falas.

O ensino de História não pode ser realizado sem as devidas pesquisas, pois vemos que somos mais que transformadores da sociedade, somos produtores e pesquisadores de uma sociedade que necessita construir modelos de cultura e conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia Sousa; BITENCOURT, Magali de Paula; MIZIARA, Fernanda Martins. **Gestão da sala de aula:** A autoridade do professor e o fazer pedagógico frente às novas demandas sociais. Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, p.5-6, 2006.

ALMEIDA, Maria Helena Gondim. **História, Teatro e Ensino de História:** Possibilidades metodológicas. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa Pós- Graduação em História Mestrado Profissional. Catalão - GO, 2017, p. 4-130.

ALMEIDA, Edivaldo Menegazzo de; FRANCO, Sebastião Pimentel. Indisciplina escolar: Desafio na aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental em uma escola de Mantenópolis/ES. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano 05, Ed. 08, Vol. 03, pp. 81-111. Agosto de 2020. ISSN: 2448-0959 Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/indisciplina-escolar>

ARAÚJO, Ulisses Ferreira; PÁTARO, Ricardo Fernandes. Projetos, Interdisciplinaridade e Formação Humana na Escola. In: HAHN, Fábio André; MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina S. de Oliveira.(Orgs.).**Interdisciplinaridade:** perspectivas e desafios. Guarapuava (PR) Ed. Unicentro: 2020, p.169-191.

BEZERRA, Juliana. **Educação no Brasil. Toda Matéria,** [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/educacao-no-brasil/>. 2011. Acesso em 8 jun. 2024.

BRASIL. 2017 **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica.** Ministério da Educação, Brasília, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 08 jun. 2024.

BRASIL 2018. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BRITTO, Adeanne Bonfim Santana. **Mídias e Educação:** o uso das novas tecnologias na práxis pedagógica. S.a. s.d. s.p. Disponível em.....

<https://encuentros.virtualeduca.red/storage/ponencias/bahia2018/VOFWv6oDx4Ar3jc6zpsS2gMsGAjHbRosQLArw4vC.pdf>

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas.** São Paulo: Editora Loyola, 2007.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

CARMO, Ana Lúcia Lopes do. **Interdisciplinaridade no ensino de História.** Infoescola Navegando e Aprendendo. S.d. S.p. Disponível em

<https://www.infoescola.com/pedagogia/interdisciplinaridade-no-ensino-de-historia/>. Acesso em 28 jul. 2024.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Revista Teoria e Educação,** Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

COELHO, Márcia Azevedo. Teatro na escola: uma possibilidade de educação efetiva. **Polêmica Laboratório de Estudos Contemporâneos.** [s. l.], v. 13, n. 2, p. 1208–1224, 2014.

Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/10617>. Acesso em: 23 ago. 2024.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural - entre práticas e representações,** Lisboa: DIFEL, 1990.

DELORS, Jacques; UNESCO. **Educação:** um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DESGRANGES, F. **Pedagogia do teatro:** provocação e dialogismo. São Paulo: Editora Hucitec; Edições Mandacaru, 2006.

FAZENDA, Ivani (Org.) **Práticas interdisciplinares na escola.** 8ª Ed. São Paulo (SP): Cortez, 2001.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História:** Experiências, reflexões e aprendizado. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. **Ensinar História no século XXI:** Em busca do tempo perdido. **Campinas, SP:** Papirus, 2007.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas** Perspectivas. São Paulo: Artmed, 1995.

GOULART, Joender Luiz. Desinteresse escolar: em busca de uma compreensão. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano. 07, Ed. 01, Vol. 04, pp. 89-110. Janeiro de 2022. Link de acesso <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wp-content/uploads/2022/01/desinteresse-escolar-3.pdf>

GRANERO, Vic Vieira. **Como usar o teatro na sala de aula.** Ed. Contexto. São Paulo, 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 1990.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade:** presentismo e experiências do tempo. São Paulo, Autêntica Editora, p.38, 2015.

HADDAD, Sérgio; PEREGRINO, Mônica; HARTILL, Richard; DEMARCO, Diogo Joel. Educação e exclusão no Brasil. **Revista ebulição.** Série de Debates “Desafios da Conjuntura” – Ação Educativa, p.2-20 22 – jun 2007.

JAPIASSU, R. **Metodologia do ensino do Teatro.** Campinas. SP: Ed. Papirus, 2001.

KALINKE, Marco Aurélio. **Para não ser um professor do século passado.** Curitiba: Gráfica Expoente, 1999.

KOSELLECK, Reinhart (2006). **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Contraponto; Editora PUC-Rio, p.109, 2006.

KOUDELA, Ingrid. Abordagens metodológicas do teatro na educação. **Revista Científica**, São Luís, V.3, n.2, dezembro 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, p.45, 1984.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 1994.

LIBLIK, Ana Maria Petraitis; PETRAITIS, Rosa Artini; REGINA, Laima Irene Liblik. **Contextos Educacionais**: por uma educação integral e integradora de saberes. Curitiba: Intersaberes, 2012.

LOPES, Cristiano. O WhatsApp como extensão da sala de aula: o ensino de História na palma da mão. **Revista História Hoje**, v. 5, nº 10, p. 159-179, 2016

MARCHI, Darlan de Maman. **Representações sociais, teatro e ensino de história: um diálogo possível**. Anais eletrônicos X Encontro Estadual de História –ANPUH - RS. Santa Maria, p.1- 17, 2010.

MASSCHELEIN, Jan **Em defesa da escola**: uma questão pública - 2ª Ed. Belo Horizonte (MG): Autêntica Editora, 2014.

MÉLO, Vaneza Nascimento de Oliveira. **Mídias** na Educação: impactos, contribuições e desafios no processo de aprendizagem. Rio de Janeiro: **Revista Educação Pública**, v. 23, nº26, 2023, p.1-4. Disponível em.....
<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/26/midias-na-educacao-impactos-contribuicoes-e-desafios-no-processo-de-aprendizagem>

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores**: entre saberes e práticas. 3. ed. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, p. 121-122,2006.

MORAN, José Manuel. Como utilizar a Internet na educação. Ciência da informação, v. 26, n. 2, s.p, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-19651997000200006>. Acesso em: 28 jul. 2024.

NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lydia B.. **O uso dos jogos teatrais na educação**. 2ª Ed. – Campinas (SP): Editora Papirus, 2010.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. História: A Necessidade de Repensar o Ensino de História no Âmbito Educacional e Social. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Edição 05. Ano 02, Vol. 01. pp 408-433, Julho de 2017. ISSN:2448-0959

PENNA, Fernando; AQUINO, Renata; MOURA, Fernanda. Propondo uma definição de perseguição a educadoras(es) baseada na educação democrática. **Educação & Sociedade, Campinas**, v. 45, e274629, 2024. Disponível em.....
<https://www.scielo.br/j/es/a/hbhChqZNXvVr33ct6R8nKHn/>. Acesso em: 9 maio 2025.

PINHEIRO, Isabella Santos; ALCÂNTARA, Patrícia Costa de. O teatro como ferramenta didática para o ensino de História no Ensino Médio. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 35, s.p, 2021. Disponível em: Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/35/o-teatro-como-ferramenta-didatica-para-o-ensino-de-historia-no-ensino-medio>.

PEREIRA, Bernadete Terezinha. O uso das tecnologias da informação e comunicação na prática pedagógica da escola. p.04-23, 2009. Disponível em.....
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1381-8.pdf>. Acesso em 28 jul. 2024

PINTARELLI, Fabiano Humberto. **Artigo O professor e a autoridade pedagógica: Estudo sobre as atuais condições simbólicas do exercício do magistério**. X ANPED SUL 1. Florianópolis, outubro de 2014.

ROUBINE, Jean-Jacques. **Introdução às grandes teorias do teatro**. Ed. Zahar: Rio de Janeiro, 2003.

MACHADO, Ana Maria. Entrevista. **A escola é uma ponte entre o conhecimento do passado e o presente**. Rhyzos, Revista. Rio de Janeiro, Marc de 23. Disponível em.....
<https://rhyzos.com/ana-maria-machado-escola-literatura/>

SILVA, Joice Viviane. **Intolerância religiosa e teatro no ensino de história**. Trabalho de conclusão de curso de Pós-Graduação em Ensino de História. Ensino de História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018. p.60-63.

SILVA, Joyce Mary; PAULA, Adam de; SALLES, Leila Maria Ferreira. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 217-232, 2010.

SOUZA, Janice Zanon Piacentini. O Uso da Internet como Recurso para Pesquisa. **Interface da Educação**. v. 1 n. 1 p. 20-31 2010.

SOUZA, Mirian Rodrigues de. Violência nas Escolas: Causas e Consequências. **Caderno Discente do Instituto Superior de Educação** – Ano 2, n. 2, p.119-136, 2008

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira de (Orgs.). Sociedade Conectada: Tecnologia, Cidadania e Infoinclusão. In: _____ . **Tecnologia, sociedade e educação na era digital**. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, p.17-40, 2016.

APÊNDICES

FICHA TÉCNICA DO ROTEIRO

Nome da peça	Uma Breve História da Humanidade
Ano	2023
Produção	Escrita e dirigida pelo professor Celito Ribeiro, tendo como participação os estudantes do 1ª série do Novo Ensino Médio e 1º ano Formação de Docentes.
Primeiro contato com a peça	Apresentação do esboço do roteiro 1 com as duas turmas.
Escolha dos personagens	Realizada através de uma planilha e as escolhas se deram voluntariamente.
Levantamento das aptidões dos alunos	Através de questionamentos sobre a desenvoltura de voz, cantar, características físicas e habilidades artísticas.
Escolha do local para apresentação	Após ouvir a opinião dos estudantes, a peça foi encenada no salão paroquial da Igreja Católica
Figurinos	Colaboração de funcionários, professores e da aluna do formação de docentes
Cenário	Levantamento das possibilidades técnicas como o data show, computadores, pendrives e materiais básicos como cadeiras, arbustos, pedras, biombos.
Iluminação	Possibilidade de um profissional da área que traxe os aparatos necessários para mudanças de cenas, luzes claras, coloridas para as coreografias
Pauta	Cronograma de ensaios e permissões da direção e equipe pedagógica.

Equipes de trabalho	Divididos por temas para a produção dos adereços, figurinos, objetos e cenário.
Tema	A montagem da peça teve como principal objetivo o ensino de história. Assim o tema foi definido <i>Uma Breve História da Humanidade</i> seu enfoque trouxe a trajetória dos seres humanos pela Terra numa perspectiva como se fosse uma linha do tempo num relato cronológico do tempo.
Listagem e preparação dos acessórios	Optou-se por usar materiais que pudessem ser transformados e reutilizados para a criação e produção dos acessórios: caixas de papelão, cabos de vassouras, penas de gansos, sacos de ráfia, dentes de animais, pedras, bambus, E.V.A, barbantes, tiaras, cestos etc.
Criação e confecção do cenário e dos acessórios	Foram projetadas através do data show as mudanças de cenas, porém alguns objetos como cadeiras para representar as realezas e alguns objetos de decoração serão utilizados como tapetes e biombos. Já os acessórios foram montados, criados e produzidos pelos estudantes através de pesquisas e ajuda da professora Kellen, de Arte.

<p>Pequeno resumo da peça</p>	<p>Uma breve história da humanidade trata de contar a trajetória dos seres humanos desde seu nascimento, apresentando as teorias criacionistas e evolucionistas. Ela é toda narrada pela personagem que é o Tempo. Objetivou ensinar a história dos seres humanos numa perspectiva de uma linha do tempo, onde os fatos históricos vão ocorrendo de forma cronológica - iniciando com a Pré-história, seus desafios, medos e descobertas, do paleolítico ao Neolítico. No Neolítico, por motivos das descobertas da agricultura e consequente sedentarização ocorre os primeiros núcleos urbanos e as primeiras grandes civilizações (Egito, Grécia) representando a sociedade, a política, a religião e a cultura. A cada ato haverá danças coreografadas representando as civilizações. O tempo retrata a civilização romana e a chegada da Idade Média e também seu término. O tempo contou o renascimento com as grandes navegações culminando no encontro dos portugueses com os povos originários da América do Sul, especificamente o Brasil, e finalizando numa contextualização do índio urbano e sua negação ainda em pleno século XXI.</p>
<p>Contexto complementar do enredo</p>	<p>Objetivou trazer conceitos como nomadismo, sedentarismo, poder, cultura, colonialismo, e teorias da passagem humana como criacionismo, evolucionismo. Percorreu temas que ainda agem na sociedade como negacionistas, preconceitos, gênero, política, trabalho, religiosidade, a diversidade das culturas.</p>

<p>Definição dos personagens</p>	<p>Tempo personagem principal da peça. O tempo narrou a passagem dos homens pela Terra, convidando os espectadores a perceberem toda a luta pela sobrevivência humana, desde os mais poderosos faraós aos grupos minoritários escravos, índios e servos. Seu papel foi primordial para amarrar as cenas e apresentar os encontros das transformações ocorridas pelos seres humanos, como também as permanências de longa duração que ainda permeiam a sociedade atual. Outros personagens atuaram de forma a seguir a narração do personagem Tempo, havendo homens e mulheres que se transformaram em primatas, faraós, reis, rainhas, escravos, senadores, mulheres sem direitos, mulheres governantes, jesuítas, colonizadores, índios e índias, servos, religiosos.</p>
-----------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ROTEIRO 1: APRESENTAÇÃO PARA OS ALUNOS - ESBOÇO SEM FINAL - AGOSTO/2023

A HISTÓRIA DO MUNDO - A TRAJETÓRIA DA VIDA HUMANA NA TERRA SUAS HISTÓRIAS E SEUS DESAFIOS.

Música de entrada: <https://www.youtube.com/watch?v=cih1k4e9dzq>

Personagem inicial: ancião

Narração do ancião:

Eu sou a testemunha da vida que tudo viu, vê e verá...

Preste atenção no que vou lhes contar a história da humanidade vou lhes narrar!

Telão com as imagens do mundo:

<https://www.youtube.com/watch?v=2kehcvk2i>

Neste mundo muitas coisas vi e vivi - o nascimento do homem, guerras, descobertas, dores, amores, invenções, criações, empoderamentos, sofrimentos, reconhecimentos, lutos, racismos, preconceitos.

Música de fundo (reflexão)

Sei que tudo nesta vida tem histórias que permanecem, mas que muitas rupturas também acontecem - ambas nos favorecem.

Através da sombra serão apresentadas as 2 teorias

Até hoje muito se discute como o homem surgiu.

Uns falam que foi através da evolução, outros da criação.

Alunos que farão a dança tribal.

Apresentação de uma dança com ritual tribal:

<https://www.youtube.com/watch?v=yijns4k2cvu> 1:50

Ancião: vou começar a contar o que vi...

Personagens: 6 alunos caracterizados da pré-história

Alunos começam a entrar no palco

Música de entrada: https://www.youtube.com/watch?v=cdcrs_zxsr4 -1 minuto.

Os homens primitivos muitas coisas nos legaram, pois caminhando nômade, muitas coisas encontraram - os alimentos necessários frutos e raízes nos deixou.

Música triste: <https://www.youtube.com/watch?v=n9r9v7wnouo> 40 segundos

Nesta longa caminhada muitos morreram e um sofrimento para o bando ocasionou.

Música: <https://www.youtube.com/watch?v=gwrnehmggl8> 1min 20 seg.

O tempo passou e um dia sem querer algo novo aprendeu, pois uma ferramenta importante conheceram - uma pedra de sílex e quartzo uma tecnologia nasceu - muita outras vieram depois das pedras lascadas e polidas.

Muito tempo depois os anos se passaram e outro elemento de sobrevivência geraram - o fogo! Friccionando a madeira ou a batida das pedras - a chama acendeu - os alimentos assaram, e as noites frias já não passaram e seus caminhos os fogos iluminaram.

O ancião adormece...

Personagens ficam paralisados.

Personagem: aluno na platéia: ei velhinho... A história do mundo parou por aí?

Ancião: acorda assustado... Ixiii... não é nem o começo.

Ancião: pois bem, outro feito de grande valor ocorreu - foi de grande valia - uma descoberta maravilhosa que até hoje se estendeu.

A mulher primitiva com seu olhar aguçado - uma coisa percebeu - que de um grãozinho encorajado uma planta nasceu.

Foi feito precioso, mais que maravilhoso - as sementes eram iguais esculturas - era a descoberta da agricultura.

Algo mudou, pois a caminhada longa, dura e comprida por este mundo já não mais precisaram e os homens primitivos se sedentarizaram.

Ancião: vamos agora parar um pouco está história e o tempo avançar e para começar uma música da antiguidade dançar!

Alunos que irão dançar!

1 minuto

Música: https://www.youtube.com/watch?v=l6y-h2dw_7i

1 min 15 seg

Música de fundo: <https://www.youtube.com/watch?v=gz-rh8lkrew&t=83s>

Após a dança - quando o ancião começar a falar irá surgir uma caravana de pessoas caminhando!

Ancião: então, nos vales do Rio Nilo...

ROTEIRO 2 ESBOÇO COM ACRÉSCIMOS E ALTERAÇÕES NAS CENAS

TEMA HUMANIDADE

Cena inicial: a entrada do ancião

Fala do ancião:

Eu sou um ancião que tudo viu, vê e verá

Hoje vou lhes contar a história da humanidade.

Muitas coisas vi e vivi - o nascimento do homem, guerras, descobertas, dores, amores, invenções, criações, empoderamentos, sofrimentos, reconhecimentos, lutos, racismos, preconceitos.

Sei que tudo nesta vida tem histórias que permanecem, mas que muitas rupturas também acontecem.

Até hoje muito se discute como o homem surgiu.

Alguns falam que foi através da evolução e outros da criação.

Alunas que farão a dança tribal.

Apresentação de uma dança com ritual tribal:
<https://www.youtube.com/watch?v=yijns4k2cvu> 1:50

2ª cena:

Ancião: vou começar a contar o que vi...

Os homens primitivos muitas coisas legaram à humanidade, pois caminhando nômade, muitas coisas encontram - os alimentos necessários frutos e raízes para nossa sobrevivência.

Nesta longa caminhada muitos morreram e um sofrimento muito grande aconteceu.

Porém, o tempo passou e um dia sem querer algo novo o homem primitivo aprendeu - uma ferramenta importante conheceu - era uma pedra de sílex e quartzo, então uma tecnologia nasceu - muitas outras tecnologias vieram depois

destas pedras.

Muito tempo depois os anos se passaram e outro elemento de sobrevivência o homem primitivo conheceu - era o fogo! Friccionando a madeira ou a batida das pedras - a chama acendeu - os alimentos podem assar, e as noites frias já não passaram e seus caminhos o fogo iluminou.

3ª cena:

Ancião: Pois bem, outro feito de grande valor ocorreu - foi de grande valia - uma descoberta maravilhosa que até hoje se estendeu.

A mulher primitiva com seu olhar aguçado - uma coisa percebeu - que de um grãozinho encouraçado uma planta nasceu, foi feito precioso, mais que maravilhoso - as sementes eram iguais às esculturas - era a descoberta da agricultura.

Algo mudou, pois a caminhada longa, dura e comprida por este mundo já não mais precisou e o homem primitivo sedentarizou.

4ª cena dança egípcia

Música: https://www.youtube.com/watch?v=l6y-h2dw_7i

Música de fundo: [https://www.youtube.com/watch?v=gz-rh8lkrew & t=83s](https://www.youtube.com/watch?v=gz-rh8lkrew&t=83s) (caravana).

Após a dança - quando o ancião começar a falar irá surgir uma caravana de pessoas caminhando!

Ancião: nos vales dos rios da África, da Ásia muitos agrupamentos humanos surgirão conhecidos primeiramente como nomos com seus líderes nomarcas.

Um grande líder irá nesta época nascer - menés ou narmer e o baixo e alto Egito unificar.

Surgiram então as dinastias na figura do faraó com seu governo teocrático - todos irão o adorar!

Alunos (faraó, rainha, 2 servos, vizir, sacerdotes, guerreiros, escribas, vizir, artesãos, camponeses e escravos).

Fala do faraó: tudo que criei neste reino!

Todos a mim obedecerão, impostos e trabalho pagarão!

Eu sou o deus de todos - todos deverão adorar! E todos os deuses seguir, pois ao morrer o livro dos mortos os sacerdotes abrirão e se obedecerem todos ressuscitarão!

Telão: imagens da Grécia antiga

Ancião: na Europa, 2 civilizações surgiram com um enorme legado de sua construção histórica: política, economia, religião e cultura essenciais para a formação das sociedades.

A Grécia antiga era formada por várias cidades-estados, porém 2 cidades sobressaíram e que muito nos ensinam até hoje.

Alunos: 10 (Péricles, cidadãos atenienses)

Péricles: discurso de Péricles

A nossa constituição política não segue as leis de outras cidades, antes lhes serve de exemplo. O nosso governo chama-se democracia, porque a administração serve aos interesses da maioria e não de uma minoria.

Nós consideramos o cidadão que se mostra estranho ou indiferente à política como um inútil à sociedade e à república

Decidimos por nós mesmos todos os assuntos sobre os quais fazemos.

Por isto nos distinguimos, porque sabemos empreender as coisas juntando a audácia à reflexão, mais que qualquer outro povo.

Ancião: Esparta outra cidade-estado da Grécia antiga terá sua história e suas características diferentes de Atenas

Alunos personagens (10 reis, mulheres, soldados)

Rei: Eu vejo um exército todo, feito de homens do meu país, desafiando a tirania.

Lutem e poderão morrer, fujam, e viverão... Pelo menos por um tempo. E morram em vossas camas, porque daqui a muitos anos, vocês estarão dispostos a trocar os dias da vossa vida por uma chance, apenas uma chance para voltar aqui e dizer aos nossos inimigos que eles poderão tirar-nos a vida, mas nunca nos tirarão a nossa liberdade.

Apresentação de uma dança grega:

<https://www.youtube.com/watch?v=oggnc9qo7rq>

Ancião: outros povos vão surgir - os romanos que muito irão ensinar e com seu império o mundo irá dominar.

Alunos (13 alunos 2 etruscos, 1 senador republicano, 1 imperador, 5 senadores, 3 representando camponeses e escravos)

Reis etruscos: somos etruscos e como monarquias vão reinar e toda Roma administrar

Republicanos: pare com este discurso - a república vamos implantar e com o senado e as cúrias as leis vamos criar.

Imperador César: fracos! A democracia não serve para Roma e o império em Roma vou assentar.

Nossas glórias, honras e poder o mundo irão ver e nossa expansão romana haverão de ter.

Pão e circo não vão faltar!

Os romanos nas arquibancadas das arenas as lutas dos melhores gladiadores assistirão e com exultação os lutadores romanos verão!

A história do povoamento indígena no Brasil é, antes de tudo, uma história de despovoamento, já que é possível considerar que o total de nativos que habitavam o atual território brasileiro em 1500 passava da casa dos milhões de pessoas e hoje mal ultrapassam os 300 mil indivíduos.

Despovoamento, portanto! Eis o primeiro grande traço da história indígena no Brasil, como, de fato, ocorreu nas Américas em proporções gigantescas.

1ª cena: o encontro com o desconhecido

Durante muitos e muitos anos os indígenas permaneceram isolados de outras civilizações, neste continente americano criaram sua cultura social, econômica e religiosa, vivia da caça, coleta e pesca e as mulheres preparavam os alimentos para a aldeia.

Seus rituais religiosos e cotidianos permaneciam intocáveis.

Porém em 1500 houve o inevitável encontro com outra civilização - os portugueses - o medo pelo desconhecido, o estranhamento e a curiosidade de

ambas as civilizações foi o primeiro impacto deste encontro.

A partir de então nada mais seria igual...

2ª cena: a extração do pau brasil

Logo de início da colonização os portugueses perceberam as riquezas das terras encontradas e iniciaram a exploração do trabalho indígena na extração da madeira chamada pau-brasil, nome pelo qual foi batizado o nosso país, através do escambo - indígenas e portugueses trocavam as mercadorias - índios extraíam madeira pau-brasil das florestas e levaram até as feitorias, em troca de bugigangas, como espelhos, apitos, chocalhos, que eles viam como objetos mágicos.

3ª cena: catequização dos índios

Em 1549 chegaram os jesuítas no Brasil, junto com a expedição de Thomé de Souza, eles tinham o objetivo de trazer o catolicismo e a fé cristã para as regiões recém descobertas, no século xvi, principalmente à América.

Estes jesuítas começaram a catequizar os índios americanos, transmitindo-lhes a língua portuguesa e espanhola, os costumes europeus e a religião católica.

4ª cena: escravização e extermínio

O extermínio dos indígenas foi uma triste realidade desde os primeiros contatos com o europeu, pois neste contato transmitiam-se doenças aos nativos que, sem anticorpos, não resistiram. Passado algum tempo, acaba o estado de reciprocidade entre os portugueses e os índios, necessitando de mão de obra para as lavouras de cana de açúcar, os obrigavam a serviços forçados.

Para escapar do trabalho escravo, os nativos fugiam para o interior, afastando-se cada vez mais no litoral. Na captura destes, através das bandeiras de aprisionamento, muitos ofereciam resistência e eram cruelmente assassinados.

5ª cena: o índio hoje

O índio tem alma?

Quanto ainda somos parecidos com o branco europeu "civilizado"? Será que conseguimos percebê-los à nossa volta? Notá-los? seu barulho? seu som? seus movimentos? suas lutas? Eles são visíveis ou invisíveis nos grandes centros? Será que ainda estamos exterminando esse povo?

O quanto nossa diferença na defesa de suas causas as torna mais silenciada? Esquecidas? - eles resistem, lutam.

Sua cultura, sua religião, seu artesanato, sua simplicidade sobrevive! supera o tempo, culturas, carências e indiferenças.

Quem não tem alma são realmente os índios?

Vamos aprender com os índios? que eles hoje nos catequizam - nos ensinem o perdão, o respeito pelo outro, o fim dos preconceitos, das indiferenças, das solidariedades - nos ensine a amar o próximo, o cuidado com a nossa mãe terra, nossa casa, enfim, que eles nos ensinem a ter a alma deles.

ROTEIRO OFICIAL 3: ALTERAÇÕES COM AS SUGESTÕES DO NOME DO TEMA, PERSONAGENS, MÚSICAS, CENÁRIO.

UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Sonoplastia: Inicia-se com a música de entrada



1 - MÚSICA DE ENTRADA.mp4

O Tempo Entra Em Cena No Palco

Fala do personagem o Tempo:

Eu sou o tempo que tudo viu, vê e verá... preste atenção no que vou lhes contar:
A história, nossas histórias... vou narrar.

CENÁRIO: Telão - Nossa História em 2 minutos. Apenas o vídeo sem som.



2 - TELÃO Nossa História em 2 Minutos.mp4

Fala do personagem o Tempo:

Neste mundo, muita coisa vi e vivi a grande explosão, a formação do universo, os primeiros seres, o nascimento e morte de animais gigantescos e muitos

outros surgindo, a evolução do homem, a produção do fogo, da agricultura, os surgimentos de grandes civilizações, épocas de escuridão, e o renascer da cultura, descobertas, invenções, a dolorosa escravidão, a revolução industrial, a exploração, sofrimentos, vi impérios surgirem, eu vi a dor, a angústia e o desespero, eu vi as guerras tristes e dolorosas, bombas nucleares e inocentes morrendo, vi as mulheres lutarem pelos seus direitos, protestos, racismo, Martin Luter King, foguetes indo para o espaço, eu vi muros caírem, eu vi surgir a tecnologia, torres sendo derrubadas, pessoas lutando por seus direitos, o descaso pelo planeta e conseqüentemente seu caos.
Sei que tudo nesta vida tem histórias que permanecem, mas que muitas rupturas também acontecem - ambas nos favorecem.

Fala do personagem o Tempo:

Ainda hoje muito se discute como o homem surgiu. Uns falam que foi através da evolução, outros da criação.
Vou começar a contar o que vi.

Cenário: Telão - Apresentar as duas teorias: Evolucionismo e Criacionismo.



3. TELÃO Teorias criacionistas.pdf

Fala do personagem o Tempo: Introdução

O HOMEM PRIMITIVO E SUA CAMINHADA (aumenta o tom da voz)

Personagens primatas começam entrar em cena

Sonoplastia abre a música de entrada dos personagens primatas:



3.1 TREE OF LIFE - Beautiful Inspirational Orchestral Music Mix.mp4

Fala do personagem o Tempo:

Os homens primitivos, muitas coisas nos legaram, pois caminhando nômades, muitas coisas encontraram - os alimentos necessários, frutos e raízes nos deixaram.

Sonoplastia abre a música: luto/tristeza.



3.2- MORTE HOMEM DAS CAVERNAS.crdownload

Fala do personagem o Tempo:

Nesta longa caminhada muitos morreram e um sofrimento para o bando ocasionou.

Sonoplastia abre a música



4 - PORÉM O TEMPO PASSOU.mp4

Fala do personagem o Tempo:

O tempo passou e um dia sem querer algo novo aprenderam, pois uma ferramenta importante conheceram - uma pedra de sílex e quartzo, uma tecnologia então nasceu - muitas outras tecnologias vieram depois das pedras lascadas e polidas.

Pausa para mudança de cena:

Muito tempo depois os anos se passaram e outro elemento de sobrevivência gerou - o fogo! Friccionando a madeira ou a batida das pedras - a chama acendeu - o alimento assou, e as noites frias já não passaram e seus caminhos o fogo iluminaram.

Pausa para mudança de cena:

Pois bem, outro feito de grande valor ocorreu - foi de grande valia - uma descoberta maravilhosa que até hoje se estendeu.

A mulher primitiva com seu olhar aguçado - uma coisa percebeu - que de um grãozinho encouraçado uma planta nasceu.

Foi feito precioso, mais que maravilhoso - as sementes eram iguais às esculturas - era a descoberta da agricultura.

Pausa para mudança de cena:

Algo mudou, pois a caminhada longa, dura e comprida por este mundo já não mais precisavam e o homem primitivo se sedentarizaram.

Personagens saem de cena devagar

1ª Coreografia: Dança tribal

Sonoplastia: Dança tribal



4.1 - DANÇA TRIBAL.mp4

Enquanto isso: **Contra-regras alteram o cenário**

Sonoplastia: Som da entrada da caravana egípcia.

<https://www.youtube.com/watch?v=Gz-Rh8lkRew&t=83s>

Personagens representando os egípcios entram em cena:

Fala do personagem o Tempo:

Então, nos vales dos rios da África, da Ásia, muitos agrupamentos humanos surgiram - conhecidos primeiramente como nomos com seus líderes - os nomarcas.

Um grande líder irá nesta época nascer - Menés e o Baixo e Alto Egito unificar.

Surgiram então, as dinastias na figura do faraó com seu governo teocrático - todos irão o adorar!

Faraó e rainha sentam no trono e alguns escravos irão ficar abanando-os.

Faraó fica de pé e todos se ajoelham a seus pés

Fala do personagem do faraó:

Tudo neste mundo criei e também neste reino!

Todos a mim obedecerão, impostos e trabalho pagarão!

Eu sou o deus de todos - todos deverão me adorar! E todos os deuses seguirem, pois ao morrerem o livro dos mortos os sacerdotes abrirão, e se obedecerem, todos ressuscitarão!

Faraó faz um gesto para entrar as dançarinas - e sua caravana vai saindo

2º coreografia: Dança Egípcia

Sonoplastia: Dança Egípcia



Dança Egípcia.mp3

Contra-regras alteram o cenário

Cenário:Imagens da Grécia Antiga

Cenário Físico: Cadeiras e tapetes

Sonoplastia: Entrada dos Atenienses no palco

<https://www.youtube.com/watch?v=GVbLt7nZqX8&t=177s>

Entrada dos personagens que representam a cidade-estado de Atenas

Fala do personagem o Tempo:

Na Europa, duas civilizações surgiram essenciais para a formação das sociedades.

A Grécia antiga era formada por várias cidades-estados, porém duas cidades sobressaíram e que muito nos ensinam até hoje.

Fala do personagem o Tempo:

A primeira cidade-estado da Grécia Antiga é a cidade de Atenas, considerada o berço da democracia, Atenas é a cidade em que floresceram a filosofia, o teatro, a arte e a vida urbana na Grécia seu auge ocorreu durante o governo de Péricles, no período clássico.

Pausa para entrada dos atenienses

O papel da mulher na sociedade ateniense era de subserviência ao homem. "Elas deviam servir e obedecer ao pai, ao irmão, ao marido ou ao homem ao qual pertenciam". Elas não eram consideradas cidadãs e não dispunham de nenhum direito ou mesmo de liberdade.

Fala do personagem Péricles:

A nossa constituição política não segue as leis de outras cidades, antes lhes servem de exemplo. O nosso governo chama-se democracia, porque a administração serve aos interesses da maioria e não de uma minoria.

Nós consideramos o cidadão que se mostra estranho ou indiferente à política como um inútil à sociedade e à república

Decidimos por nós mesmos todos os assuntos sobre os quais fazemos.
Por isto nos distinguimos, porque sabemos empreender as coisas juntando a
audácia à reflexão, mais que qualquer outro povo.

Os cidadãos atenienses saem de cena

Fala do personagem o Tempo:

Esparta outra cidade-estado da Grécia antiga terá sua história e suas
características diferentes de Atenas, pois Esparta foi uma das mais
importantes cidades-estado da Grécia antiga e ficou marcada por ter uma
sociedade hierarquizada com pouca mobilidade social.

Entrada dos personagens representando os espartanos.

Sonoplastia: Entrada dos espartanos

<https://www.youtube.com/watch?v=N5wBTBCRsmQ>

Fala do personagem o Tempo:

As mulheres recebiam uma rigorosa educação física e psicológica. Além disso,
elas participavam das reuniões públicas, disputavam competições esportivas e
administravam o patrimônio familiar.

Fala da personagem representando a 1ª Rainha de Esparta:

Todos levantem!

Como rainha administradora desta cidade-estado quero ouçam com bastante
atenção a nossa rainha dos exércitos.

Fala da personagem representando a 2ª Rainha de Esparta:

Eu vejo um exército todo, feito de homens do meu país, desafiando a tirania.

Lutem e poderão morrer, fujam, e viverão... Pelo menos por um tempo. E
morrão em vossas camas, porque daqui a muitos anos, vocês estarão dispostos
a trocar os dias da vossa vida por uma chance, apenas uma chance para voltar
aqui e dizer aos nossos inimigos que eles poderão tirar-nos a vida, mas nunca
nos tirarão a nossa liberdade.

Espartanos lutaremos e venceremos sempre!

Fala dos cidadãos espartanos:

Ahú, ahú, ahú

A rainha administradora bate as mãos para as dançarinas entrarem e fazem a saída

3ª coreografia Dança Grega

Sonoplastia: Dança Grega

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OGgnC9Qo7rq](https://www.youtube.com/watch?v=OGgnC9Qo7rq)

Cenário:

Telão com imagens de Roma - apenas imagens sem som.

<https://www.youtube.com/watch?v=aVr6k5QXhw4>

Fala do personagem o Tempo:

Outros povos vão surgir - os romanos. A Roma antiga foi uma civilização da Itália que surgiu no século VIII a.c, localizada ao longo do Mar Mediterrâneo e tinha como centro a cidade de Roma, na Península Itálica. Posteriormente, essa civilização se expandiu e se tornou um dos maiores impérios do mundo antigo, porém seu domínio e todo seu império desabaram com as invasões bárbaras, dificuldades com a administração e escassez de escravos.

Pausa para apresentar a Idade Média**Cenário:**

Imagens da Idade Média - início com as trevas

<https://www.youtube.com/watch?v=B9jQj75bRBs>

Fala do personagem o Tempo:

Eu avistei novos tempos de escuridão, trevas... Ficou marcada pelo feudalismo, pela influência da igreja, e pelas cruzadas e inquisição. Vi mulheres sendo queimadas nas fogueiras, pestes, fome, perseguições. Enfim, vi quando se encerrou com a crise do século XIV e a expansão marítima.

Pausa para apresentar o Renascimento e as Grandes Navegações

Cenário:

Imagens do Renascimento e das Grandes Navegações

Sonoplastia: enquanto tempo vai narrando

<https://www.youtube.com/watch?v=ic3XTt7FNfQ&t=56s>

Então vi surgirem outros tempos que chamaram de Renascimento. Os pensadores dos séculos XV e XVI retomam o conhecimento dos greco-romanos, que renasce na passagem da idade média para a moderna, daí o nome do período que faz referência ao renascer da racionalidade, do humanismo e do antropocentrismo dos antigos.

As grandes navegações foram o processo de exploração do oceano atlântico realizado pioneiramente por Portugal no século XV e acompanhado por outros países europeus ao longo do século XVI. Levaram a uma série de "descobrimientos" por parte dos europeus e resultaram, por fim, na chegada europeia ao continente americano em 1500.

Pausa para apresentar o encontro com os indígenas

CENÁRIO:

Imagens das caravelas chegando ao Continente americano.

Fala do personagem o Tempo:

Então vi, vivi esta chegada... Ouçam!

O encontro dos portugueses com os indígenas na América do sul

Sonoplastia: História do povo indígena

<https://www.youtube.com/watch?v=gbgTdPuIkNI&list=LL&index=76>

Entrada dos personagens representando os índios

Fala do personagem o Tempo:

O povoamento indígena no Brasil é, antes de tudo, uma história de despovoamento, já que é possível considerar que o total de nativos que habitava o atual território brasileiro em 1500 passava da casa dos milhões de

pessoas e hoje mal ultrapassam os 300 mil indivíduos.

Despovoamento, portanto! Eis o primeiro grande traço da história indígena no Brasil, como, de fato, ocorreu nas Américas em proporções gigantescas.

Fala do personagem o Tempo:

O encontro com o desconhecido

Durante muitos e muitos anos os indígenas permaneceram isolados de outras civilizações. Neste continente americano criou sua cultura social, econômica e religiosa.

Estes viviam da caça, coleta e pesca e as mulheres preparavam os alimentos para a aldeia.

Seus rituais religiosos e cotidianos permaneciam intocáveis.

4ª coreografia Dança indígena

Sonoplastia:

<https://www.youtube.com/watch?v=tjLjTuCGCKO>

Sonoplastia:

<https://www.youtube.com/watch?v=CKr295fM9Ug&list=PLUW8CTcIN6tYOmu mJT0IS1y3eyFSf-ugL>

Entrada dos personagens representando os portugueses

Fala do personagem o Tempo:

Porém, em 1500 houve o inevitável encontro com outra civilização - os portugueses - o medo pelo desconhecido, o estranhamento e a curiosidade de ambas as civilizações foi o primeiro impacto deste encontro.

A partir de então nada mais seria igual.

Pausa para apresentar a extração do pau Brasil e exploração dos indígenas

Logo de início da colonização, os portugueses perceberam as riquezas das terras encontradas e iniciou a exploração do trabalho indígena na extração da madeira chamada pau-brasil, nome pelo qual foi batizado o nosso país, através do escambo - indígenas e portugueses trocavam as mercadorias - índios extraíam madeira pau-brasil das florestas e levaram até as feitorias, em troca

de bugigangas, como espelhos, apitos, chocalhos, que eles viam como objetos mágicos.

Pausa para apresentar a catequização dos índios

Sonoplastia: Entrada dos jesuítas

<https://www.youtube.com/watch?v=hALGhwBl03I&t=11s>

Entrada dos personagens representando os Jesuítas

Fala do personagem o Tempo:

Em 1549 chegam os jesuítas no Brasil, junto com a expedição de Thomé de Souza. Eles tinham o objetivo de trazer o catolicismo e a fé cristã para as regiões recém-descobertas, no século xvi, principalmente à América. Estes jesuítas começaram a catequizar os índios americanos, transmitindo-lhes as línguas portuguesas e espanholas, os costumes europeus e a religião católica.

Pausa para apresentar a escravização e extermínio

Sonoplastia: Exploração, escravidão e extermínio

<https://www.youtube.com/watch?v=pUZeSYsUOUk>

Entrada dos personagens representando os bandeirantes e capitães do mato

O extermínio dos indígenas foi uma triste realidade desde os primeiros contatos com o europeu, pois neste contato transmitiam-se doenças aos nativos que, sem anticorpos, não resistiram. Passado algum tempo, acaba o estado de reciprocidade entre os portugueses, necessitando de mão de obra para as lavouras de cana de açúcar, os portugueses obrigavam a serviços forçados.

Para escapar do trabalho escravo, os nativos fugiam para o interior, afastando-se cada vez mais no litoral. Na captura destes, através das bandeiras de aprisionamento, muitos ofereciam resistência e eram cruelmente

assassinados.

Entrada dos personagens representando os índios urbanos

Sonoplastia: índios urbanos

<https://www.youtube.com/watch?v=ZNQwwOYUjIw>

Fala do personagem o Tempo:

O índio tem alma?

Quanto ainda é parecido com o branco europeu "civilizado", será que conseguimos percebê-los à nossa volta? Notá-los? Seu barulho? Seu som? Seus movimentos? Suas lutas? Eles são visíveis ou invisíveis nos grandes centros? Será que ainda estamos exterminando esse povo?

Pausa

O quanto nossa diferença na defesa de suas causas as torna mais silenciadas? Esquecidas? - Os povos indígenas resistem, lutam.

Sua cultura, sua religião, seu artesanato, sua simplicidade sobrevivem! Supera o tempo, culturas, carências e indiferenças.

Pausa

Quem não tem alma são realmente os índios?

Vamos aprender com os índios? Que eles hoje nos catequizem - nos ensine o perdão, o respeito pelo outro, o fim dos preconceitos, das indiferenças, das solidariedades - nos ensine a amar o próximo, o cuidado com a nossa mãe terra, nossa casa, enfim, que eles nos ensinem a ter a alma deles.

Silêncio do tempo.

Entra a última dança: Grupo Pôr do Sol¹⁶: Carimbó!

Após Todos entram e agradecem a platéia.

¹⁶ O Grupo Pôr do Sol é um grupo folclórico do município de Quinta do Sol que aceitou participar do teatro.

1. Autorização dos Pais ou responsáveis para participação dos ensaios e autorização de imagem.



AUTORIZAÇÃO

Eu,..... Pai ou responsável do (a) aluno (a)....., autorizo a utilização das imagens (fotografias, vídeos, redes sociais, ensaios) de meu filho para o trabalho de Teatro e História da Dissertação de Mestrado do Proffhistória da UNESPAR – Campo Mourão do Professor e aluno mestrando Celito Ribeiro.

Quinta do Sol, _____/_____/_____

Por ser verdade, assino
